



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

ANDRÉA PINHEIRO PAIVA CAVALCANTE

**A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz -
estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da
periferia**

**FORTALEZA
2006**

ANDRÉA PINHEIRO PAIVA CAVALCANTE

**A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz -
estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da
periferia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

FORTALEZA
2006

"Lecturis salutem"

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Telma Regina Abreu Camboim - Bibliotecária - CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas - UFC

C364e

Cavalcante, Andréa Pinheiro Paiva.

A escuta popular da rádio comunitária do Edson Queiroz [manuscrito] : estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia / por Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante. – 2006.

215 f. : il.; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 29/08/2006.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Ângela Maria Bessa Linhares.

Inclui bibliografia.

1-RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA – ASPECTOS SOCIAIS – DENDÊ(FORTALEZA,CE). 2-RÁDIO NA EDUCAÇÃO – DENDÊ(FORTALEZA,CE). 3-COMUNICAÇÃO E CULTURA – ASPECTOS SOCIAIS – DENDÊ(FORTALEZA,CE). 4-MULHERES NA RADIODIFUSÃO – DENDÊ (FORTALEZA,CE). 5-MULHERES NO DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE – DENDÊ (FORTALEZA,CE). 6-RÁDIO COMUNITÁRIA EDSON QUEIROZ(DENDÊ (FORTALEZA,CE)). 7-MOMENTO SAÚDE(PROGRAMA DE RÁDIO). 8-FORÇA DA MULHER SOLIDÁRIA (PROGRAMA DE RÁDIO). I- Linhares, Ângela Maria Bessa, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. III- Título.

CDD(21ª ed.) 302.2344098131

13/06

ANDREA PINHEIRO PAIVA CAVALCANTE

**A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz - estudo
introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, UFC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Ângela Maria Bessa Linhares (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª Drª Inês Sílvia Sampaio Vitorino
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof. Dr. João Figueiredo
Universidade Federal do Ceará - UFC

*Aos meus pais, Pinheiro e Margarida
e aos meus filhos, Lucas e Artur.*

AGRADECIMENTOS

“Quem dá não deve se lembrar, mas quem recebe nunca deve esquecer.”¹

Durante todo o meu percurso como mestranda e mesmo antes da aprovação no Mestrado em Educação Brasileira da UFC, foi muito gratificante receber os gestos de carinho e afeto manifestados, cada um à sua maneira, em favor da consecução deste trabalho. Deste modo, sei que sempre me lembrarei de:

Marília Romero Campos, pelo carinho e por se haver lembrado de mim e me emprestado um projeto de pesquisa de doutorado sobre rádios comunitárias, o que me deu coragem para enfrentar o desafio da pesquisa; **Gilmar de Carvalho**, por ouvir meus desejos, saber compreendê-los e, principalmente, por me levar ao encontro de Ângela Linhares; **Gal Kury**, pelo estímulo; **Christine Betty**, na torcida desde o processo de seleção; **Juliana Lotif**, pelo apoio desde os aprestos da apresentação para qualificar a pesquisa e formatar o texto final, sempre com muito carinho e capricho; **Alessandra Alcântara**, acompanhando cada etapa desta pesquisa com muito afeto; **Ana Cláudia Teixeira, Tutti (Maria Edméia) e Érica Atem**, companheiras de percurso, de angústia e frio na barriga, mas principalmente de força, bom humor e solidariedade; **Dona Cilene, Rosângela, Dona Darci** e todas as mulheres do Grupo de Economia Solidária, por esse maravilhoso encontro de vidas e esperanças; **Eudes Xavier**, do Instituto Florestan Fernandes, por me apresentar ao Grupo de Socioeconomia Solidária; **Raimundo Severo**, ex-presidente da Associação de Moradores, pelas trocas de impressões sobre o Dendê; **Leandro e João Almeida**, fundadores da Rádio Comunitária, pelas longas conversas sobre a Comunidade Edson Queiroz; **Equipe do NAMI**, por ceder os dados quantitativos sobre o bairro; **Professora Miriam Calíope e Silésia Fernandes**, pelas entrevistas; **Marcelo Barbalho e Paulo Maia**, colegas e professores da UNIFOR, que ajudaram na captação de imagens e na sistematização dos dados sobre a Comunidade do Dendê; **FUNCAP**, pelo apoio em 2005; à **equipe da Central de Rádio da UNIFOR (Charleston, Thiago, Tatiana, Mirna, Yohanna, Aline, Leonardo, Maia, Júnior e Nathália)** pela força; **Nanci Alves e Francisco Moraes**, amigos-irmãos, com quem compartilhei todas as etapas desta pesquisa e que, mesmo morando longe, estiveram sempre por perto, oferecendo uma palavra amiga; **Nonato Lima**, por ter me apresentado, (ainda na graduação), ao rádio que transforma e pela troca de idéias e aprendizados constantes; **Pedro Sanchez**, pela inspiração e estímulo; **Lena e Samara**, pela presença, alegria e carinho nos

¹ Provérbio hindu, publicado na revista Gênios, ano 1, nº 1 2005.

cuidados ao Lucas e Artur, deixando-me tranqüila na hora de trabalhar; **Inês Sampaio**, uma amiga de todas as horas e situações, que acompanhou cada passo da minha aspiração ao mestrado, pelos livros, idéias debatidas, sonhos partilhados e principalmente pelo sorriso encorajador, sempre presente; **Ângela Linhares**, por tudo: pela competência, sensibilidade, leveza e firmeza na condução de toda a orientação e principalmente por acreditar em mim. **Pinheiro e Margarida**, meus pais, pela gênese. Pela fé no povo e na coragem de lutar com ele, sempre compartilhados em nossa casa; **Flávio, Lucas e Artur**, meus três grandes amores, com quem tenho aprendido muitas coisas. **Flávio**, pela ponte de afetividade que me levou à **Ângela**, sua amiga e parceira de composição musical; por ter lido e comentado tudo com muito carinho e atenção, querendo o meu melhor; **Lucas e Artur**, pela contribuição da inocência estimuladora. **Aos três**, pela presença sempre amorosa, cúmplice, calorosa e principalmente por fazerem da nossa família um exercício constante de felicidade.

Tudo tem seu tempo

Todas as coisas têm o seu tempo e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada um foi prescrito. Há tempo de nascer e tempo de morrer. Há tempo de plantar. Há tempo de arrancar o que se plantou. Há tempo de matar e tempo de sarar. Há tempo de destruir e tempo de edificar. Há tempo de chorar e tempo de rir. Há tempo de se afligir e tempo de dançar. Há tempo de espalhar pedras e tempo de as ajuntar. Há tempo de dar abraços e tempo de se afastar deles. Há tempo de adquirir e tempo de perder. Há tempo de guardar e tempo de lançar fora. Há tempo de rasgar e tempo de coser. Há tempo de calar e tempo de falar. Há tempo de amor e tempo de ódio. Há tempo de guerra e tempo de paz.

(Eclesiastes 3 -1-9)

RESUMO

Esta pesquisa relata como se dá a produção do sujeito no espaço da periferia a partir das mediações de cotidiano, cultura, linguagem e educação. Partindo da análise dos programas radiofônicos *Momento Saúde* e *A Força da Mulher Solidária*, apresentados na Rádio Comunitária Edson Queiroz, no bairro do Dendê, em Fortaleza, elaboram-se os cenários discursivos sobre os quais se identifica como se erige, a partir do ambiente da emissora, o sujeito da periferia. O *Momento Saúde*, produção de estudantes do Curso de Enfermagem, assume um discurso de mão única, ao tratar das questões de saúde do bairro e deixa entrever na sua narrativa a concepção de popular sob a qual ainda repousa o saber acadêmico relacionado aos conteúdos de saúde. As marcas discursivas, neste caso, possibilitam perceber que nas falas das estudantes há uma ausência das vozes da comunidade, visíveis a partir da escuta coletiva pelo Grupo de Mulheres da Socioeconomia Solidária que atua no bairro. Este estudo de recepção, ao identificar esse silenciamento, possibilita a organização do programa *A Força da Mulher Solidária*, experiência realizada pelas mulheres, que, ao se moverem nesse “entre-lugares”, saem de condição de ouvintes para o de produtoras de um discurso e de sentidos sobre a vida no bairro. Os procedimentos metodológicos combinam consultas às obras de referências sobre a temática, especialmente de Martín-Barbero, e pesquisa de campo, mediante entrevistas, observações e intervenção ocorrente com a criação do programa das mulheres. A experiência de *A Força da Mulher Solidária* mostra que, valorizando a dimensão do político no cultural no tecido da vida cotidiana, se erige o sujeito na periferia.

Palavras-chaves: rádio; sujeitos; cotidiano; cultura; identidade, recepção

ABSTRACT

This research reports the consolidation of the individual in the outskirts taking place, rising from the mediation of everyday life, culture, language and education. Starting from the analysis of two radio programs, *Momento Saúde* (Health Moment) and *Força da Mulher Solidária* (The strength of the Solidary Woman), presented by Edson' Queiroz's Community Radio station, in Dendê neighborhood, in Fortaleza, discursive sceneries are elaborated on which it can be identified how the individual from the outskirts emerges from the environment of the broadcasting station. *Momento Saúde*, produced by students in Nursing School, takes on a one-way speech when dealing with health issues in the neighborhood; in its narrative, it allows a glimpse at the popular notions under which the academic knowledge still lies when related to health matters. The speech marks, in this case, allows the perception that in the students' talks there is a lack of community voices, visible from the common listening by the Women's Group of the Solidary Socioeconomics that works in the neighborhood. This reception study, when identifying this silence, allows the organization of the program *A Força da Mulher Solidária*, an experience carried out by the women, who, moving around these "between-places", give up the role of listeners and take on the role of producers of speech and meanings about life in the neighborhood. The methodological procedures combine consultations to reference books on the topic, especially Martín-Barbero and field research, through interviews, observation and interventions that occurred with the women's program. The *A Força da Mulher Solidária* experience shows that, enriching the political sphere in the culture that weaves everyday life, the outskirts individual rises.

Key words: radio; individuals; everyday life; culture; identity, reception

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa da Cidade de Fortaleza – Ceará, com destaque no bairro Edson Queiroz. (AMORIM, 2005).	59
FIGURA 2- Igreja de São José. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).	61
FIGURA 3 - Vista Aérea do Dendê. (Fonte: Google Earth, 2006).	65
FIGURA 4 - Área da Baixada. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).	71
FIGURA 5 - Ocupação Chico Mendes. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).	71
FIGURA 6 - Área da Rocinha. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).	72

LISTA DE APÊNDICES

TABELA 1 – Área Amarela - Indicadores de sexo, renda e escolaridade	182
TABELA 2 - Área Amarela - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.	182
TABELA 3 - Área Amarela - Indicadores de cuidados com a saúde.	183
TABELA 4 - Área Amarela - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	184
TABELA 5 - Área Vermelha - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.....	185
TABELA 6 - Área Vermelha - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina:.....	187
TABELA 7 - Área Vermelha - Indicadores de cuidados com a saúde.	187
TABELA 8 - Área Vermelha - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	188
TABELA 9 - Área Laranja - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.	189
TABELA 10 - Área Laranja - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.	191
TABELA 11 - Área Laranja - Indicadores de cuidados com a saúde.....	191
TABELA 12 - Área Laranja - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	192
TABELA 13 - Área Verde - Indicadores de sexo, renda e escolaridade	193
TABELA 14 - Área Verde - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.....	195
TABELA 15 - Área Verde - Indicadores de cuidados com a saúde.	195
TABELA 16 - Área Verde - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	196
TABELA 17 - Área Azul - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.	196
TABELA 18 - Área Azul - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.....	200
TABELA 19 - Área Azul - Indicadores de cuidados com a saúde.	200
TABELA 20 - Área Azul - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.	201
TABELA 21 - Área Marrom - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.	202

TABELA 22 - Área Marrom - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.....	204
TABELA 23 - Área Marrom - Indicadores de cuidados com a saúde.....	204
TABELA 24 - Área Marrom - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	205
TABELA 25 - Área Lilás - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.....	206
TABELA 26 - Área Lilás - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.....	208
TABELA 27 - Área Lilás - Indicadores de cuidados com a saúde.....	208
TABELA 28 - Área Lilás - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	209
TABELA 29 - Área Pink - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.....	210
TABELA 30 - Área Pink - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.....	212
TABELA 31 - Área Pink - Indicadores de cuidados com a saúde.....	212
TABELA 32 - Área Pink - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.....	213
TABELA 33 – Quadro comparativo entre as áreas.....	214

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMES – Centro Municipal de Educação e Saúde Mattos Dourado
ECCED - União das Entidades, Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz
ENSP/Fiocruz – Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz
FASE – Fundação de Assistência Social e Educacional
FETRAECE – Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado do Ceará
FM – Freqüência modulada
FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério
FUNDESCOLA – Fundo de Desenvolvimento da Escola
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE – Instituto Brasileiro de Pesquisa de Opinião Pública e Estatística
IDERB - Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia
IDH – Índice de desenvolvimento humano
IFF – Instituto Florestan Fernandes
MEB - Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação
NAMI - Núcleo de Atenção Médica Integrada
ONG – Organização não governamental
PT – Partido dos Trabalhadores
UFC – Universidade Federal do Ceará
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIFOR – Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 CULTURA, COTIDIANO E COMUNICAÇÃO	22
2.1 As ciências e os saberes	22
2.2 A vocação educativa do rádio	27
2.3 Educação e liberdade de expressão	28
2.4 Rádios Comunitárias em Fortaleza.....	31
2.5 O sujeito nos estudos da comunicação	32
2.6 O sujeito em Paulo Freire	38
2.7 Paulo Freire, comunicação e cultura	43
2.8 Os Estudos Culturais	44
2.9 Cultura e sujeito.....	49
3 EDSON QUEIROZ OU DENDÊ ? – O Especular E O Oblíquo	59
3.1 A história do bairro.....	59
3.2 O Dendê, hoje.....	65
3.3 O Dendê e as questões de saúde.....	69
3.4 A Economia Solidária no Dendê.....	79
3.5 O contexto da violência	80
3.6 A Rádio Edson Queiroz	85
4 A RECEPÇÃO COMO A ESCUTA DA EXPERIÊNCIA SOCIAL: ONDE MEDRA A PRODUÇÃO DOS SUJEITOS.....	91
4.1 Procedimentos Metodológicos	95
4.2 O Grupo de Economia Solidária	103
4.3 A vivência com o Grupo de Economia Solidária.....	105
4.3.1 Primeiro Encontro.....	106
4.3.2 Segundo encontro	108
4.3.3 Sob o impacto da polícia no bairro	110
4.3.4 Uma feira de solidariedade.....	112
4.3.5 A loja Dendê Sol.....	114
4.3.6 Encontro sobre vacinação	117
4.3.7 Encontro sobre a cólera.....	119
4.3.8 “Encontro Solidário”.....	120

4.3.9 Um programa com as mulheres.....	121
4.3.10 Fazendo a experiência.....	121
4.3.11 Avaliação.....	122
4.3.12 Construindo o projeto.....	122
4.3.13 O primeiro programa.....	123
4.3.14 Confraternização.....	123
4.3.15 De novo, a violência.....	124
4. 4 O Programa <i>Momento Saúde</i>	125
4.4.1 Roteiros dos programas.....	127
4.4.2 Algumas considerações.....	143
4.5 <i>A Força da Mulher Solidária</i>	148
4.5.1 Reflexões sobre as coisas ditas nos programas <i>A Força da Mulher Solidária</i>	157
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	174

1 INTRODUÇÃO

O trabalho *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz - estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia*, toma como eixo central da sua reflexão, a elaboração dos sujeitos, a partir da experiência de dois programas radiofônicos: *Momento Saúde* e *A Força da Mulher Solidária*.

Aqui neste espaço, apresenta-se como a pesquisa foi formulada, situando o interesse em investigar o tema. Fazemos referência, ainda, à nossa trajetória como jornalista e como esse fato teve influência sobre os caminhos percorridos. Ao final, comentamos como cada capítulo está organizado e quais as contribuições teóricas que embasaram este percurso.

Em 2001, tivemos conhecimento da atuação de profissionais de saúde na Rádio Comunitária do Edson Queiroz, um bairro da periferia de Fortaleza. Os profissionais de Enfermagem, Odontologia, Psicologia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, entre outros, atuam no bairro por meio de visitas domiciliares e usam os microfones da rádio de alto-falantes para reforçar os conteúdos de saúde que abordam nas conversas de casa em casa.

Esse trabalho dos profissionais de saúde é uma ação do Núcleo de Atenção Médica Integrada, NAMI, da Universidade de Fortaleza, que atua no bairro há vários anos e envolve também estudantes da graduação, que, orientados pelos professores, realizam visitas regulares aos domicílios com vistas a atender os moradores doentes do bairro e encaminhá-los para tratamento no NAMI.

Como professora do Curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza, ao tomar conhecimento da Rádio Comunitária, fomos em busca de conhecer a emissora, bem como os seus responsáveis, visto que o nosso interesse pela comunicação comunitária começara ainda na graduação e toda a nossa experiência profissional como jornalista estava voltada para a valorização das iniciativas de comunicação popular.

Ficamos também interessada, porque, quando estudante de Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará, no início da década de 1990, acompanhamos a criação de rádios comunitárias de alto-falantes em vários bairros de Fortaleza, por meio de um Projeto da Prefeitura local, na gestão da então Prefeita Maria Luíza Fontenele (PT). Desde então, as experiências de comunicação comunitária, notadamente as que envolvem rádio, exercem sobre nós um enorme fascínio.

Naquela ocasião, o foco da discussão estava na luta por espaços de participação da comunidade nos meios de comunicação e a criação das rádios de alto-falantes era compreendida como uma possibilidade concreta de contribuição para criar um espaço

democrático de comunicação popular e comunitária. O intuito desse projeto ensejava naturalmente uma discussão do caráter impositivo das emissoras de alto-falantes, visto que a forma corrente não possibilitava ao ouvinte a escolha pela escuta; de alguma maneira, havia uma obrigatoriedade, portanto, uma imposição no processo. Levando em conta tais peculiaridades, muitas emissoras funcionavam em horários alternados, buscando respeitar os horários da comunidade.

Nesse período, fizemos para a disciplina Comunicação Comunitária, em 1991, uma pesquisa sobre a audiência da Rádio Santo Dias, no Conjunto Palmeiras. Muitos dos relatos dos moradores do bairro se referiam ao fato de não poderem escolher escutar ou não a rádio e naquele momento já nos questionávamos sobre quão tênue é essa questão: ao mesmo tempo em que fomentar criações de rádios comunitárias significava uma ruptura no modelo dominante de comunicação no País, a ação, por mais bem-intencionada que fosse, implicava uma escuta obrigatória e esse fato, por si, repercutia na forma como a comunidade percebia a ação da emissora no bairro.

O caráter impositivo da audiência seguiu nos inquietando nos anos seguintes e nos mantendo permanentemente atenta ao tema. Em 1998, quando o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a lei 9.612, que regulamenta o Serviço de Radiodifusão Comunitária – a qual legalizou o estabelecimento de “rádio-transmissores em frequência modulada, operada com baixa potência e cobertura restrita” (Brasil, Lei 9.612/Presidência da República, 1998:1) – imaginamos que, a partir de então, esse incômodo da escuta forçosa, mais dia, menos dia, estaria resolvido.

A regulamentação facilitou a estruturação de muitas rádios comunitárias direcionadas pelos interesses locais, mas não impediu que grande parte delas passasse a ser dominada por políticos e religiosos oportunistas que subitamente transformaram esse instrumento de fortalecimento social em ponto para difusão de informações eleitoreiras e de proselitismo religioso.

Ao tomarmos conhecimento da experiência do Dendê, motivemo-nos a conhecê-la de perto. Chamou nossa atenção, por parecer inusitado, o fato de que em um mundo globalizado e em um cotidiano mediado pelos grandes veículos de comunicação social, a comunidade do Dendê ainda mantivesse no ar um sistema de som de rua, semelhante ao que era usado nas pequenas cidades interioranas e litorâneas, nas feiras e nos festejos religiosos e mesmo na periferia de Fortaleza, no final dos anos 1980. Aparentemente a única diferença que observamos no caso do Dendê foi relativa ao serviço de alto-falantes, que não mais utiliza

as cornetas tradicionais, mas caixinhas de som, dispostas em postes de energia elétrica ao longo do bairro.

Outras questões também nos provocaram sucessivas reflexões. Ficamos nos indagando se, mesmo em um cotidiano marcado pela “intervenção” dos grandes meios de comunicação, o fato de existir há mais de dez anos uma emissora comunitária no bairro poderia significar que este veículo de comunicação teria resguardado traços relacionados com o sentido de cultura da comunidade, constituindo-se em um espaço onde os moradores do bairro se sentem reconhecidos e valorizados. Em mais de uma década de funcionamento, teria a rádio do Edson Queiroz contribuído de alguma forma para amalgamar valores culturais reunidos naquele espaço social por força das circunstâncias resultantes de deficiências habitacionais e de oportunidade de trabalho? Entre uma e outra interrogação, notamos que de tudo o que víamos, havia uma atração especial pelo programa de saúde transmitido semanalmente.

Um pensamento renitente não se cansava de nos instigar a querer saber a maneira como os moradores da comunidade do Edson Queiroz deveriam fazer uso dessa comunicação como conteúdo médico mediado pelo rádio. De que maneira as informações sobre saúde se relacionariam com as experiências dos moradores? Insistia em nós a curiosidade de sabermos se os profissionais de saúde fazem uso da rádio com os cuidados devidos ao sujeito receptor ou se apenas por se tratar convencionalmente de um veículo de massa, não importando assim a qualidade da informação veiculada.

Como poderíamos relacionar o texto da rádio com o conjunto dos discursos e relações sociais que o conformavam, dando-lhe ou negando-lhe sentido? Metodologicamente, teríamos de constituir uma análise do espaço dialógico que ia sendo estabelecido pela rádio, de um modo que não limitássemos o olhar aos meios textuais e aos seus efeitos. Deveríamos pensar atos de fala em um conjunto maior: o espaço dialógico da rádio e seu relacionamento com outras cenas, espaços e tempos comunitários. Tencionávamos, enfim, sair do fosso restrito das perguntas e respostas midiáticas utilizadas nos estudos de Educação Popular que se faziam com o viés da Comunicação Social.

Buscávamos situar o cenário dialógico que se erguia junto aos discursos ou silenciamentos produzidos a partir dos programas de saúde da Rádio Comunitária Edson Queiroz. Compreendíamos que, em última instância, deveríamos ver como as semiologias entrelaçadas no espaço discursivo que se vinculava à abrangência dos programas estavam a produzir não apenas textos. A produção de sujeitos era a nossa pergunta básica: como essa

produção se fazia no contexto cultural de um bairro periférico com as características da diversidade cultural do Dendê, a partir da mediação dos programas de rádio sobre saúde?

Em suma, nos perguntávamos de que maneira ultrapassar, nas análises dos produtos, e chegar ao modo como os sujeitos são produzidos nesse espaço dialógico que se pretende educativo.

A condição da escuta (do rádio) não se limita a apresentar um roteiro de orientações, ao modo de bula de remédio ou de manual com instruções sobre saúde: na verdade, o programa nos confere um papel, um lugar na escuta e silenciamentos – e nos designa uma posição junto a esse discurso. E que posição seria essa? Que relação esse lugar de escuta (e silenciamentos) teria com a produção da subjetividade (de sujeitos) que se fazia dessa forma?

Essas perguntas não acontecem por acaso. Há mais de dez anos, nos graduamos em Comunicação Social – Jornalismo, e, como já mencionamos, mesmo antes da conclusão do curso, já atuávamos em experiências radiofônicas, cuja preocupação sempre esteve focada não apenas no conteúdo, mas também na maneira como o público interage com as informações.

É assim que vivenciamos a experiência em *Rádio Bancários* e *Rádio Livre*, programas diários veiculados pela Rádio Universitária FM (UFC); das produções para a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Ceará, FETRAECE; para a Pastoral da Mulher Marginalizada; para a Pastoral da Criança e para a Rede de Comunicadores Solidários, só para citar alguns exemplos.

Destacamos ainda o trabalho desenvolvido em 2000 para o FUNDESCOLA (Fundo de Desenvolvimento da Escola) do Ministério da Educação, projeto que nos possibilitou participar da realização de oficinas destinadas a radialistas em dezenove estados brasileiros, em cujo foco estava a utilização do rádio como espaço de mobilização social da população na luta por uma educação pública de qualidade. Tratávamos também, especialmente, de incentivar o controle social dos recursos aplicados à educação, especialmente o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério).

Esta foi uma experiência muito rica, visto que nos permitiu conhecer a realidade do rádio em diversos estados brasileiros e constatar o seu potencial de interação com o povo. Ainda mais recentemente, como integrante da Rede de Comunicadores Solidários, participamos da equipe que produziu para o Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF, a cartilha e o CD Rádio pela Infância – Desenvolvimento Infantil. A questão central

da cartilha e dos *spots* (peças produzidas para o rádio) está no reconhecimento de que o cuidado com a saúde do bebê é fundamental para que ele possa desenvolver uma vida saudável. O texto confere um tratamento midiático às ações básicas de saúde, que têm papel central na reversão do quadro de mortalidade infantil nos estados. Como expusemos no texto, “Na vida, os primeiros anos duram para sempre”. (CARTILHA Rádio pela Infância, 2003).

Mais uma vez o rádio e o radialista aparecem como foco do projeto: todo o material produzido é destinado ao radialista, na expectativa de que ele atue não como um simples “repassador” de informações, mas como um profissional, que, pelo diálogo, ajuda a mudar a realidade de saúde de crianças e gestantes.

Todas essas vivências contribuíram para aumentar o intento de assumir o desafio de pesquisar, durante o programa de mestrado, a experiência da Rádio Comunitária Edson Queiroz e, nesse ambiente, como sucede o estabelecimento de sujeitos na mediação pela cultura e pelo cotidiano.

Que possibilidades são erigidas nesse diálogo entre cultura, cotidiano, comunicação e educação, tendo como suporte o ambiente da rádio comunitária? A intenção foi justamente compreender que produções de sentido são propostas por um programa radiofônico sobre saúde feito para a comunidade de um bairro da periferia e como se dá a recepção dessa experiência em uma escuta coletiva.

O trabalho foi feito em várias etapas, em muitas idas e vindas. A primeira diz respeito ao conhecimento detalhado da emissora e do programa *Momento Saúde*; o passo seguinte foi de aproximação com a realidade do bairro do Dendê como um todo, seguido da descoberta do Grupo de Socioeconomia Solidária e, desse encontro, além do estudo da recepção do *Momento Saúde* foi possível propor a realização de um programa de rádio feito pelas mulheres do Grupo de Socioeconomia Solidária. E assim nasce o programa *A Força da Mulher Solidária*.

Não por acaso, o conjunto dessas reflexões está centrado no pensamento latino-americano. A ênfase das discussões está concentrada nas muitas questões propostas por Jesús Martín-Barbero, um dos teóricos latino-americanos que mais contribuiu para pensar a comunicação a partir da cultura e que reflete a recepção como uma possibilidade de relação com os sujeitos.

Assim, é que no Capítulo 2 apresentamos uma ampla discussão sobre a relação entre comunicação, cultura, educação e cotidiano, partindo da abordagem multirreferencial e das reflexões de autores como Jesús Martín-Barbero, Paulo Freire, Mauro Wilton de Sousa, Stuart Hall, Homi K. Bhabha, Walter Benjamin, Raymond Williams, Agnes Heller. A

contribuição dos Estudos Culturais para uma compreensão mais contemporânea sobre as manifestações populares também está presente neste segmento.

O conjunto dessas reflexões é antecedido por ampla contemplação sobre o ‘lugar’ dessa abordagem no âmbito das ciências, a partir de Rubem Alves e Boaventura de Sousa Santos. Inclui-se nessa discussão a vocação educativa do rádio, bem como o processo de construção dos sujeitos no espaço da comunicação.

O Capítulo 3 apresenta o bairro do Dendê em toda a sua complexidade: lutas, organização de moradores, questões sobre saúde e violência. Mostra dados quantitativos sobre as condições de vida dos moradores da comunidade e também informações sobre a Rádio Comunitária Edson Queiroz, bem como a experiência de Socioeconomia Solidária do Grupo de Mulheres.

O Capítulo 4 traz as discussões sobre os estudos de recepção na perspectiva de Guillermo Orozco Gómez e de Lopes, Borelli e Resende, traça uma radiografia da experiência do Programa *Momento Saúde*, seguida de uma análise do programa com base no conceito foucaultiano de biopoder e justifica a combinação metodológica ao lançar mão de referenciais da pesquisa participante, pesquisa-ação e ensaios de vivência etnográfica. Nesta parte, também é apresentado o programa *A Força da Mulher Solidária*, combinado com a descrição do trabalho de campo da pesquisa, bem como algumas considerações sobre o ato radiofônico do grupo de mulheres da Socioeconomia Solidária do Dendê. Mais uma vez, essa análise baseia-se nas reflexões de Martín-Barbero, para quem o cultural e o social no bairro são constituições de identidades e revelam, portanto, uma dimensão fundamental do popular.

Nas Considerações Finais retomamos alguns pontos da análise dos programas *Momento Saúde* e *A Força da Mulher Solidária*, bem como reforçamos a importância, para esta pesquisa, da convergência dos pensamentos de Martín-Barbero e Paulo Freire ao aproximarem, buscando o diálogo com a cultura, os planos discursivos da comunicação e da educação.

2 CULTURA, COTIDIANO E COMUNICAÇÃO

2.1 As ciências e os saberes

O estabelecimento da relação entre os conceitos de cultura, cotidiano e comunicação é o exercício básico que pretendemos realizar neste capítulo. A compreensão de comunicação, cultura e cotidiano como espaços de mediação, de troca e por isso de elaboração de subjetividades torna-se, portanto, indispensável a essa aproximação conceitual. Antes, no entanto, se faz necessária, uma abordagem teórica que localize essa reflexão no ambiente das ciências.

É importante esclarecer, ainda, que a discussão aqui apresentada se faz em articulação com a abordagem multirreferencial, muito cara à educação. Jacques Ardoino, principal referência desse campo, aponta a multirreferencialidade como um assunto de pesquisadores e de práticos também. Considerando que a leitura pretendida com esta pesquisa se insere no que Ardoino defende como uma necessidade de compreensão plural da realidade é que tomamos como mediação a abordagem multirreferencial.

Multirreferencialidade é uma resposta à constatação da complexidade das práticas sociais e, num segundo tempo, o esforço para dar conta, de um modo um pouco mais rigoroso, desta mesma complexidade, diversidade e pluralidade. Multirreferencialidade é uma pluralidade de olhares dirigidos a uma realidade e, em segundo lugar, uma pluralidade de linguagens para traduzir esta mesma realidade e os olhares dirigidos a ela. O que sublinha a necessidade da linguagem correspondente para dar conta das especificidades desses olhares. (ARDOINO, 1995, p.205).

O contorno teórico se justifica pelo fato de que essa pesquisa, como anunciado na Introdução, lida com as questões relativas ao discurso científico e à fala popular, percebidos não como espaços de expressão antagônicos mas reconhecidamente diferenciados e, em muitas circunstâncias, complementares.

Mais de uma década antes de terminar o século XX, o professor e intelectual português Boaventura de Sousa Santos publicou o livro *Um Discurso sobre as Ciências*, no qual analisa a situação da ciência naquele momento histórico. O autor move o seu pensamento a partir da constatação de que se vive o momento das incertezas para a ciência, tal como aconteceu no século XVIII.

Para desenvolver tal raciocínio, Santos (1998, p.06) propõe que, em períodos de transição, “é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples”

e comenta a atualidade das questões propostas por Rousseau ao apresentar, na Academia de Dijon, o *Discours sur les Sciences et les Arts* (1750):

Há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria ? (SANTOS, 1998, p. 07).

As questões propostas por Jean-Jacques Rousseau, são para Boaventura de Sousa Santos bastante atuais e merecedoras de maior reflexão e é nesse sentido que o texto vai descobrindo o que caracteriza como “paradigma dominante e emergente da ciência” e estabelece como uma das hipóteses de trabalho o fato de que “a distinção hierárquica entre conhecimento científico e conhecimento vulgar tenderá a desaparecer e a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”. (SANTOS, 1998, p.10).

Ao discorrer sobre o paradigma dominante, Santos (1998) faz um passeio pelo padrão racional das ciências naturais e questiona o “modelo totalitário”, segundo o qual há apenas um “conhecimento verdadeiro”.

As idéias que presidem à observação e à experimentação são as idéias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas idéias são das idéias matemáticas. [...] Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. (SANTOS, 1998, p. 14 - 15).

Está mais que evidente o fato de que essa maneira de pensar a ciência é insuficiente para analisar a complexidade dos fenômenos sociais, por exemplo, bem distantes de uma visão estanque, fragmentada e reducionista, proposta pelo modelo matemático.

A partir dessa constatação e dimensionando o que podemos identificar como crise do paradigma até então dominante, é que Santos propõe, então, a emergência de um novo paradigma no campo da ciência.

Sendo uma revolução científica que ocorre numa sociedade ela própria revolucionada pela ciência, o paradigma a emergir dela não pode ser apenas um paradigma científico (o paradigma de um conhecimento prudente), tem de ser também um paradigma social (o paradigma de uma vida decente). (SANTOS, 1998, p. 37).

O paradigma emergente funda-se em quatro pilares, a saber: “todo conhecimento científico-natural é científico-social”, “todo conhecimento é local e total”, “todo conhecimento é autoconhecimento”, “todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum”.

Santos (1998) identifica indícios de que esses quatro pressupostos apontados há pouco refletem o momento contemporâneo de ser da ciência e assevera que a dicotomia entre ciências naturais e sociais está superada, e mais, essa superação acontece sob a égide das ciências sociais. Daí a necessidade de se “descobrir categorias de inteligibilidade globais, conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade”. (SANTOS, 1998, p. 44).

Ao acentuar que “todo conhecimento é local e total”, o autor aponta que essa excessiva fragmentação do conhecimento preconizada pelo paradigma dominante perde força no contexto atual.

Constitui-se em redor de temas que em dado momento são adoptados por grupos sociais concretos como projectos de vida locais, sejam eles reconstituir a história de um lugar, manter um espaço verde, construir um computador adequado às necessidades locais, fazer baixar a taxa de mortalidade infantil, inventar um novo instrumento musical, erradicar uma doença, etc, etc, etc. A fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim temática. (SANTOS, 1998, p.47).

Já ao expressar que “todo conhecimento é autoconhecimento”, Santos (1998, p. 54-55) defende a noção de que “a ciência não descobre, cria”; e anota: “Assim ressubjectivado, o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático”.

Na última característica da ciência pós-moderna-“todo conhecimento visa constituir-se em senso comum”-o autor postula o diálogo entre todas as formas de conhecimento e advoga a idéia de que o mais essencial deles “é o do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no quotidiano orientamos as nossas acções e damos sentido à nossa vida”. (SANTOS, 1998, p.55).

A exposição inicial justifica-se pela proposição de que o estudo que ora apresentado se localiza na perspectiva do paradigma emergente proposto por Boaventura de Sousa Santos (1998), principalmente a partir da importância do pressuposto defensor do diálogo entre as várias formas de conhecimento, especialmente a *communis opinio*.

Reflexões sobre ciência e senso comum também motivaram o psicanalista e educador Rubem Alves. No livro *Filosofia da Ciência – Introdução ao Jogo e suas Regras*, o autor formula a narrativa de forma a propor ao leitor uma interação permanente ao longo do texto com a intenção clara de apresentá-lo ao pensamento científico, com naturalidade.

Trata-se de um exercício estimulante, que propõe ao leitor pensar e assim desmistificar paulatinamente os aparatos que a ciência usa para se afastar da realidade e ao mesmo tempo trazê-la para as ações rotineiras do dia-a-dia, fazendo analogias simples e concretas. Rubem Alves alerta: “Antes de mais nada, é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor que as outras”. (ALVES, 2004, p. 10).

A partir dessa proposição, o autor discorre sobre o mito da especialização, segundo ele um dos “ídolos da ciência”. O ato de especializar-se não significa em si maior capacidade de pensar, às vezes pode deixar o “especialista” com o foco muito restrito no objeto da sua especialização e alheio a tantas outras formas de conhecimento e principalmente fechado às trocas que o diálogo com outros saberes pode produzir.

Cientistas são como pianistas que resolveram especializar-se numa técnica só. Imagine as várias divisões da ciência – física, química, biologia, psicologia, sociologia – como técnicas especializadas. No início pensava-se que tais especializações produziram, miraculosamente, uma sinfonia. Isto não ocorreu. O que ocorre, freqüentemente, é que cada músico é surdo para o que os outros estão tocando. Físicos não entendem os sociólogos, que não sabem traduzir as afirmações dos biólogos, que por sua vez não compreendem a linguagem da economia e assim por diante. A especialização pode transformar-se numa perigosa fraqueza. (ALVES, 2004, p.11).

O pensamento de Rubem Alves segue desmoralizando os mitos que fizeram a ciência inacessível para muitos. Para ele, o cientista-o especialista-é alguém que à medida que aprofunda seu conhecimento em uma determinada área, vai perdendo a visão do todo.

Tal qual um glaucomatoso que vai perdendo a visão periférica e consegue enxergar apenas com a visão central, o especialista se fecha em apenas um ponto para daí formular suas teorias.

O Filósofo da Educação vai buscar em situações comuns, de pessoas “normais”, a demonstração para o fato de que a especialização pode ser um equívoco. “A tendência da especialização é conhecer cada vez mais de cada vez menos” (ALVES, 2004, p.12), sugere.

As provocações de Rubem Alves são bastante pertinentes ao que pretendemos com esta pesquisa, como será apresentado, assim como as considerações de Boaventura de Sousa Santos. O que está em jogo aqui é justamente o questionamento sobre o discurso que se propõe único no caso das informações sobre saúde divulgadas no programa *Momento Saúde*, veiculado na Rádio Comunitária Edson Queiroz, e a tentativa de um discurso mais dialógico erguer-se, alcançando-se, com ele, o próprio sujeito, como acontece com o programa *A Força da Mulher Solidária*, analisado em conjunto com o *Momento Saúde*. Se, por um lado, o *Momento Saúde* assume-se como uma fala autorizada e ao mesmo tempo alheia sobre a forma

de se pensar a saúde das gentes do Dendê, *A Força da Mulher Solidária*, por sua vez, se organiza a partir da dinâmica social desta comunidade, com e para ela, e se ergue sobre uma pluralidade de vozes que tecem a vida complexa do cotidiano do bairro.

O elemento comum é exatamente a referência ao saber científico como algo situado em detrimento do saber popular ou como saber comum. Neste sentido, voltemos para o que discute Rubem Alves sobre senso comum.

A expressão não foi inventada por pessoas de senso comum. [...] Ela foi criada por pessoas que se julgam acima do senso comum, como uma forma de se diferenciarem de outras que, segundo seu critério, são intelectualmente inferiores. (ALVES, 2004, p.10).

Esse conceito que versa sobre a ausência de um conhecimento formal é apresentado com o exemplo da dona de casa que vai à feira. Uma simples dona de casa, igual a milhares de outras, indo à feira comprar alimentos e usando de um conjunto de informações para fazer o que precisa: comprar, com o dinheiro de que dispõe alimentos para a família. Posto assim, parece muito simples. Neste ato, todavia, ressalta uma questão simbólica e política, de que nos chama atenção Rubem Alves.

Ela sabe que alimentos não são apenas alimentos. Sem nunca ter lido Veblen ou Lévi-Strauss, ela sabe do valor simbólico dos alimentos. Uma refeição é uma dádiva da dona de casa, um presente. Com a refeição ela diz algo. Oferecer um chouriço para um marido adventista, ou feijoada para uma sogra que tem úlceras, é romper claramente com uma política de coexistência pacífica. A escolha, aqui, não é regulada apenas por fatores econômicos, mas por fatores simbólicos, sociais e políticos. Além disso, a economia e a política devem dar lugar ao estético: o gostoso, o cheiroso, o bonito. Assim ela ajunta o bom para comprar, com o bom para viver. É senso comum ? É. A dona de casa não trabalha com aqueles instrumentos que a ciência definiu como científicos. É comportamento ingênuo, simplista, pouco inteligente ? De forma alguma. Sem o saber, ela se comporta como uma pianista, em oposição ao especialista em trinados. (ALVES, 2004, p. 13-14).

As reflexões propostas por Alves chamam a atenção pela franqueza e ausência de preconceito com que aborda o tema. Explica ainda por que o autor, apesar da longa trajetória dedicada ao pensamento, especialmente no que diz respeito à educação, deixa de considerar a visão científica como única e exclusiva, capaz de compreender o mundo em que vivemos e por isso mesmo é visto de forma enviesada pelo universo acadêmico, que se considera autoridade e autorizado para falar sobre a ciência. Ver o mundo com outros olhos é o que defende Rubem Alves para os cientistas.

A crença na magia, como a crença no milagre, nasce da visão de um universo no qual os desejos e as emoções podem alterar os fatos. A ciência diz que isso não é

verdade. O senso comum continua, teimosamente, a crer no poder do desejo. (ALVES, 2004, p. 17).

O reconhecimento de outras formas de saber e de que há um conhecimento produzido no âmbito do cotidiano ganha relevância no contexto desta pesquisa. A articulação fundante é constituída a partir da inter-relação de comunicação com a cultura, educação e cotidiano, não vistas aqui como categorias estanques, mas questões dinâmicas que, embora possam ser vistas e examinadas isoladamente, se amalgamam, inter cruzam, criando sentidos.

A pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária Edson Queiroz* - estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia - investigou na comunidade do Dendê, localizada no bairro Edson Queiroz, em Fortaleza, como sucede a relação entre cultura, cotidiano e os cuidados com a saúde, a partir da análise de dois programas radiofônicos apresentados na Rádio Comunitária Edson Queiroz: *O Momento Saúde* e *A Força da Mulher Solidária*.

A contextualização sobre o bairro, assim como acerca da emissora e a respeito dos programas radiofônicos será abordada oportunamente. Agora, no entanto, faz-se necessário retomar o ponto de partida desse debate: a relação entre cotidiano, cultura, comunicação e educação.

2.2 A vocação educativa do rádio

Para iniciar a discussão no tocante comunicação, é importante inicialmente falar sobre o rádio, situar historicamente esse veículo, que traz em sua origem características marcadamente educativas, e descrever o processo pelo qual esse medium passou em mais de oito décadas de existência no Brasil.

O surgimento do rádio no Brasil tem uma vinculação explícita com os ideais educativos. Todo o processo decorrente da implantação do rádio no País, que ocorreu em 1922, quando da comemoração do Centenário da Independência, está intrinsecamente relacionado às possibilidades do meio na perspectiva educativa.

Edgard Roquette Pinto, filósofo e membro da Academia de Ciências, fica bastante impressionado com a possibilidade de transmissão de som sem uso de fios, como havia sido demonstrado durante a Exposição Internacional, na então capital do País, o Rio de Janeiro, em 07 de setembro de 1922. No ano seguinte, decide solicitar ao Governo autorização para usar os transmissores que haviam sido utilizados nos festejos do Centenário, na intenção de montar uma emissora com programação voltada para a educação dos milhares de analfabetos que

havia no País naquele momento. Era criada, em abril de 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora a fazer transmissões regulares no Brasil. O *slogan* da emissora não deixava dúvidas: “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. (FERRARETTO, 2000, p. 97).

Os ideais educativos da rádio, introduzidos por Edgard Roquette Pinto, fomentaram logo em seguida a experiência das rádio-escolas, no período compreendido entre 1929 e 1940. Na segunda metade da década de 1920, Roquette Pinto elaborou um plano de organização do Rádio Educativo no Brasil, em que foi realizada uma série de cursos, ministrados sob formas de aulas, conferências e palestras.

Em 1936, porém, depois de várias tentativas frustradas de manter a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro sem o financiamento de campanhas publicitárias comerciais, Roquette-Pinto doa a emissora ao Governo federal, com o compromisso de mantê-la com a proposta educativa. A rádio passa a se chamar Rádio do Ministério da Educação e da Cultura, dando início ao sistema de rádios educativas no Brasil. A emissora se chama Rádio MEC e continua em funcionamento, com transmissão a partir do Rio de Janeiro.

Inúmeras experiências educativas no rádio somam-se às iniciativas pioneiras de Roquette Pinto, como as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base, MEB, na década de 1960, as produções do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, IDERB, da Fundação Padre Landell de Moura, Fundação Padre Anchieta, entre outras.

O rádio se diferencia entre os meios de comunicação por ter tido sua origem sido atrelada ao compromisso educativo. O que aconteceu nesses mais de 80 anos da chegada do rádio ao Brasil foi, além da prevalência dos interesses comerciais, o fato de muitas das experiências que se diziam educativas não terem levado em conta as particularidades do meio, especialmente no que diz respeito à linguagem e principalmente não interagiram com as expressões da cultura popular, impossibilitando que de fato acontecesse o processo educativo dialógico, como defende Paulo Freire.

2.3 Educação e liberdade de expressão

Havemos, porém, de considerar que nesse período, além das emissoras educativas, as rádios comunitárias fizeram o esforço de demarcar uma nova fronteira na forma de fazer rádio na perspectiva de estabelecer a cidadania.

Esse não é um fenômeno atual. A luta pela democracia da comunicação, empreendida por vários segmentos da sociedade em décadas anteriores, fomentou várias

experimentações no campo da radiodifusão, notadamente no que diz respeito ao rádio. O modelo de comunicação adotado no Brasil, e em que predomina o monopólio de grandes empresas do segmento, favorece pouco ou quase nenhuma participação da sociedade. A afirmação não traz qualquer novidade, mas é indicadora ainda do que fundamentou o movimento pela democracia na comunicação e, conseqüentemente, o fortalecimento de várias práticas empreendidas em todo o País.

Nos anos 1970, na Europa, as inúmeras experiências de rádios livres que irromperam em vários Países tinham como papel se insurgir contra a ordem dominante e, ainda, objetivavam possibilitar a participação direta do ouvinte.

O princípio norteador das rádios livres era fazer com que o ouvinte se sentisse dentro e participante de um movimento: a qualquer momento (e sem que esse momento pudesse ser determinado a priori) ele poderia telefonar para a emissora para informar qualquer coisa que estivesse acontecendo a sua volta e ser colocado imediatamente no ar, sem qualquer censura, ou então se dirigir diretamente à emissora para dar o seu recado. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p.30).

Félix Guattari, no prefácio do livro *Rádios Livres – A Reforma Agrária no Ar*, publicado em 1986 por Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão, assinala que a “as rádios livres representam, antes de qualquer coisa, uma utopia concreta, suscetível de ajudar os movimentos de emancipação desses Países a se reinventarem.”(GUATTARI, 1986, p. 13).

Quer dizer, o fenômeno das rádios livres que eclodiu no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980 não acontece de forma isolada nem dissociada de outras questões maiores que a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucas famílias. Em outros Países do Continente latino-americano e na Europa, as rádios livres tiveram importante papel político, que resultou por explicitar, segundo Guattari, “a afirmação do direito à existência através da reinvenção de novas formas de luta e de expressão”. (GUATTARI, 1986, p.10).

Para o Prefaciador, a expressão “novas formas de luta” implica uma ruptura na forma dos partidos políticos de esquerda tradicionalmente conduzirem a emancipação social. Ao emergirem práticas que confiram outro caráter a essa luta, torna-se presente um caráter que passa além da objetividade defendida arduamente pelos atores dos partidos e dos sindicatos, e que implica, segundo Guattari, “preparar a entrada dos movimentos de emancipação numa era pós-mídia, que acelerará a reapropriação coletiva não apenas dos meios de trabalho, mas também dos meios de produção subjetivos”. (GUATTARI, 1986, p. 12).

A expressão “rádio pirata” é uma referência ao que se passou na Inglaterra, no final dos anos 1950 do século passado, como esclarecem Machado, Magri e Masagão:

Algumas emissoras foram montadas dentro de barcos, para emitir fora das águas da Grã-Bretanha, como forma de burlar a tutela estatal.[...] Era costume erguer uma bandeira negra, como a dos corsários, nos barcos emissores, e esse detalhe deu origem à expressão “rádios piratas. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1986, p. 60).

A expressão foi amplamente usada no Brasil, especialmente na década de 1990, quando as experiências das rádios comunitárias se multiplicaram nos quatro cantos do País. A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV – ABERT, inclusive, fez grande campanha na mídia, através da veiculação de *spots* (mensagens publicitárias veiculadas no rádio), em que de forma generalizada alertava a população para o suposto perigo das emissoras comunitárias que, segundo a campanha, poderiam derrubar aviões ou interferir no sistema de comunicação pelo rádio por parte da polícia. Era uma clara tentativa de desqualificar o movimento, o qual, após intensa pressão política, conseguiu regulamentar o Serviço de Radiodifusão Comunitária, em 1998.

A regulamentação do Serviço de Radiodifusão Comunitária, ainda que não seja a situação ideal proposta pelos movimentos, é considerada grande avanço para o contexto da legislação brasileira em termos de comunicação. Pela lei 9.612, está assegurado o direito a associações e/ou fundações a propor ao Ministério das Comunicações o pedido da concessão de um canal comunitário cuja potência é de 25 watts, com raio de no máximo um quilômetro e antena de 25 metros.

A despeito de ser uma conquista para os movimentos populares que reivindicavam espaços na área da comunicação, a legislação tem muitas limitações e o problema do descontrole sobre os canais de rádio hoje em atuação permanece. Soma-se ao fato, por exemplo, a intensa ação da Polícia Federal no fechamento das emissoras comunitárias País afora.

Este é um problema longe de ser resolvido, visto que políticos, empresários e membros de várias igrejas estão fazendo uso da legislação para conseguir concessões para projetos que de comunitário não têm nada, que driblam a legislação para atingir interesses desviantes.

2.4 Rádios Comunitárias em Fortaleza

Fortaleza registra ainda, na década de 1970, a criação da sua primeira emissora comunitária. Trata-se da Rádio Cura d’Ars, que funcionava com um sistema de alto-falantes na Barra do Ceará. No final dos anos oitenta, várias experiências com alto-falantes são organizadas na Cidade, a partir de um projeto da Prefeitura de Fortaleza que incentivou a criação de várias estações.

O projeto de incentivo à comunicação comunitária, criado pela Prefeitura de Fortaleza, na gestão de Maria Luíza Fontenele (1986-1988), estimulou a organização de várias emissoras na Capital cearense, em bairros como Serrinha, Antônio Bezerra e Barra do Ceará, entre outros, e também em sistema de alto-falantes em carros-móveis. (COGO, 1998, p. 121). A partir desse incentivo, Cogo diz que, no final dos anos 1990, são contabilizadas vinte emissoras de rádio na periferia de Fortaleza.

O movimento das rádios comunitárias na Cidade teve forte vínculo com o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, que, por meio de professores e estudantes, foi responsável pela capacitação de muitas das emissoras surgidas nesse período, também prestando assessoria técnica ao projeto de criação de rádios, desenvolvido pela Prefeitura de Fortaleza.

Denise Cogo chama a atenção para o fato das experiências de rádios comunitárias em Fortaleza se consolidarem a partir da relação com os movimentos sociais, especialmente por intermédio do incentivo das Comunidades Eclesiais de Base, que, por sua vez, foram motivadas pela Campanha da Fraternidade de 1989 e cujo tema foi “Comunicação para a Verdade e a Paz”. (COGO, 1998, p. 121).

Os anos 1980 podem ser identificados como uma referência para a organização das várias experiências de comunicação originadas no ambiente das Comunidades Eclesiais de Base. Em São Paulo, já em 1983, a partir de um grupo de alfabetização de adultos, nasce o projeto de comunicação de São Miguel Paulista, na favela Nossa Senhora Aparecida. No Recife, em 1984, surge a primeira emissora, a Rádio Sabiá, em Casa Amarela. (COGO, 1998, p. 124).

O sistema de alto-falantes, podemos dizer, foi o embrião para as experiências das rádios comunitárias que passaram a usar transmissor na década de 1990. Muitas das emissoras que começaram sua história usando as tradicionais cornetas, com o tempo, em razão do baixo custo dos equipamentos e da possibilidade de transmitir em FM, organizaram-se para montar emissoras comunitárias, cuja regulamentação só acontece em 1998, como já citado.

A Rádio Comunitária Edson Queiroz, tema deste estudo, será apresentada no Terceiro Capítulo. Neste momento, ainda tomando a década de 1980 como marco histórico nas experiências de comunicação no âmbito das organizações populares, apresentamos o cenário das pesquisas em comunicação, onde se delinea a revisão de conceitos e tradições, de onde emergirá a questão do sujeito nas práticas de comunicação.

2.5 O sujeito nos estudos da comunicação

A discussão apresentada a seguir toma como referência o sujeito nos estudos da comunicação, com base nas reflexões de Mauro Wilton de Sousa e Jesus Martín-Barbero, apresentadas no livro *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Nosso ponto de partida está em pensar que a recepção, nos estudos de comunicação, implica pensar a comunicação sob outro paradigma, visto que tradicionalmente a questão do sujeito é tema de estudo da Psicologia, da Filosofia e da Política, e só mais recentemente, nas últimas décadas, esse tema passa a interessar aos estudos da comunicação. Especialmente a partir da década de 1980, configura-se um novo cenário nas pesquisas em comunicação, que toma como referência os estudos que dão ênfase à comunicação como processo e principalmente à percepção do receptor no sistema comunicativo.

Pensar o sujeito na comunicação implica pensar a comunicação como um processo dialógico, de trocas, portanto, longe do paradigma que imprimia a ênfase do processo comunicativo na mensagem e no emissor. Perceber o receptor nesse processo significa pensar no outro, o que confere um sentido e um *status* diferenciado a esse “outro”: ele não é apenas alguém que “recebe” as mensagens dos meios de comunicação, um ponto de chegada, mas alguém que vai se relacionar de várias maneiras aos conteúdos com os quais terá contato, podendo ser tomado, portanto, como um ponto de partida novamente.

Tradicionalmente, os estudos sobre recepção no Brasil vão se concentrar na pesquisa sobre as audiências televisivas, buscando retratar um caráter etnográfico sobre essas audiências. A pergunta sobre quem são os sujeitos no processo de comunicação ou como se comportam na relação com os meios não traz em si nenhuma inovação. Pesquisadores como Mauro Wilton de Sousa, Antônio Fausto Neto, Sílvia Helena Simões Borelli, Maria Imacolata Vassallo de Lopes, entre tantos outros, há tempos realizam pesquisas cujo enfoque se concentra nesse campo.

Naturalmente que o Brasil não está isolado nessas investigações. O diálogo ocorre sobremaneira com as reflexões produzidas pelos pensadores latino-americanos Jesús Martín-

Barbero, Nestor Garcia Canclini, Mário Kaplún, Guillermo Orozco Gómez, entre outros, e compartilhadas por estudiosos em vários Países, especialmente com a perspectiva dos Estudos Culturais propostos a partir, principalmente, da Inglaterra.

A emergência do sujeito não acontece por acaso. Mauro Wilton de Sousa, no texto *Recepção e comunicação: a busca do sujeito (1995)*, publicado no livro *Sujeito, o lado oculto do receptor*, sistematiza o processo pelo qual essa concepção de sujeito foi constituída ao longo das décadas de 1950 a 1980.

Ele localiza o expansionismo norte-americano aqui disseminado pelas agências de publicidade e dos institutos de pesquisa como a referência do modelo funcionalista da comunicação e cuja principal estratégia estava na atuação direta sobre os indivíduos, “indagando suas carências, desejos e necessidades” (1995, p. 17). Essa visão instrumental do indivíduo, segundo ele, implicou o uso instrumental dos meios, de maneira a preservar a lógica do sistema produtivo.

Para Mauro Wilton de Sousa:

Assim, em nível empírico, o sujeito da comunicação é o indivíduo, mas reificado enquanto peça de um sistema; no nível teórico, o sujeito da comunicação é a própria ordem do sistema social funcionando, porque indivíduos, idéias, opiniões e instituições são funções mantenedoras do sistema, constituindo um princípio maior que ultrapassa os sujeitos empíricos. (SOUSA, 1995, p. 18).

Ao mesmo tempo em que o modelo funcionalista era reforçado, a Teoria da Dependência ganhava corpo nos estudos acadêmicos na década de 1960. Por esse viés, mostrava-se que as relações de dependências entre países centrais e os Estados periféricos não se davam exclusivamente no plano econômico, mas questões como a cultura, a linguagem e as formas de organização social estavam aí inseridas nesse processo.

A partir desse ponto de vista, os meios de comunicação também eram considerados espaços onde essa dominação se expressava, não apenas sob influência do modo capitalista que representavam e de que estavam a serviço, mas pela forma como passavam a atuar no cotidiano das pessoas.

Pensar o receptor nesse contexto implicava propô-lo como sujeito da resistência e da denúncia, consciente da dominação. A palavra de ordem era revelar o movimento de alienação que os meios exerciam sobre a cultura em articulação com os interesses do Estado e dos capitais estrangeiros.

Para Mauro Wilton de Sousa, apesar de se buscar o receptor como consciência política nesse momento, o sujeito que se buscava de fato para ser combatido era o Estado

capitalista (1995, p. 19). A partir do golpe militar de 1964, essa relação de dominação ficou mais evidente, seja pela presença do Estado Militar que estava no poder, seja pela sociedade de mercado no momento visivelmente em expansão.

A partir da década de 1970, outra referência passa a marcar presença nos estudos da comunicação - a Escola de Frankfurt e suas matrizes reflexivas sobre o conceito de indústria cultural. Aqui a relação do receptor é vista de outra maneira: receptor/objeto/mercadoria e a visão frankfurtiana vai focar a crítica dos meios de comunicação de massa em sua relação com o que nomeia Adorno de homogeneização de subjetividades, que reitera o idêntico, a dimensão que reafirma a lógica dominante.

As reflexões propostas por Mauro Wilton de Sousa revelam que essas questões teóricas que pontilharam nas décadas de 1950 a 1980, indicam que:

Havia um movimento pendular entre o individual e o social nessas posturas e práticas; se não cabia abdicar do social nem resgatar o receptor apenas como indivíduo, havia dificuldades para identificar seu lugar nesse mesmo processo (SOUSA, 1995, p. 22).

A partir dos anos 1980, com os movimentos de redemocratização, vividos por muitos Países latino-americanos, o cenário no campo da comunicação também é alvo de implicações do contexto sociopolítico. No âmbito do que se considera a Pós-Modernidade, o receptor é situado numa zona paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é sujeito-indivíduo, é também sujeito-social e se “confunde ora com o consumidor social ora com o desbravador de si mesmo: é um consumidor que não se resume a depositário sedento do irrefletido de desejos, nem à busca desesperada de si”. (SOUSA, 1995, p. 23).

As novas perspectivas sobre as ciências sociais, especialmente as questões trazidas por Foucault, Guattari, Bordieu e Maffesoli, vão aproximar a comunicação da crítica da cultura, como modo de vida de homens e mulheres simples, ora negado, ora aviltado nas práticas sociais de comunicação. Nesses entrelaçamentos e margem se erige um sujeito de cultura, o que vai implicar novos sentidos a esse sujeito da comunicação. E para Sousa,

O receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele também um espaço de produção cultural; é um receptor em situações e condições, e por isso mesmo cada vez mais a comunicação busca na cultura as formas de compreendê-lo, empírica e teoricamente. Esse receptor é melhor percebido no mundo da cultura em produção, mais popular, em que a própria comunicação se encontra, daí surgindo novas chances para o encontro do sujeito. (SOUSA, 1995, p. 26).

Essa articulação entre comunicação e cultura como forma de se aproximar do cotidiano, e indo mais além do cotidiano das classes populares, encontra eco nas discussões propostas pelos Estudos Culturais e que serão retomadas mais adiante.

Antes, no entanto, faz-se necessário enfatizar que muitos dos estudos sobre a questão do sujeito, especialmente os mais relacionados à Psicologia Social, vão associar a emergência do indivíduo/sujeito a mediações como a linguagem e as emoções que promovem a comunicação com o outro, consoante ocorre com a afetividade, a consciência e a identidade.

A emergência do sujeito nas pesquisas em comunicação, por sua vez, tem o caráter de “reencontro dos estudos de comunicação com a sociedade latino-americana” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 39) e vai implicar um “olhar para si”, longe dos modelos habituais de análise do processo de comunicação derivado de outras realidades socioeconômicas.

Martín-Barbero, autor do clássico *Dos Meios às Mediações*, podemos dizer, é a principal influência para esse pensamento latino-americano constituído, relacionando cultura e comunicação. O ex-padre espanhol, que adotou a Colômbia como pátria, fez emergir um continente com suas inquietações e reflexões e chocou o mundo acadêmico, ao propor que “era preciso perder o objeto (da ciência da comunicação) para ganhar o campo, “o caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo” (RABELLO, 1999, p. 79)

Os principais conceitos propostos por Martín-Barbero estão relacionados à mediação, recepção, mestiçagem, resistência e identidade cultural. A seguir, alguns desses conceitos são apresentados, ainda que de maneira passageira, visto que o nosso objetivo não é o aprofundamento na obra de Martín-Barbero, embora ela seja uma das principais referências deste estudo.

O encontro com o sujeito na comunicação é o encontro com o sujeito da vida. A possibilidade de pensar a comunicação também do ponto de vista da recepção inferiu uma perspectiva absolutamente inovadora para os estudos não apenas da comunicação, mas também da sociedade, porquanto significou propor o receptor nem como vítima, nem como estando isolado, mas como um sujeito que fala e escuta de um novo lugar, rompendo com o modelo mecânico predominante até então.

Entende-se por modelo mecânico, na concepção de Martín-Barbero, “como sendo aquele que não há nem verdadeiros atores nem verdadeiros intercâmbios. É o modelo em que comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um pólo a outro.” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 40).

Se esse modelo está ultrapassado para o horizonte da comunicação, parece-nos que está em franca utilização em outras áreas do conhecimento, como na saúde e em algumas visões de educação, que, contrariando vastas pesquisas, ainda situam o “outro” do processo, na condição de inferior, como alguém ausente de conhecimento, vazio, portanto.

A perspectiva de Paulo Freire (1988) que pensa a educação a partir do contato com o outro, na relação, na troca, na dialogia, vai influenciar sobremaneira essa nova visão que pensa o receptor como sujeito, visto que, tal qual na educação, rompe com o modelo condutista, cuja ênfase está em quem transmite o conteúdo.

Martín-Barbero chama atenção para o fato de que essas visões condutistas do processo de comunicação e que derivam do pensamento iluminista na educação, abrigam uma questão, no mínimo, curiosa - uma visão puramente moralista do receptor como uma vítima, alguém facilmente manipulado no processo. “É interessante perceber que esse moralismo em torno do receptor coincide com uma visão política de esquerda, com uma visão de crítica social.” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 41).

Essa visão moralista do receptor, apesar de décadas de pesquisas e estudos, ainda que de forma discreta, prevalece, porque de alguma maneira as esquerdas ainda pensam o estatuto da dominação baseado exclusivamente no modelo capital-trabalho. As pesquisas sobre o campo da cultura e do cotidiano é que vão deslocar esse eixo de análise do domínio do mundo do trabalho.

Martín-Barbero, ressaltamos, uma das grandes referências e um dos pioneiros sobre os estudos da recepção no mundo e especialmente na América Latina, considera que a recepção propõe algumas mediações, tais como a relação com o tempo e as fragmentações sociais e culturais.

Na primeira mediação proposta, é preciso compreender que a Pós-Modernidade propõe uma ruptura com o pensamento hegemônico de uma só história apenas, um eixo de orientação. Essa “heterogeneidade de temporalidades” que abriga o diálogo entre tradição e Modernidade constitui a primeira chave para perceber a recepção sob outro paradigma.

A outra chave está na percepção do que vêm a ser as novas fragmentações sociais e culturais. As ofertas de comunicação da Pós-Modernidade conferem sentidos diferenciados para grupos sociais diferenciados. As facilidades da tecnologia que significam para uma determinada classe social um *status* de avanço implicam, para outra, um código inacessível, representado pelo sistema financeiro cada vez mais informatizado, pelas TVs a cabo, pela rede mundial de computadores. Enquanto um determinado grupo social, mais abastado, transita facilmente pelo mundo mediado pela tecnologia, outro daí está ausente. Mais uma vez

é Martín-Barbero que argumenta que esse modelo só reforça a divisão de classes e não traz em si novidades, mas “é novíssima na forma de produzir, mas vem aprofundar a velha divisão social”(MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 47).

A outra fragmentação está em pensar a sociedade a partir de segmentos de consumo, propostos essencialmente pela publicidade. Assim os meios hoje estão organizados para atender a grupos específicos de mulheres de determinada profissão e idade, a jovens de certa faixa etária, homens de alto poder aquisitivo, por exemplo.

Há ainda, para Martín-Barbero (1995), uma dimensão importante na interface com a recepção: a exclusão cultural. Para o pesquisador latino-americano, há modos de deslegitimação do gosto popular, exatamente naquilo que se convencionou chamar de “ausência de gosto ou mau gosto”, seja pelos programas de auditório, onde o grotesco é o foco, seja pelas telenovelas, seja pelo apego aos gêneros narrativos, especialmente no cinema, em que predomina muito mais o apelo comercial. Por último, e não menos importante, “os modos populares de desfrutar as coisas” manifestos inequivocamente de forma ruidosa nos cinemas, teatros, partidas esportivas, só para dar alguns exemplos que são vistos como excessos.

Esse modo tumultuado, ruidoso, emocionado e apaixonado de desfrutar é deslegitimado em nossa sociedade. Essa expressividade popular seria a marca da ausência de cultura, de gosto e de educação (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 52).

Outra mediação proposta por Martín-Barbero (1995) diz respeito às demandas sociais por comunicação e cultura. Para ele, é impossível formular uma proposta de democratização dos meios sem levar em conta o desejo das classes populares, o que – adverte - pode diferir e muito do que pretendem os intelectuais e os políticos de esquerda.

No texto *América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social*, Jesús Martín-Barbero (1995) faz uma abordagem aprofundada sobre os caminhos da recepção no Continente latino-americano e destaca, no seu percurso teórico, alguns elementos conceituais desse fato.

Vinculando-nos a essa perspectiva, retomar a pergunta pelo lugar de sujeito que os grupos populares tentam vivenciar nas práticas sociais em comunicação, tomadas por nós também como lugar de um processo educativo, é nosso assento teórico-metodológico basilar.

o estudo da recepção, no sentido em que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido; quer resgatar o caráter lúdico da relação com os meios; quer romper com aquele racionalismo que pensa a relação

com os meios somente em termos de conhecimento ou de desconhecimento, em termos ideológicos; quer resgatar, além do caráter lúdico, o caráter libidinal, desejoso, da relação com os meios (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 54).

Outra questão sobre a qual nos debruçamos envolve a relação entre os estudos de recepção e os processos de produção dos discursos educacionais em comunicação. Essa vinculação é circunstância para se ter uma compreensão do todo, que estamos a conceituar como produção de sujeitos, nos parece ser a chave para perceber como a recepção está inserida no processo produtivo e como ele se organiza e se programa.

Na compreensão do pesquisador espanhol Martín-Barbero (1995, p. 57), seria necessário perceber, mesmo, “que a verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio [...] transmite ao receptor”. [...] Seria fundante do meu olhar a compreensão da recepção como espaço de interação.

Nessa perspectiva, vamos perceber que para trabalhar essa dimensão interativa é necessário eleger outro *locus* de significação, que é a vida cotidiana. O cotidiano ganha aqui força porque vai abarcar justamente as compreensões que dão sentido à vida como um todo: o sonho, a família, o jogo, os cuidados com a saúde, o amor, por exemplo.

Para Martín-Barbero, é preciso pensar a produção cotidiana de sentido.

E sentido significa , antes de tudo, sentidos: de ver, de gostar, do fato, do ruído, sensibilidades. [...] Eu creio que o estudo da vida cotidiana tem em comum nos seus grandes campos de trabalho uma teoria nova e uma investigação sobre sentido comum. [...] Resgatar o sentido comum é resgatar esse viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento e como espaço de produção e de troca de sensibilidade. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 60).

Aprofundando o campo de tensões entre produção de conhecimento e cotidiano, cultura e comunicação, consideramos como o pensamento freireano pode nos auxiliar a conectar os modos de conhecer o mundo com a necessária apropriação de uma linguagem como sentido capaz de reverter a opressão social.

2.6 O sujeito em Paulo Freire

Pensar o sujeito em Paulo Freire é refletir a própria existência. Para o Educador pernambucano, a educação é constituída no encontro entre sujeitos, de tal forma que a descoberta de si também é a descoberta do outro. Em *Pedagogia do Oprimido* (1988), o autor aponta para uma oposição inerente ao processo histórico: o reconhecimento da desumanização

pela qual homens e mulheres passam e a necessidade de buscar a humanização, como afirmação da vida e, portanto, de si.

É o que Freire chama de *ser mais*, um conceito imbricado com a superação da condição do estado de opressão, a que os oprimidos estão submetidos. Ultrapassar essa condição e humanizar-se, superando a sufocação a que estão submetidas historicamente as classes populares, implicaria, contudo, na capacidade de humanizar também os opressores como possibilidade de *ser mais*.

Nessa perspectiva, é que Freire acentua:

A grande generosidade está em lutar para que, cada vez mais, estas mãos, sejam de homens ou de povos, se estendam menos, em gestos de súplica. [...] E vão se fazendo, cada vez mais, mãos humanas, que trabalhem e transformem o mundo. (FREIRE, 1988, p. 31).

Ao se perceber oprimido no mundo e se reconhecer com capacidade de enfrentar o estado de opressão e superá-lo, é que se passa a ser sujeito. Mesmo na condição de oprimido, pode-se compreender a necessidade de libertação e a viabilidade de chegar-se a ela “pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”. (FREIRE, 1988, p. 31). A idéia de práxis como caminho necessariamente de reflexão e ação coletiva é central em Freire.

Assim é que o sujeito popular assumir-se capaz e buscar as condições para romper com tal situação de opressão é a base da pedagogia do oprimido - assim diz Freire: “a pedagogia do oprimido, que busca a restauração da intersubjetividade, se apresenta como pedagogia do Homem”. (1988, p. 41).

Ser mais é, portanto, vocação de todos os homens, impossibilitados de exercê-la livremente pelo estado opressivo e essa condição é que ocasionará a mudança. A impossibilidade de ser mais produz, assim uma situação de violência e mais uma vez, Freire propõe:

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto de amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor (FREIRE, 1988, p. 43).

Enquanto Freire instiga a emergência do ser mais como condição de humanização plena dos oprimidos, percebe, por outro lado, que o que mobiliza os opressores é a situação de *ter mais*, nem que isso implique o “ter menos ou o nada ter dos oprimidos”.

Essa reflexão sobre humanização, já na década de 1970, situava o tema da existência da opressão também do ponto de vista do consumo, assunto que será amplamente estudado a partir dos anos 1990 pelo pesquisador mexicano Nestor Garcia Canclini. Pensar o homem sob a condição de consumidor implica, para Freire, o *ter mais* em oposição a ser, daí a afirmação freireana: “Não podem perceber que, na busca egoísta do ter como classe que tem, se afogam na posse e já não são. Já não podem ser.” (FREIRE, 1988, p. 46)

Refletir sobre o estado de opressão é, para Freire, a chave para uma práxis transformadora. Perceber-se sujeito e com possibilidade de transgredir a situação opressiva, estabelecendo uma ação libertadora, é um fator fundamental para suplantar da situação de opressão. Daí ele defender a idéia de que:

Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica. (FREIRE, 1988, p. 53).

O ser mais, pois, para Freire se constitui estratégia coletiva, a partir da práxis dos sujeitos. É interessante perceber que esse movimento de emancipação do sujeito como alguém com capacidade e potencial de transformação e, portanto, consciente do seu papel no mundo, ao mesmo tempo em que subverte a lógica dominante da opressão, cria condições para a sua superação. Relacionamos esse movimento educativo que visa à emancipação com a idéia dos estudos de recepção: o receptor, então, sendo visto como alguém capaz de autonomia, de se perceber como tal e capaz de superar o funcionamento que tenta situá-lo como “um vazio a ser preenchido”, como comentava Martín-Barbero (1995, p.41).

A convergência entre o que Freire propõe para a educação e os estudos sobre a recepção não acontece por acaso. Ambas partem de um norte político: a emancipação do sujeito para a constituição de outro mundo, livre da opressão, compreendendo como mediações a cultura, o cotidiano, o trabalho e a política.

O estado de opressão a que se submetem os oprimidos, segundo Freire, leva o sujeito a “um ser menos”, a “um ser coisa”, daí o processo de humanização buscado pelo oprimido consciente ser considerado subversão, tal qual a sua liberdade e, por isso, “a necessidade de seu constante controle. E quanto mais controlam os oprimidos, mais o transformam em ‘coisa’, em algo “que é como se fosse inanimado”. (FREIRE, 1988, p. 46). A reificação (coisificação) a ser ultrapassada parece necessitar da reflexão sobre o que mantém a aviltante fábrica de sujeitos-coisa.

Sobre isso, assim se refere Freire:

É como homens que os oprimidos têm que lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de quase “coisas”. Não podem comparecer à luta como quase “coisas”, para depois serem homens. É radical esta exigência. A ultrapassagem deste estado, em que se destroem, para o de homens, em que se reconstróem, não é *a posteriori*. A luta por esta reconstrução começa no auto-reconhecimento de homens destruídos. (FREIRE, 1988, p. 55).

Tal qual o modelo funcionalista, que percebe a comunicação como algo vertical e cuja ênfase está na emissão dos conteúdos, a educação também reserva para si uma estrutura semelhante àquela que Paulo Freire deu o nome de “concepção bancária da educação”. A educação bancária pressupõe que há um saber restrito, que deve ser doado aos que nada sabem e na qual prevalece a lógica de que educar é “o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos”. (FREIRE, 1988, p. 59). Assim define Freire:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não se pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE: 1988, p. 67).

Relacionamos aqui as convergências entre o que propõe Martín-Barbero, com os estudos de recepção, e Freire, ao pensar a educação como algo edificado por educandos e educadores, mediado por diálogos. As duas visões se encontram na ruptura com o modelo funcionalista existente, ainda que de forma menos enfática, na área das ciências sociais.

Aproximar o estudo de recepção do programa *Momento Saúde*, veiculado pela Rádio Comunitária Edson Queiroz, da concepção dialógica proposta por Freire implica pensar a comunicação como uma conjunção de atos a ser estabelecida pelos emissores e pela audiência. Causa estranhamento a concepção de um programa radiofônico em uma emissora comunitária que não pressupõe o diálogo com seu público, ainda mais acerca de um tema cuja relevância está no dia-a-dia e na experiência das pessoas da comunidade.

É ainda Freire que nos chama a atenção:

Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo. O mundo, agora, já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos

sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização.(FREIRE, 1988, p. 75).

É exatamente aonde queremos chegar: enxergar os sujeitos do Dendê pensados a partir da mediação do cotidiano e, nele, a mediação dos programas sobre saúde. Como iremos comentar na análise sobre o programa *Momento Saúde*, é forçoso dizermos que há um silenciamento das vozes do bairro no programa. Essas observações que fazemos são fruto da abordagem-piloto feita na comunidade, ainda em 2004. A “fala autorizada” sobre os conteúdos de saúde parte das estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, que ainda se posicionam ante o aspecto transmissor dos conteúdos de forma radicalmente vertical e em nenhum aspecto integrada, sinérgica ou mobilizadora. O não-desvelamento crítico dos modos de comunicação empreendidos à sua escuta indica que essa maneira de transmitir é forjadora de um papel que se aproxima de coisa, que é dado aos ouvintes.

Para Freire, existir implica pronunciar-se ao e no mundo, daí por que o silêncio é encarado como a antinomia da existência.

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*. (FREIRE, 1988, p. 78).

Falar de linguagem não como exercício intelectual, apartado da dimensão desejante, ou seja, um fazer que incorpora toda a totalidade do sujeito. Percebemos a necessária reflexão sobre linguagem, como lugar de apropriação de sentidos para a existência; sentidos atravessados pelo modo como acontecem as práticas interativas.

Ao propor o diálogo como condição da existência, Freire sinaliza para a imanência de outras categorias, tais como o amor e a fé, como fundantes da relação dialógica e, principalmente, assinala o fato de o diálogo só acontecer entre sujeitos.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé dos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 1988, p. 81).

2.7 Paulo Freire, comunicação e cultura

Em 1981, o professor Venício Artur de Lima publicou *Comunicação e Cultura: as idéias de Paulo Freire*, precioso estudo sobre os conceitos de comunicação e cultura em Freire, em que faz toda a contextualização do pensamento freireano a partir do que foi vivido e produzido pelo Educador pernambucano.

Seria importante vermos a relação intrínseca entre comunicação e conhecimento, aqui também pensado como algo em que o diálogo é circunstância indispensável para o ato de conhecer, mas também para a condição de ser sujeito e ser mediado pelo mundo.

Enfatizando que a comunicação significa co-participação dos Sujeitos no ato de pensar, que o objeto de conhecimento não pode se constituir no termo exclusivo do pensamento, mas, de fato, é seu mediador, e que o conhecimento é construído através das relações entre os seres humanos e o mundo, Freire está, na verdade, definindo a comunicação como a situação social em que as pessoas criam conhecimento *juntas*, ao invés de transmiti-lo, dá-lo ou impô-lo. A comunicação é uma interação entre Sujeitos iguais e criativos. Mas esta interação é de natureza tal que necessita estar fundada no *diálogo* (LIMA, 1981, p. 64).

Também Freire antevê todavia, a dimensão política da comunicação, como destaca Lima, ao recuperar uma frase de Paulo Freire, que diz: “a comunicação deve ser vivida pelos seres humanos como a sua vocação humana. Em outras palavras, a comunicação deve ser vivida em sua dimensão política.” (LIMA, 1981, p. 65).

A dimensão política a que se refere Freire está relacionada com pensamento e linguagem como “constituintes de uma totalidade que se refere à realidade do sujeito que pensa”. (LIMA, 1981, p.65) Está também vinculada aos contextos históricos e culturais desses sujeitos, quer dizer, pensamento e linguagem não estão isolados das realidades a que os sujeitos estão submetidos e, por isso mesmo, são elementos para a mediação do mundo e para a condição de *ser mais*.

Já sobre o conceito de cultura, Lima (1981) apresenta uma discussão interessante sobre a idéia de “cultura do silêncio”. Para ele, esse conceito aparece inicialmente referenciando o contexto global da América Latina, sendo que, para isso, Freire faz ampla análise da herança colonial brasileira.

Tal qual aconteceu no Brasil, assim como em outros Países latinos, a estrutura de dominação criou um conjunto de representações e comportamentos que se perpetuou mediante a relação de “dependência entre os Países do Terceiro Mundo e as metrópoles”. (LIMA, 1981, p. 89). Esse silenciamento opressivo ajudou a produzir uma cultura que se caracteriza por não dar voz própria, negando uma atitude crítica aos que “sofrem da dualidade

existencial e de um senso de autodepreciação, e são caracterizados pela submissão e pelo silêncio”. (LIMA, 1981, p. 89).

Assim, para Lima, Freire pensa cultura a partir da seguinte reflexão:

Levando em consideração tudo o que foi dito até agora, parece possível tentar uma apreensão inicial da definição freireana de cultura antes de explorar suas implicações. Diz ele que cultura “é produto da atividade transformadora do homem (práxis) em contato com o mundo” ou que a cultura, “criada pelo homem através de sua práxis e seu trabalho, é o universo simbólico e ‘abrangente’ em que os homens atuam enquanto seres conscientes”. Desta forma, Freire entende que a cultura como uma totalidade de produtos significativos criados pelos homens através de sua práxis e seu trabalho (ação). Esta totalidade compreende o universo simbólico e “abrangente” em que os homens atuam enquanto seres conscientes. Ou seja compreende todos os “bens materiais, objetos sensíveis, instituições sociais, ideologias, arte, religiões, ciência e tecnologia criados pelo homem. (LIMA, 1981, p. 107).

Freire concebe a cultura tal qual a comunicação, ou seja, há uma dimensão política embutida aí, onde está incluída a noção de práxis humana. Assim, comunicação e cultura são interfaces de um mesmo processo que é o processo da educação e sem as quais ele não sucede de fato. Daí por que, Freire também usa bastante a idéia de ação cultural, como uma prática educativa e que vai se popularizar sobremaneira a partir da educação de adultos. O conceito de ação cultural se refere a “um conjunto de relações envolvendo práxis humana, trabalho transformador, condicionamento social, alienação, desalienação, superestrutura, infra-estrutura, objetivação e criação”. (LIMA, 1981, p. 106).

Aqui nos ocorre pensar o fazer da rádio como ação cultural. Como esta se contrapõe ou reafirma, em sua produção cultural, a idéia de práxis proposta por Freire ?

2.8 Os Estudos Culturais

Tentávamos pensar o cotidiano das classes populares como categoria de análise capaz de nos conduzir na pesquisa. Assim, buscamos nos Estudos Culturais elementos capazes de balizar a constituição teórica sobre o assunto. Para Maria Elisa Cevasco, eles incluem os estudos da cultura popular e dos fenômenos da vida cotidiana e “vieram suprir as necessidades intelectuais de uma nova configuração sócio-histórica” (CEVASCO, 2003, p. 07).

Apesar de existirem divergências políticas e teóricas sobre as quais eles foram definidos, como chama atenção Ana Carolina Escoteguy (2003, p. 51), a Inglaterra é país-referência dessa nova vertente, mais especificamente o Centro de Estudos Culturais

Contemporâneos (*Centre of Contemporary Cultural Studies*), fundado em 1964 na Universidade de Birmingham.

Os Estudos Culturais foram ganhando, pois, contorno fora da Inglaterra e hoje suas referências se espalham nos Estados Unidos, Austrália, Canadá e também na América Latina.

Embora a vertente latino-americana tenha emergido e se localizado preferencialmente no âmbito acadêmico, surge entrelaçada com um momento conjuntural de redemocratização da sociedade e de observação intensa da ação dos movimentos sociais da época. As profundas alterações que vêm ocorrendo na vida social dirigem o olhar dos intelectuais que individualmente têm elaborado análises críticas sobre a vida social e cultural contemporânea. É esse tipo de engajamento político que se dá nos Estudos Culturais latino-americanos e os diferencia tanto do momento inicial da vertente britânica quanto do seu desenvolvimento em solo norte-americano. (ESCOTEGUY, 2001, p. 44).

Pelo menos duas razões justificam a emergência dos Estudos Culturais na Inglaterra: a expansão da organização capitalista para todo o campo cultural e o colapso do império britânico, que teria se concretizado para a opinião pública depois da guerra contra o Egito (ESCOTEGUY, 2001, p. 52).

Um marco nas reflexões sobre os Estudos Culturais foi a publicação, em 1957, de *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart. Para Ana Carolina Escoteguy, “este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência, o que, bem mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos” (ESCOTEGUY, 2001, p. 22)

Hoggart pesquisa de maneira apurada a imprensa popular, o cinema e os costumes da vida cotidiana, e foi essa forma de investigação qualitativa que deu novo aporte aos Estudos Culturais.

Outros nomes além de Richard Hoggart que deram densidade ao pensamento que se formava tendo como base as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade foram os de Raymond Williams, Edward Palmer Thompson e Stuart Hall.

Um ponto que afere uma dimensão diferenciada a partir dos Estudos Culturais é a noção de cultura. Raymond Williams é um dos expoentes do *Centre for Contemporary Cultural Studies* que vai se debruçar sobre a reconceituação de cultura, longe de qualquer concepção elitista. Até então predominavam dois entendimentos diferentes de cultura - o de uma “alta” cultura, como sendo um conceito supostamente universal e dominante, e outro que se referia à cultura do povo como algo inferior.

Williams e Thompson vão pensar cultura sob outra perspectiva: “uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOTEGUY, 2001, p. 22). Essa definição vai interferir sobremaneira na forma de pensar o modo de vida das classes populares.

No livro *Cultura*, Raymond Williams reconfigura o que se compreendia como cultura até então. Ele aborda de vários aspectos a Sociologia da Cultura, tomando como referência os sentidos antropológico e sociológico do termo. As acepções de cultura como “modo de vida global” e como “atividades artísticas e intelectuais” são, para Williams, convergentes e incluem “todas as práticas significativas”- desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade- que agora constituem esse campo complexo e extenso (WILLIAMS, 1992, p. 13).

A partir desse ponto de vista, ele detalha, capítulo a capítulo, as instituições e formações culturais, os meios de produção, as identificações, formas, reprodução até chegar no conceito geral. Propõe Williams:

Podemos agora examinar a possibilidade de um conceito geral que, embora não substitua os tipos específicos de estudo, possa ser capaz de indicar todas as suas complexas inter-relações. A história moderna do conceito de cultura é, de fato, uma história da busca de um conceito como esse. Essa é a razão por que ele ainda é indispensável na história e no desenvolvimento do pensamento social (WILLIAMS, 1992, p. 205).

Embora reconheça no conceito antropológico que entende cultura como modo de vida global o mérito de romper com os estudos isolados desenvolvidos no modelo capitalista que identifica “um lado econômico da vida”, “um lado político” etc, Williams defende a noção de que, para dar conta das demandas contemporâneas, é preciso pensar o conceito de cultura como “um sistema de significações realizado” (WILLIAMS, 1992, p. 206).

Assim, o que se pretende é que a distinção da cultura, no sentido mais amplo ou mais restrito, como um sistema de significações realizado, não só abra espaço para o estudo de instituições, práticas e obras manifestamente significativas, mas que, por meio dessa ênfase, estimule o estudo das relações entre essas e outras instituições, práticas e obras. [...] A organização social da cultura, como um sistema de significações realizado, está embutido em uma série completa de atividades, relações e instituições, das quais apenas algumas são manifestamente “culturais”. Pelo menos para as sociedades modernas, esta é uma utilização teórica mais eficiente do que o sentido de cultura como modo de vida global (WILLIAMS, 1992, p. 207-208).

É na sua obra anterior, entretanto, que Williams vai exprimir a relação entre cultura, linguagem e experiência como significativos de uma nova época. Para Anísio Teixeira, autor da apresentação da edição brasileira de *Cultura e Sociedade 1780-1950*,

Raymond Williams faz “uma antologia do que de mais importante aconteceu” no intervalo de 170 anos.

Williams faz um livro ousado. Reúne o pensamento de quarenta autores e com eles dialoga a fim de elucidar de que modo, ao longo da história (especialmente pós-Revolução Industrial), a sociedade se transforma e termos como *cultura*, *arte*, *democracia*, *classe* e *indústria* ganham novos significados.

Assim exposto, pode parecer que Williams estabelece esses termos aleatoriamente para ressignificá-los, mas é atento ao processo histórico que ele perscruta os sentidos que dão novo contorno à forma de vida que se estabelecia no mundo naquele momento, especialmente na Inglaterra; um profundo exercício de análise, que ajuda a situar o que na década de 1960 se manifesta como contemporâneo.

O livro, dividido em três partes, apresenta inicialmente o pensamento do século XIX e vai terminar com as opiniões do século XX na visão, por exemplo, de D. H. Lawrence e George Orwell. É na Conclusão, porém - onde Williams manifesta suas impressões e inquietações - que está a parte mais preciosa da sua obra.

Williams adverte o leitor:

A idéia deste livro nasceu da descoberta de que o conceito de cultura e a própria palavra, em seus usos gerais modernos, surgiram no pensamento inglês no período comumente chamado de Revolução Industrial. O livro corresponde a uma tentativa de mostrar como e porque isso ocorreu e de acompanhar o desenvolvimento do conceito até os dias atuais. Ele se apresenta, assim, como um apanhado e uma interpretação de nossas reações intelectuais e sentimentais às transformações que se operaram na sociedade inglesa desde fins do século dezoito. Somente dentro desse contexto é possível a compreensão adequada do uso da palavra “cultura” e dos problemas e questões a que ela se refere (WILLIAMS, 1969, p. 11).

Não se trata, entretanto, de um estudo analítico no sentido de identificar por tópicos os novos sentidos que ganham palavras como cultura, por exemplo. O interessante da obra de Raymond Williams é a investigação sobre os usos sociais da linguagem, que ele apresenta a partir da obra de pensadores de renomada experiência.

Os termos de referência de minha análise não são apenas os de distinguir os significados das palavras, mas também os de relacioná-los com suas origens e seus efeitos. Tentarei conduzi-la examinando diversos pronunciamentos individuais e não uma série de problemas abstratos. Creio, por temperamento e formação, que é mais fácil colher significados em pronunciamentos pessoais do que em sistemas significativos abstratos. Acontece também que, em um exame como o que pretendo fazer, penso estar compelido ao estudo da linguagem tal como se apresenta: isto é, palavra e seqüência de palavras que determinados homens e mulheres empregaram na tentativa de traduzir suas experiências (WILLIAMS, 1969, p. 20).

No texto dedicado à conclusão das suas reflexões, Williams reforça veementemente que a noção de cultura não pode estar dissociada do processo histórico pelo qual passou a civilização. Ele identifica como marco dessas transformações a Revolução Industrial e, a partir dela, a urbanização das cidades e a configuração que as relações sociais tiveram desde então.

Nesse sentido, ele se concentra no conceito de massa, como ideia-chave para a compreensão do que passava a acontecer em campos como a arte, a democracia e a indústria. Antes, no entanto, destaca que esses campos passaram por três fases em momentos diferentes, mas com semelhanças.

No caso da indústria, no primeiro momento, há uma rejeição diante do processo novo, depois, a fase de ressentimento e, por último, a aceitação da máquina e a emergência dos problemas sociais dentro do sistema industrial. Todo o processo histórico ocasionado pela utilização das máquinas faz produzir uma nova forma de organização política, a democracia, que, de pronto, se apresenta como uma ameaça representada pela supremacia popular e mais tarde se relaciona com a ideia de comunidade em oposição às práticas individualistas vigentes, para na terceira fase, se constituir a democracia das massas. No caso da arte, a primeira fase é marcada pela importância para a vida comum, depois a arte se apresenta como um valor em si mesma e em um outro momento significa um esforço por uma reintegração da arte à vida comum da sociedade (WILLIAMS, 1969, p. 305).

No que diz respeito às massas, Williams discute a presença dos meios de comunicação e o papel que eles passam a representar diante da nova realidade social.

As novas técnicas, em si mesmas, no meu modo de ver, são, na pior das hipóteses, inteiramente neutras. A única objeção significativa que lhes podemos opor é a de que são relativamente impessoais, quando comparadas com técnicas que, no passado, tinham os mesmos fins. [...] Neste ponto, nosso erro está em não atentarmos que muito do que chamamos comunicação, nada mais é do que transmissão: remessa num único sentido (WILLIAMS, 1969, p. 311).

É interessante perceber que as observações de Williams sobre os meios de comunicação e a forma como eles atuavam na sociedade de então, destoam do pensamento dominante da época. A visão apocalíptica de alguns sobre o impacto dos meios é facilmente questionada pela percepção de Williams de que a comunicação é muito mais do que transmissão e nesse aspecto aponta para um caminho de raciocínio totalmente diverso de muitos estudiosos da sua geração: a incapacidade da audiência para lidar com as novidades apresentadas pela mediação dos meios de comunicação.

Williams baseia sua argumentação no fato de que, apesar de, na Inglaterra, ter surgido um novo público alfabetizado a partir de 1870, com a Lei da Educação, há outras variáveis além do grau de leitura para aferir a cultura de uma sociedade, e usa como referência o jornal local. Para ele, a apropriação das informações apresentadas no jornal local, por parte do público leitor, acontece porque o jornal e seus leitores participam de uma comunidade conhecida, partilham de conhecimentos comuns e estão ligados a certas formas de relação econômica e social (WILLIAMS, 1969, p. 321).

O autor inglês trabalha desde o início com a idéia de experiência. É essa noção que vai nortear toda a sua reflexão sobre o conceito de cultura. Mais ainda: vai se opor à noção de “cultura burguesa” criada pelo pensamento marxista e exprimir, de forma significativa, a compreensão de que há uma cultura da classe trabalhadora.

[...] Se considerarmos a cultura, como importa fazê-lo, em termos de um corpo de trabalho imaginativo e intelectual, perceberemos que, com a extensão generalizada da educação, a distribuição da cultura se vem fazendo de modo mais igual e, ao mesmo tempo, a nossa obra da cultura se vem endereçando a um público mais amplo que o correspondente a uma só classe. Contudo, a cultura não é apenas um corpo de trabalho imaginativo e intelectual; é também e essencialmente todo um modo de vida. A base para uma distinção entre cultura burguesa e cultura da classe trabalhadora não está senão secundariamente no campo do trabalho imaginativo e intelectual e, ainda assim, não é fácil de ser feita, pois como vimos, o problema se complica com os elementos comuns resultantes do uso de uma linguagem comum. A base primária para a distinção deve ser baseada no modo total de vida e, ainda aí, não devemos limitar-nos a evidências tais como a forma de morar, a maneira de vestir ou de aproveitar o lazer. [...] A distinção crucial está em formas alternativas de se conceber a natureza da relação social (WILLIAMS, 1969, p. 333).

A compreensão de Williams sobre a cultura como modo de vida e, sobretudo, como relação social, é fundamental para o estudo dos programas da Rádio Comunitária Edson Queiroz. Primeiro, no que diz respeito à forma como localiza a linguagem no âmbito da cultura; segundo, por ter na experiência um elemento fundante da compreensão do modo de vida das classes populares.

2.9 Cultura e sujeito

A cultura pensada como espaço de constituição do sujeito é ainda objeto de reflexões de autores como Homi K. Bhabha e Stuart Hall. Ambos localizam a cultura como esfera fundamental do pensamento contemporâneo, como defendia Williams. Bhabha propõe pensar a dimensão do “entre-lugares” como estratégia para entender o sujeito e a própria idéia de sociedade.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a nossa necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 19).

No livro *O Local da Cultura*, o indo-britânico Homi K. Bhaba centra suas reflexões sobre o discurso colonial inscrito em obras literárias de Conrad, Kipling e Foster, entre outros. A relação entre o pensamento de Bhabha e a perspectiva desta pesquisa está na migração, tema que ele aprofunda no ensaio *DissemiNação - O tempo, a narrativa e as margens na nação moderna*.

Do ponto de vista do autor, a migração é um dos principais temas da história moderna e deve ser pensada como uma “dispersão de povos” e, conseqüentemente, linguagem e cultura. É nesse aspecto que identificamos semelhanças com as questões encontradas no bairro Edson Queiroz.

A organização do que é hoje identificado como bairro Edson Queiroz origina-se exatamente de um conjunto de fragmentações de pessoas, culturas e modos de vida que, deslocados de outros pontos de Fortaleza e cidades diversas do Ceará, passa a residir no chamado bairro da Água Fria por volta da década de 1970. Toda a organização do bairro, que sintetiza e até antecipa alguns aspectos amalgâmicos da diáspora mundial, será retomando no capítulo seguinte, mas consideramos importante, demarcar aqui a convergência do que Bhabha vai escrever identificando “a nação ocidental como uma forma de viver a localidade da cultura”. (BHABHA, 1998, p. 199). Naturalmente, nosso ponto de fulcro não é este, mas é importante contar com essas reflexões porque localizam a questão da cultura como fundante para compreender a subjetivação da sociedade contemporânea.

É Stuart Hall, seguramente, que nos vai ajudar a juntar as várias pontas desta reflexão. Esclarecemos: no início dessa discussão, apontamos o percurso de Boaventura de Sousa Santos e Rubem Alves como emblemáticos para as reflexões aqui apresentadas. Ambos os pensadores questionam a atitude que as ciências adotaram ao longo de décadas e apontam um novo caminho para o conhecimento: o do diálogo entre as várias formas de saber.

É exatamente isso que propõe Hall, ao identificar a necessidade da ruptura epistemológica como geradora do novo.

O que importa são as *rupturas* significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas. Mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas. [...] É por causa dessa articulação complexa entre pensamento e realidade histórica, refletida nas categorias sociais do pensamento e na contínua dialética entre “poder” e “conhecimento”, que tais rupturas são dignas de registro (HALL, 2003, p. 131).

Não por acaso, esse jamaicano, que migrou para a Inglaterra nos anos 1950, vai levar em conta em sua trajetória intelectual a migração para tratar da dimensão cultural, especialmente para abordar o que se compreende como identidade cultural e como esse fenômeno sucede na Pós-Modernidade.

Hall identifica nos Estudos Culturais um rompimento conceitual com a forma como as questões culturais eram estudadas até então. A ruptura proposta pelos Estudos Culturais ampara-se em dois fortes paradigmas: o culturalismo e o estruturalismo. Ele identifica o fato de que dois livros foram essenciais para criar esse campo de estudo: *As Utilizações da Cultura*, de Richard Hoggart, e *Cultura e sociedade 1780-1950*, de Raymond Williams.

Aqui, então, a despeito de várias diferenças importantes, está o esboço de uma linha significativa de pensamento dos Estudos Culturais: dir-se-ia, o paradigma dominante. Ele se opõe ao papel residual e de mero reflexo atribuído ao “cultural”. Em suas várias formas, ele conceitua a cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensual humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história. [...] Essa linha de pensamento define cultura *ao mesmo tempo* como os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e *também* como as tradições e práticas vividas através das quais esses “entendimentos” são expressos e nos quais estão incorporados (HALL, 2003, p. 143).

Outra discussão proposta por Stuart Hall e muito pertinente a tudo o que refletimos aqui é sobre cultura popular. O autor situa como ponto de partida, de todo e qualquer estudo sobre o tema, a luta em torno da cultura dos trabalhadores e das classes trabalhadoras durante a transição para o capitalismo agrário e depois o desenvolvimento do capitalismo industrial. (HALL, 2003, p. 247).

As mudanças no equilíbrio e nas relações das forças sociais ao longo dessa história se revelam, freqüentemente, nas lutas em torno da cultura, tradições e formas de vida das classes populares. O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo. E a tradição popular constituía um dos principais locais de

resistência às maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. [...] A cultura popular não é, num sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas (HALL, 2003, p. 248-249).

E é justamente essa resistência, disfarçada de conformismo, que é possível identificar nas relações sociais estabelecidas no bairro Edson Queiroz. Os primeiros contatos com a comunidade do Edson Queiroz, a partir das visitas à Rádio Comunitária, fizeram-nos perceber que o modo de vida dos moradores da periferia ensejava uma observação mais apurada. Havia ali uma forma de organizar a rotina doméstica, as atividades profissionais, o uso do espaço público, da rua, a aproximação com a Universidade de Fortaleza, que nos instigava a procurar compreender a dimensão da emissora de rádio no contexto do cotidiano daquela comunidade. O cotidiano, era pois, o ponto de referência, a liga que buscávamos para pensar a dimensão do sujeito, na relação com a rádio comunitária. Compartilhava, assim, do pensamento de Fernando Secreto, para quem “a vida cotidiana compõe a tessitura da vida social da periferia”.

Mais uma vez cotidiano e cultura entrecruzam. Retomando o que foi proposto por Martín-Barbero, a ressignificação do espaço cotidiano, é que fomos buscar compreender o pensamento de Agnes Heller.

Heller, podemos assinalar, foi uma das precursoras da investigação sobre o modo de vida do povo, usando o cotidiano como uma categoria de análise. Em *Sociologia de la vida cotidiana*, livro publicado em 1970, e cuja primeira edição em espanhol foi a público em 1977, ela defende a idéia de que a vida cotidiana é portadora de um processo histórico.

Es decir, la vida cotidiana también tiene una historia. Y esto es cierto no sólo en el sentido de que las revoluciones sociales cambian radicalmente la vida cotidiana, por lo cual bajo este aspecto ésta es un espejo de la historia, sino también en cuanto los cambios, que se han determinado en el modo de producción, a menudo (y talvez casi siempre) se expresan en ella antes de que se cumpla la revolución social a nivel macroscópico, por la qual bajo este otro aspecto aquélla es un fermento secreto de la historia (HELLER, 1977, p. 39).²

Também nessa perspectiva do cotidiano como categoria de análise é que Martín-Barbero (1997) propõe o bairro como mediador entre o universo privado e o mundo público da cidade e onde, conseqüentemente, se estabelecem outras identidades além da conferida pelo mundo do trabalho. Pensando o bairro justamente como esse lugar de elaboração de

²“A vida cotidiana também tem uma história. E isto não somente no sentido de que as revoluções sociais mudam radicalmente a vida cotidiana. Além desse aspecto, ela é um espelho da história, posto que enquanto as mudanças vão se determinando no modo de produção, quase sempre se expressam nela antes que se cumpra a revolução social em nível macroscópico. Pode-se dizer que a vida cotidiana é um fermento secreto da história”. (HELLER, 1977, p. 39).

subjetividades e, por conseguinte, de identidades, implica pensar o ambiente doméstico como um espaço de liberdade, na compreensão de Martín-Barbero.

Na percepção popular, o espaço doméstico não se restringe às tarefas da reprodução da força de trabalho. Pelo contrário, e frente a um trabalho marcado pela monotonia e despojado de qualquer atividade criativa, o espaço doméstico representa e possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa. Da mesma forma, nem toda forma de consumo é interiorização dos valores das outras classes (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 289).

A compreensão de que cotidiano, educação, cultura e comunicação se articulam para a produção cultural do sujeito é o viés que percorre este trabalho. As contribuições de Martín-Barbero e Paulo Freire, por exemplo, para a percepção do sujeito foram importantes para arrimar essa reflexão.

Os estudos de recepção privilegiam o dia-a-dia como mediação que vai ajudar a compreender a forma de se relacionar com os meios de comunicação no espaço doméstico. Gonçalves chama a atenção para o fato de que o cotidiano é uma categoria necessária ao entendimento da relação dos segmentos populares com a comunicação, como atesta o seu estudo *Rádio no Beco: cotidiano e linguagem*.

Martín-Barbero intensifica a importância de se estudar o cotidiano nas pesquisas sobre comunicação. Ele pensa a rotina diária como espaço de resistência.

O cotidiano familiar atravessa, de inúmeras formas, as práticas de recepção, a começar pela relação da estrutura social de classe com a subjetividade. Assim, podemos afirmar que esse cotidiano não é lugar de mera reprodução da vida ou da ideologia, mas sim de contestação dos códigos e do movimento de pulsão. [...] O espaço cotidiano da família é o locus de conexão entre o mundo da escola, da igreja, do trabalho; ao mesmo tempo, faz interagir as temporalidades desses ‘mundos’ com as do consumo dos meios, em particular a televisão (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 15).

Michel de Certeau, em *A Invenção do Cotidiano – As artes de fazer*, identifica o cotidiano como um espaço que se “inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (1994, p. 38). Na pesquisa apresentada no livro, o autor esclarece ao leitor sobre o processo sobre o qual se debruçou, as práticas cotidianas e de que maneira investigou o tema. Um ponto suscitado por ele e que tem aproximação com este estudo, diz respeito à forma, uso ou ao consumo que as classes populares fazem de determinado produto. No caso deste estudo, como a comunidade do Dendê “utiliza” as informações recebidas através do Programa *Momento Saúde*. Defende Michel de Certeau:

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas de “produção” (televisiva, urbanística, comercial etc) e porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. Há bastante tempo que se tem estudado que equívoco rachava, por dentro, o “sucesso” dos colonizadores espanhóis entre as etnias indígenas: submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas *faziam* das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas a subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Elas eram outros, mesmo no seio da colonização que os “assimilava” exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia seu poder, que não tinham meios para recusar; a esse poder escapavam sem deixá-lo. A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de “consumo”. Em grau menos, um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem (CERTEAU, 1994, p. 39 - 40).

Outra contribuição preciosa para o entendimento dos efeitos da comunicação na borbulha de todos os dias vem de Walter Benjamin. É ele quem vai identificar o impacto da modernidade e, por conseguinte, da imprensa, no cotidiano tradicionalmente oral da sociedade da época. Para ele, a informação assume um caráter de novidade e, portanto, de superficialidade, em oposição ao que tipificava o relato como uma fonte verdadeira da experiência, ligada a uma tradição viva e coletiva (GAGNEBIN, 1993, p. 59).

Para Benjamin, o advento da Modernidade e da imprensa, implica o fim da narração como uma possibilidade de troca de experiências, de interação.

Ela (a narrativa) tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. (BENJAMIN, 1993, p. 200).

Se, para Benjamin, a imprensa implica a exclusão do relato oral, visto que a informação não se integra à tradição, em que medida uma rádio comunitária pode ser um espaço de reaver o tino da oralidade e, portanto, da tradição? Em que medida, através da rádio, a comunidade do Edson Queiroz faz uma experiência com o passado para estabelecer interferências nos problemas da atualidade?

No que diz respeito ao rádio, é importante mencionar que a linguagem radiofônica teve e tem forte influência da tradição oral. A publicidade radiofônica, por exemplo, tem em

sua constituição uma clara referência a práticas discursivas, como os pregões da Idade Média e, no caso do Brasil, os modos de venda de propagação de idéias e de produtos adotados pelos mascates. A professora e pesquisadora Júlia Lúcia Albano da Silva, ao estudar a linguagem, a partir da publicidade radiofônica brasileira, encontra indícios a atestarem que a publicidade e, por conseguinte, a linguagem, foram produzidas alimentando-se da própria cultura popular, estabelecendo uma relação acentuada com o contexto sociocultural.

A partir deste ponto de vista convém situarmos a linguagem radiofônica como um diálogo, onde sujeitos constroem sentidos numa *interação verbal*, contextualizada social, histórica e ideologicamente, não havendo, portanto, recepção passiva (LIMA e PINHEIRO, 2003, p. 11).

A visão que se tem do uso das tecnologias nos processos educativos de maneira geral, e em especial do rádio, é que o lugar de “fala” deve ser ocupado por quem “tem” o conhecimento, fazendo do meio de comunicação, no caso o rádio, um espaço de onde se “despejam” informações, em uma visão meramente funcionalista da educação.

Antes de haver “transmissão de conhecimentos” – e portanto aprendizagem do conhecimento pronto- o homem depende de um outro aprender, decorrente de um intercâmbio com o mundo e com as pessoas em ambiente social, através do qual “descobre” coisas, por meios práticos, por reflexão, por experimentação – e até por acaso. A educação decorre da percepção de que ações sobre a aprendizagem podem ser organizadas (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 38).

A possibilidade de o rádio interagir nas questões de saúde não carrega em si inovações. Vários são os casos de programas radiofônicos que abordam conteúdos sobre a saúde. O que se apresenta como proposta é justamente compreender como acontece essa troca de informações, encarada aqui como um processo educativo não formal, entre profissionais de saúde e a população, supostamente “leiga”. Naturalmente que é preciso pensar a educação sob a égide do diálogo com a cultura e, portanto, com os saberes do grupo; e ainda, de que maneira a comunidade reelabora as informações recebidas pelos alto-falantes da Rádio Comunitária Edson Queiroz.

Michel Foucault, em *Microfísica do Poder*, aborda como ao longo do século XVIII a relação entre a Medicina e o Estado foi efetivada à medida que o sistema capitalista se consolidava na Europa. Ele parte do princípio de que com o capitalismo não sucedeu a mudança de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas aconteceu justamente o contrário.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

O Pensador francês percorre um longo caminho na história da Medicina, desde o início do século XVIII, quando se começa a desenvolver a Medicina de Estado na Alemanha. Depois, com a normalização desse saber em academias e com o advento da urbanização nas cidades européias, surgiu o conceito de Medicina urbana, relacionado com as condições do ambiente, do ar, da água e da vida (FOUCAULT, 1979).

A institucionalização do hospital como espaço de cura se dá ainda no século XVIII, quando o médico passa a ser o responsável pela organização hospitalar. Até então, o hospital era um lugar organizado por instituições de caridade e consistia, muito mais, em um meio de separar os indivíduos doentes da convivência com o restante da população, do que em um local onde vidas poderiam ser salvas.

A partir desse momento, o “cuidar” assume o sentido de conservação e manutenção da força de trabalho e a família se torna o agente mais constante da *medicalização*.

A política médica, que se delinea no século XVIII em todos os Países da Europa, tem como reflexo a organização da família, ou melhor do complexo família-filhos, como instância primeira e imediata da medicalização dos indivíduos; fizeram-na desempenhar o papel de articulação dos objetivos gerais relativos à boa saúde do corpo social com o desejo ou a necessidade de cuidados dos indivíduos. (FOUCAULT, 1979, p. 200).

Esse espaço destinado à família, porém, é transitório, já que a Medicina se assume como instância de controle social e o médico passa a ser uma autoridade, o grande conselheiro e o grande perito (FOUCAULT, 1979).

No Brasil-Império, segundo Jurandir Freire Costa, a saúde estava circunscrita à prática dos higienistas, que conseguiram relacionar a saúde da população à saúde do Estado e assim lograram se estabelecer como um poder.

Uma das estratégias tomou a família como referência, que sempre fora considerada um dos fortes obstáculos à consolidação do Estado brasileiro.

A medicina reconsiderou a estratégia colonial de combate à família depurando-a de seus equívocos. [...] Os componentes do poder familiar são então submetidos à nova avaliação e classificação. Em seguida, são criadas técnicas de persuasão e manobras de ataque. Ao conjunto deste dispositivo a medicina social dará o nome de higiene familiar. [...] Nesta ação transformadora, componentes de antigos dispositivos de

controle, como a militarização e a pedagogia jesuíta, serão reaproveitados e orientados para novos fins. [...] A ordem médica vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado, da pátria (COSTA, 1989, p. 31-48).

Do ponto de vista da Educação em Saúde, vale a pena retomar a experiência do uso do rádio no interior da Paraíba, pelo médico Eymard Mourão Vasconcelos, e que está registrada no livro *A Medicina e o pobre* (VASCONCELOS, 1987). Aliás, o autor faz ampla defesa do rádio, como instrumento de educação popular.

O rádio é um meio de comunicação de massa de grande penetração junto às famílias das regiões rurais e das periferias das cidades [...] Mas a força do rádio não está apenas na imensidão do público atingido: ele também transforma as características da educação em saúde e abre novos campos de prática profissional. (VASCONCELOS, 1988, p. 129).

Há que se considerar, porém, o fato de que o “fazer” rádio não é apenas levar um programa ao ar, na mera expectativa de repassar conteúdos.

Dependendo da maneira como o programa de rádio for feito, ele pode tornar-se um veículo de difusão, discussão e aprofundamento do saber popular em saúde, contribuindo assim na sua valorização e conseqüentemente ajudando a fortalecer a força política dos trabalhadores [...] Para isso é importante “dar a palavra ao povo”, durante o programa através de gravações de entrevistas, leitura de documentos elaborados por organizações populares, criação de uma seção de cartas [...] Ele poderá ser um canal de troca de experiências entre pessoas e grupos sobre o enfrentamento dos problemas de saúde. Será também um momento em que técnicos poderão analisar criticamente este saber popular, aprofundando-o. (VASCONCELOS, 1988, p. 131).

É importante ainda observar que a comunidade do Edson Queiroz é um espaço onde a oralidade resiste como mecanismo de autoproteção das relações comunitárias. Daí a importância de se trabalhar o contexto da Rádio Comunitária como um pólo onde essa oralidade se manifesta e se afirma como um lugar de construção de sentidos e, portanto, do diálogo com a tradição.

Paul Zumthor chamava de “tradição”, esta capacidade de guardar do passado os seus rastros, para que nos ajudem, colaborem conosco no presente. Nas sociedades midiáticas, tradição se configuraria nas respostas múltiplas dadas pelas culturas, ao desafio que nos lança a rapidez, a fugacidade do tempo, a aceleração da história, a presentificação incessante. Este passado construído na tradição não é contínuo, linear, mas ao contrário, comporta a ruptura, que é o esquecimento, escolhendo aspectos, encobrendo outros, sendo seletivo. No seu processo de transformação, a tradição se move, se modifica, cria hiatos que servem ambigüamente para conservar os dados e para possibilitar tensões criadoras, com energias próprias. Tradição, assim, como um saber cumulativo que as culturas têm de si próprias e que empregam nas linguagens, nas poéticas, na oralidade (PEREIRA, 2003, p. 9).

A ação cotidiana de caráter plural e diversificado, resultante da convergência entre o tradicional e o moderno, a oralidade e o letramento, emissores e receptores na elaboração de subjetividades na comunidade do Dendê, tendo como objeto de estudo o programa *Momento Saúde*, da Rádio Comunitária Edson Queiroz, avizinha o “senso” acadêmico com a “ciência” comum, como possibilidade de interpretação da interferência individual e coletiva no composto social, cultural e político daquela comunidade.

3 EDSON QUEIROZ OU DENDÊ ? – O ESPECULAR E O OBLÍQUO

3.1 A história do bairro



FIGURA 1 - Mapa da Cidade de Fortaleza – Ceará, com destaque no bairro Edson Queiroz. (AMORIM, 2005).

Estima-se que hoje vivam mais de 20.000³ pessoas em toda a extensão da comunidade do Dendê, situada no bairro Edson Queiroz, em Fortaleza, localizado atrás da Universidade de Fortaleza e compreendido pelas margens do rio Cocó, de um lado e de outro, pelo Condomínio Residencial Village II⁴. Segundo Andrade (1992), a maioria das famílias que hoje mora no local, chegou ao bairro na década de 1970, após serem removidas das favelas Verdes Mares, Dom Luiz, Cervejaria Brahma, Cidade 2000, Hospital Geral de Fortaleza e Praia do Meireles.

Nos últimos anos, a densidade populacional aumentou, a despeito da total ausência de condições básicas de instalação. Muitas das famílias que vivem no local o fazem

³ Dados do IBGE/2000, publicados no Jornal O POVO no dia 09/05/05, indicam que há no Dendê 20.291 moradores, sendo 9.590 homens e 10.701 mulheres.

⁴ A extensão do bairro aumenta em razão das novas ocupações. Essa delimitação é da década de 1990. (BRAGA; BARREIRA, 1991).

em situações as mais precárias, em casas ou barracos sem água encanada e/ou esgotamento sanitário, para mencionar apenas a situação do ponto de vista da infra-estrutura.⁵

A ausência de condições mínimas de sobrevivência não constitui exceção do Dendê, visto que essa falta se reproduz por todo o País e é reveladora não só do descaso das autoridades constituídas, no que se refere à insuficiência de políticas públicas, mas, principalmente, como representante do modelo econômico neoliberal excludente, que aumenta as desigualdades sociais.

Dados do IBGE indicam que, no Nordeste do Brasil, quase 20% dos domicílios não possuem esgotamento sanitário⁶ e apenas 40% das residências são ligadas à rede geral. Quando se observam os dados referentes à taxa de analfabetismo, o Nordeste aparece concentrando as maiores taxas, cerca de 26,6% das pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler ou escrever. No percentual de famílias que vivem com até dois salários mínimos, o Nordeste também é o número 1 no *ranking*: 47,5%⁷. Os exemplos são ilustrativos de como a situação de desigualdade acentuou-se nas últimas décadas no Brasil e de como a noção de cidadania está distante da realidade.

O Dendê é uma área do bairro com graves problemas estruturais e onde habitam famílias de baixa renda, muitas em condições miseráveis; e é um espaço permeado de contradições, visto que está localizado nas proximidades de uma das áreas nobres residenciais que mais crescem em Fortaleza.

Pode-se dizer que no bairro Edson Queiroz convivem, lado a lado, a pobreza extrema e a riqueza, visto que, além de abrigar diversos equipamentos importantes - como o Fórum Clóvis Beviláqua, o Centro de Convenções e a Universidade de Fortaleza - a região acolhe condomínios residenciais de luxo.

Araújo e Carleial consideram que a presença de populações pobres em bairros considerados de classe média alta em Fortaleza rompe com o mito de que na cidade pobreza e riqueza estão apartadas nas regiões oeste e leste, respectivamente.

Todos estes fatores, relativos à divisão de Fortaleza em Leste-Oeste, são reais e compõem a situação urbana desta cidade; porém, a questão que se está discutindo refere-se a desconstrução dessa idéia que abstrai a natureza das desigualdades sociais como condição de existência da própria cidade. Essa segregação social não está localizada em uma área física particular desta cidade, mas permeia toda a sua dimensão. Desta forma, essa realidade social é tensa e contraditória, em toda a extensão da metrópole, onde os conflitos entre os ricos e os pobres aparecem nas formas de uso da terra urbana. Esse processo de luta urbana é permanente, e

⁵ IBGE, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, 2000.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

continuará a redefinir os espaços físicos na cidade. Portanto, essa visão partimentada de Fortaleza, em Leste-Oeste, nega a amplitude e a generalidade na capital, das relações desiguais de poder entre os proprietários e os sem tetos, expressas na especulação imobiliária, e na vinculação entre senhores de terrenos citadinos e o governo (ARAÚJO e CARLEIAL, 2003, p. 07).

As famílias que passaram a constituir o bairro ao longo desses anos tiveram suas vidas deslocadas de várias outras favelas, como já citado. Essas famílias foram “desterritorializadas” não apenas do seu espaço físico de morada. “Esse sentido de lugar básico e integrativo veio a ser fragmentado em partes complexas, contraditórias e desorientadoras” (SACK apud GIDDENS, 1991, p.119).

Nesse sentido, é preciso compreender o lugar não apenas como um espaço de morada, mas também como um ambiente onde se travam relações, são estabelecidos laços e vínculos e, em consequência, se produzem subjetividades.

Hoje conhecido como Edson Queiroz, em uma homenagem ao empresário que construiu nas proximidades a Universidade de Fortaleza, na década de 1970, o local tinha o nome de Água Fria e abrigava ali enorme salina, aliás, como toda a região às margens do rio Cocó. Era bonito de se ver, ao descer na avenida Antônio Sales, no cruzamento com a Washington Soares, as inúmeras salinas da família Diogo Siqueira e que hoje dão lugar a várias edificações, entre elas, o Shopping Iguatemi.



FIGURA 2- Igreja de São José. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).

Com o deslocamento de várias famílias, no entanto, o que antes era uma região de sítios e chácaras, cujas terras predominantemente pertenciam ao empresário Patriolino Ribeiro (BRAGA; BARREIRA, 1991), rapidamente ganhou outra conformação urbana e passou a ser identificada como Favela do Dendê. Hoje muitos dos habitantes preferem o nome Edson Queiroz e como se trata de um extenso local, há várias localidades, uma, inclusive, denominada de Dendê, que fica nas proximidades da Igreja de São José, o templo mais antigo do bairro.

Um dos fundadores da Rádio Comunitária Edson Queiroz considera que não há diferença entre as partes do bairro, mas acha que as pessoas que moram próximo à Igreja de São José se acham privilegiadas.

Lá é só um círculo pequeno de casas e as pessoas de lá, se sentem, eu acho, que de forma privilegiada, eu não sei. Eu acho que eles de lá, acham que o Dendê é diferente daqui. É tanto que lá eles chamam aqui de favela do Edson Queiroz e lá eles chamam de Dendê, eu também não entendo, tem que fazer um estudo para saber o porquê dessa coisa (Entrevistado n.1)⁸.

Já para o ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Água Fria⁹, o nome Dendê refere-se ao fruto do dendezeiro, árvore que produz o azeite e que é bastante conhecido em virtude de sua ampla utilização na culinária baiana, sendo cultivado por índios que teriam habitado a região, mais especificamente o local, que é o final da linha do ônibus e que até hoje é identificado como Dendê.

Ainda segundo ele, a divisão entre Dendê e Edson Queiroz aconteceu no primeiro Governo Tasso Jereissati (1987-1990) para facilitar a organização dos bairros.

[...] Porque o Edson Queiroz é muito amplo, ele vem lá do Iguatemi até aqui o Ari de Sá, próximo ali a Washington Soares, então assim, como aqui é uma comunidade e eu até costume dizer que nós estamos aqui cercados, somos uma ilha e esse nome Dendê é até para tentar identificar melhor a comunidade do Edson Queiroz, mais muitas pessoas não gostam de que chamem aqui de Dendê, Dendê é lá no final da linha (Entrevistado n.2, ex-presidente da Associação de Moradores do Bairro Água Fria)¹⁰.

No que diz respeito à pesquisa, optamos por usar o termo Dendê para designar a região onde foi desenvolvida a investigação e onde está inserida a Rádio Comunitária Edson Queiroz, por compreendermos que o local integra um bairro maior, que é o Edson Queiroz, e

⁸ Entrevista realizada no dia 15/06/2005.

⁹ Entrevista realizada no dia 07/07/2005.

¹⁰ Idem

a comunidade apresenta limites geográficos bem específicos, como já citado, e também por ser a forma como se nomeiam quando estão na comunidade.

O bairro Edson Queiroz, anteriormente identificado como Dendê, completou em 2005, no mês de setembro, trinta e cinco anos. Ao longo dessa história, muitas lutas foram empreendidas para que os acessos à água e energia elétrica fossem assegurados aos moradores, assim como escolas, pavimentação, posto policial e muitos programas assistenciais governamentais.

A organização dos moradores aconteceu mediante o trabalho de entidades como a Igreja Católica e a FASE (Fundação de Assistência Social e Educacional), ONG que atuou por várias décadas em Fortaleza e que contribuiu para a fundação da Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, em 1982.

No Dendê, a primeira entidade foi fundada em 1981 - a Associação dos Moradores da Água Fria - ainda em funcionamento. Atualmente estão em atividade cerca de sete entidades: Associação dos Moradores da Água Fria, União das Entidades, Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz (ECCED), Associação Comunitária do Dendê, Associação Nosso Lar e Associação dos Pais. O trabalho realizado pela Igreja Católica hoje está muito mais relacionado às práticas religiosas, tais como a catequese, do que a organização popular realizada no final dos anos de 1970. Há ainda atuação da Igreja Batista, que desenvolve projetos de assistência à criança e ao jovem, e o Instituto Florestan Fernandes, atuante na área da economia solidária.

Merece destaque a forte presença de times de futebol no Dendê. Hoje existem cerca de 28 times ‘calçados’ e 15 times ‘descalços’, sem contar os times de futebol de salão, que chegam a 15. Segundo o ex-Presidente da Associação de Moradores, há um time de futebol que já conta com 50 anos de existência, o Dendê Esporte Clube.¹¹

Para comemorar o aniversário do bairro, a Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz (ECCED) lançou a “Cartilha Comemorativa dos 35 anos do Bairro Edson Queiroz”, com o cordel de autoria de Antônio José Alves Ferreira.

O texto apresenta em rima a história do bairro, a organização e as modificações pelas quais passou ao longo dos anos. Destacamos aqui alguns trechos:

A história do nosso bairro diz respeito a todos nós

¹¹ São times de futebol que jogam de chuteira e uniformizados. O número de times de futebol é uma estimativa dada pelo ex- presidente da Associação de Moradores da Água Fria, em 07/07/2005.

Pesquisei, falei com gente que contou de viva voz
Como foi que apareceu, valorizou-se e cresceu
O bairro Edson Queiroz

[...] Vou caprichar em meus versos pra não confundir você
Para melhor informar tudo que queres saber
Para ser bem coerente, vou falar especificamente
Da Favela do Dendê

Você vai ficar sabendo como tudo começou
Lembrar a grande salina que infelizmente acabou
Grandes montanhas de sal, paisagem fenomenal
Que só lembranças deixou

[...] Em meados de 70 já existia morador,
Mas foi em setenta e dois que muita agente chegou
Então da noite pro dia o grande sítio Água Fria
Numa favela virou

Veio gente da Verdes Mares, Cervejaria Brahma e Dom Luiz
Cidade 2000, Praia do Meireles é isso que a história diz
Hospital Geral de Fortaleza, toda gama de pobreza
Veio aqui fincar raiz

Essas famílias carentes sem ter aonde morar
Dos bairros eram despejadas e jogadas à Deus dará
Como última opção, sem a mínima organização,
Vinham correndo pra cá

Enquanto a favela crescia, aumentava a população
Toda fonte de problema, era feia a situação
A coisa ficava séria, desemprego, fome e miséria
E muita desnutrição.

Não tinha água nem luz, uma situação precária
Resolveram então fazer a cacimba comunitária
Com essa organização, nasce o espírito de união

E consciência solidária

Na construção da cacimba houve uma grande união,
Muita gente trabalhou em forma de mutirão
E quando a água enfim brotou
O povo disciplinou a sua utilização

Nosso bairro nesse tempo chamava-se Água Fria,
Apesar de faltar tudo, todo mundo resistia
Todos tinham esperança que uma nova mudança
Em breve aconteceria. (FERREIRA, 2005, p. 3-5)



FIGURA 3 - Vista Aérea do Dendê. (Fonte: Google Earth, 2006).

3.2 O Dendê, hoje

A chegada ao Dendê surpreende. A paisagem urbana que se descortina ao se cruzar a amplidão das ruas largas e arborizadas das cercanias do Fórum Clóvis Beviláqua e da Universidade de Fortaleza dá a vaga noção de encolhimento, como se houvesse uma redução do espaço físico, como se de súbito todo aquele universo tivesse sido compactado para acomodar um cotidiano diferente do da vizinhança nobre e sofisticada.

É como se um enorme muro invisível separasse os dois mundos: o da opulência e o da exclusão. Essa é a primeira sensação que toma conta de nós ao percebermos como essas

diferenças estão bem demarcadas - de um lado, o bairro Edson Queiroz, uma das áreas residenciais que mais cresce em Fortaleza, com estruturas de pedra e cal imponentes, majestosas, abrigando o Palácio da Justiça Estadual e a maior universidade privada da região Nordeste. De outro, as ruas estreitas, mas asfaltadas, com o esgoto correndo lento e silencioso, uma profusão de gente na rua, crianças, bicicletas, carros...

A organização espacial do lugar, o burburinho, o movimento de pessoas, indicam ser o Dendê um universo paralelo, diferente do que cruzamos a poucos metros. O mundo agigantado ficou para trás. O que se vê agora são casas, muitas de dois pisos, fininhas, bem juntinhas umas das outras; não há praticamente calçadas e por isso as pessoas disputam com os carros a faixa estreita de asfalto. Os fios dos postes de energia elétrica revelam enorme contingente de crianças: estão ali emaranhados de linhas, rabos de arraia, esqueletos de pipa, alguns ainda com papel de seda desbotado, marcas das travessuras de meninos e meninas que buscam, na amplidão do céu e na camaradagem do vento, espaço para manifestação da meninice.

O olhar esquadrinha tudo. O céu azul, casas, pessoas, ruas, becos, postes... Em alguns postes, caixas de zinco emolduram alto-falantes que transmitem as músicas do momento. O som não incomoda, incorpora-se àquela trilha sonora do cotidiano do Dendê.

Mais um pouco e se chega à rua Otávio Rocha, 327, onde fica a Rádio Comunitária Edson Queiroz. A pintura na fachada da casa de dois andares anuncia. A escada íngreme leva ao estúdio da emissora, uma sala pequena, sem janela, abriga os equipamentos: um *tape-deck*, um toca CD, um computador, dois microfones, um amplificador, alguns poucos CDs, uma pilha de jornais velhos também se acomoda no ambiente: já foram úteis dias atrás. Um pequeno ventilador refresca os equipamentos.

É do estúdio da Rádio Comunitária Edson Queiroz que, às terças-feiras, é apresentado o programa *Momento Saúde*, produzido pelas estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza e que será comentado posteriormente. Faz-se necessário, dizer, no entanto, que a emissora comunitária encontra-se inscrita no bairro, daí a importância de, inicialmente, descrevermos como está organizado o bairro.

A discussão sobre identidade é pertinente e a intenção de incorporá-la tem a finalidade de ensejar melhor compreensão do que é a comunidade, com seus sujeitos e sua complexa teia de relações. Neste sentido, recorreremos à referência de Stuart Hall, para quem o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa ou permanente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes períodos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. [...] A noção de identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais (HALL, 2000, p. 13).

Essa acepção de identidade como algo móvel e, portanto, passível de transformações contínuas, aproxima-nos de uma idéia de sujeito, como que a situa em um tecido movente, complexo, alimentado pelo conjunto de relações vividas e intercambiadas nos sistemas culturais.

Para França e Simões a reflexão sobre identidade ganha corpo quando associada à linguagem, que assinala a idéia de posição junto à discursividade sobre os lugares.

[...] A identidade tem a ver com discursos, objetos, práticas simbólicas que nos posicionam no mundo – que dizem nosso lugar em relação a outro (outros pontos de referência, outro lugar). Ao fazer isto, a identidade também marca e estabelece *uma* posição, o lugar que efetivamente construímos e no qual nos inserimos. Ela se constrói assim – nessa interseção entre discursos que nos posicionam e o nosso movimento de nos posicionarmos enquanto sujeitos no mundo (FRANÇA e SIMÕES, 2002, p. 28).

Referida ponderação será retomada na análise dos Programas *Momento Saúde*, mas vale salientar que é assim que compreendemos a idéia de identidade e linguagem: situando-as na interseção dos discursos e no movimento dos posicionamentos dos sujeitos nos sistemas culturais.

A Universidade de Fortaleza desenvolve um conjunto de atividades no Edson Queiroz, por meio da Escola Yolanda Queiroz, que atende as crianças do bairro, seja por intermédio do Núcleo de Atenção Médica Integrada, que mantém um conjunto de profissionais de saúde atuando junto à população do bairro, ou ainda do Centro de Formação Profissional, organizado na comunidade em parceria com a Associação dos Moradores da Água Fria e que oferece cursos técnicos e profissionalizantes, nas áreas de instalações elétricas, cuidados infantis, consertos de eletrodomésticos, formação de bombeiro hidráulico e em informática.

Há ainda a atuação de outros grupos no bairro, tais como a Associação de Moradores, igrejas e o Instituto Florestan Fernandes, ONG que desenvolve projetos de socioeconomia solidária, já citados.

Nossas referências sobre o bairro foram esteadas nas inúmeras visitas que fizemos à Rádio Comunitária, acompanhando os alunos do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, onde lecionamos e, nesse caso, a interlocução acontecia sempre

com as pessoas que compunham a equipe da rádio e que nos viam como uma pessoa de fora, “a professora Andréa”.

Estávamos interessada em nos movimentar no bairro de modo independente, sem a vinculação com a Universidade de Fortaleza, da forma como ela se apresentava junto à rádio. Estávamos experimentando, como dizia Hall (2000), o fenômeno das múltiplas identidades.

Por isso, buscamos contato com pessoas de segmentos distintos que nos pudessem fornecer outras informações sobre o local. Contatamos, na ocasião da entrevista, julho de 2005, com o então presidente da Associação dos Moradores do Bairro Água Fria e optamos por fazer uma entrevista semi-estruturada com o presidente do Instituto Florestan Fernandes. Já o conhecíamos pela sua participação na Pastoral Operária, e depois como presidente da Central Única dos Trabalhadores. A nossa intenção era conhecer melhor o trabalho desenvolvido pela entidade que ele dirigia e também poder observar o bairro de outra perspectiva.

A entrevista com o presidente do IFF possibilitou-nos um contato com um Dendê que ainda não sido possível perceber. Conversamos na sede do Instituto Florestan Fernandes, numa manhã ensolarada de sábado, e depois visitamos, juntos, alguns locais importantes do bairro, como a Rocinha e a Baixada.

Nova geografia humana nos foi apresentada. Percebemos então a intensidade com que a vida pulsa nas condições de vida mais adversas. E demo-nos conta de que esta pesquisa precisava, de alguma maneira, refletir tal fato.

A história do bairro começava a ganhar vida no concerto das diásporas que ali se estendiam. Ao buscarmos a cartografia das relações vividas e apontadas pelos sujeitos que íamos conhecendo, nos apercebíamos do modo como o bairro havia sido constituído. A partir do deslocamento de várias famílias para a área, na década de 1970, como já citado, situavam-se paulatinamente essas identidades em diáspora.

Eu moro aqui desde 75, nessa área de ocupação que foi uma das maiores de Fortaleza. Logo que a gente chegou aqui ninguém tinha terra e as pessoas foram construindo as casas. Desde então estou envolvido com o trabalho social. Teve o grupo de jovens, depois a primeira associação de moradores e desde 99 começou o trabalho com o Instituto (Entrevistado n.3, presidente do Instituto Florestan Fernandes)¹².

Antes eu morava na Praia do Futuro, perto do Moinho. A gente se mudou pra cá por causa da desabitação, na época estavam construindo aqueles edifícios, aqueles

¹² Entrevista realizada no dia 04/12/2005.

condomínios grandes e desabitaram o povo que morava naquelas casas pequenas. Aí conseguimos comprar um terreno grande e viemos morar aqui, uma média de 25 pessoas da minha família, meus pais, avós e dois tios (Entrevistado n.1, diretor da Rádio Comunitária Edson Queiroz, mora no bairro há 25 anos).¹³

A região hoje é composta por diversas áreas: Rocinha, Baixada, Comunidade Chico Mendes e a parte que é chamada de Edson Queiroz.

3.3 O Dendê e as questões de saúde

Como mencionado anteriormente, a Universidade de Fortaleza tem presença forte na comunidade do Dendê, seja por intermédio dos convênios realizados com a Associação de Moradores, do Escritório-Modelo do Curso de Direito que também atua na área ou pelos inúmeros funcionários da Instituição que moram no local. A participação maior da UNIFOR no cotidiano da comunidade, contudo, ocorre mesmo mediante serviços prestados pelo Núcleo de Assistência Médica Integrada, NAMI, que funciona desde 1978 e que é a principal referência da comunidade no atendimento às questões de saúde.

Há ainda no bairro um posto de saúde municipal, o Centro Municipal de Educação e Saúde Mattos Dourado (CMES) que atende aos moradores da região.

Na área da educação, cerca de quatro escolas atendem ao bairro. São elas: Dom Lustosa, Escola Yolanda Queiroz, Mattos Dourado e Washington Soares.

Do ponto de vista administrativo, os 144 bairros de Fortaleza estão organizados em seis secretarias executivas regionais, mas é intenção da Prefeitura Municipal criar a sétima Secretaria Regional, abrigando bairros das Secretarias Regionais V e VI (O POVO, 2006).

O Dendê, como parte do bairro Edson Queiroz, pertence à Secretaria Regional VI, que congrega 27 bairros e é a maior geograficamente e a mais populosa, segundo o secretário da Regional VI, Paulo Mindêllo (O POVO, 2006). Ainda de acordo com o texto do Jornal, a região é uma das mais pobres e registra um baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

A dissertação de mestrado intitulada *A Economia Solidária*, um passo além da informalidade: a experiência do Dendê, de Rizioneide Amorim, defendida na UFRN em 2005, faz um levantamento socioeconômico do local e identifica na Secretaria Regional VI a faixa salarial dos moradores:

Cerca de 73,04% da sua população sobrevive com uma renda per capita mensal compreendida entre os que não declararam, os sem remuneração e as faixas salariais

¹³ Entrevista realizada no dia 15/06/2005.

entre 0-1 e 1-3 salários mínimos. O que significa que a grande maioria tem uma renda de, no máximo, três salários mínimos (AMORIM, 2005, p. 52).

O Núcleo de Assistência Médica Integrada (NAMI) realiza periodicamente levantamento em toda a extensão do Dendê, identificando informações tais como: forma de abastecimento e de tratamento da água, escolaridade, causa de óbito, destino do lixo, de fezes e urina, doenças referidas, local que procura em caso de doença, idade, ocupação, renda familiar, entre outras. Os dados, organizados sob o título *Consolidado das Áreas*, são recolhidos duas vezes por ano, nas visitas domiciliares realizadas por estudantes e professores de cursos como Enfermagem, Odontologia, Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Psicologia, entre outros.

Para facilitar a atuação dos profissionais de saúde no local, a direção do NAMI optou por dividir a região em seis áreas geográficas e, mais recentemente, duas novas foram incluídas, o que demonstra a longa extensão da comunidade. As áreas divididas pelo NAMI são designadas por cores:

- a) **Área Amarela** – Inclui a Travessa das Crianças, Vila Toronto, Vila Sebastião Santos, Vila Henrique, Vila Palmares, Travessa Muritiba, Travessa Araçu, Rua do Corrente, Travessa Riacho Doce, Travessa 28 de Junho, Travessa Cantinho do Céu;
- b) **Área Vermelha** - Compreende a rua Otávio Rocha, nos trechos contidos entre a Travessa Cantoneide e Rua Ubatuba; a avenida Presidente Artur Bernardes, entre a Rua Ubatuba e a Travessa Nossa Senhora da Luz; a Travessa Ibiapaba, Vila Hortência e Vila Sinhá, Travessa Sucesso e Travessa Framboesa;
- c) **Área Laranja** – Inclui a Rua do Gelo, a Travessa do Gelo, a Vila Dendê, Travessa Sossego, Travessa Cervantes, Vila Camões, Travessa Antártida, Travessa Valdir Sá, a Rua Valdir Sá, a Travessa Cadete e toda a área da direita da Rua do Coqueiro;
- d) **Área Verde** – Inclui a Rua Francisco Antônio, Travessa Luís do Carmo, Rua do Jucá, Travessa Corvina, Travessa Adail e parte da Avenida Presidente Artur Bernardes;
- e) **Área Azul** – Inclui a Rua Ubaitaba, Rua Otávio Rocha, Rua do Contorno, Rua do Comércio, Rua Roberto Silva, Rua Lucas Francisco Antônio, Avenida Presidente Artur Bernardes;



FIGURA 4 - Área da Baixada. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).

- f) **Área Marrom** – Conhecida também como Baixada do Aratu. Inclui a Rua do Coqueiro, a Rua dos Canos, a Travessa Manguezal, Rua 18 de Julho, Rua Campo Verde, Rua do Manguê, Rua da Baixada e a Travessa Boa Esperança;
- g) **Área Lilás** – Corresponde à ocupação Chico Mendes. Não há nomes de ruas para identificar o local;



FIGURA 5 - Ocupação Chico Mendes. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).

h) **Área Pink** – Rocinha.



FIGURA 6 - Área da Rocinha. (Foto: Flávio Paiva e Marcelo Barbalho).

Os dados coletados no final de março de 2005 indicam a situação de cada uma das áreas, a partir de vários indicadores. De posse dos dados brutos, sistematizei¹⁴ as informações que mais tinham relevância para esse trabalho, a partir de quatro eixos, a saber: a) indicadores de sexo, renda e escolaridade; b) Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina; c) Indicadores de cuidados com a saúde; d) Meios de Comunicação e participação em atividades comunitárias. A intenção dessa organização foi facilitar a compreensão da realidade de cada zona. As tabelas estão reproduzidas no anexo.

¹⁴ O levantamento feito pelo NAMI aponta ainda dados sobre idade, ocupação, meio de transporte mais utilizado e a presença de animais domésticos nos domicílios.

A partir dos dados apresentados, nas tabelas referentes às áreas, tomamos como referência algumas informações e estabelecemos um quadro comparativo entre as diversas áreas logo na seqüência:

TABELA 1 – Quadro comparativo entre as áreas.

<i>Indicadores</i>	<i>Áreas</i>							
	<i>Amarela</i>	<i>Vermelha</i>	<i>Laranja</i>	<i>Verde</i>	<i>Azul</i>	<i>Marrom</i>	<i>Lilás</i>	<i>Pink</i>
<i>Renda</i>								
até 2 salários mínimos	56,3%	48,5%	55,4%	54,8%	48,5%	51,1%	53,4%	37,2%
<i>Indicadores</i>	<i>Áreas</i>							
	<i>Amarela</i>	<i>Vermelha</i>	<i>Laranja</i>	<i>Verde</i>	<i>Azul</i>	<i>Marrom</i>	<i>Lilás</i>	<i>Pink</i>
<i>Escolaridade</i>								
Não alfabetizado	20,4%	20,1%	24%	23,7%	18,7%	30,7%	14,9%	28,2%
<i>Tipo Casa</i>								
Tijolo	99,1%	100%	100%	99,6%	100%	72,6%	96,7%	33,7%
<i>Abastecimento de água</i>								
Rede	95%	98%	98,4%	97,5%	98,5%	92,4%	92,2%	34,8%
<i>Tratamento de Água</i>								
Filtrada	84,2%	70,3%	62,6%	60,6%	85,5%	48,4%	73,6%	51,1%
Sem tratamento	—	14,1%	19,6%	19,3%	—	23,9%	6,6%	30%
<i>Destino fezes e urina</i>								

Céu aberto	4,1%	5,9%	5,3%	4,7%	3,2%	66,7%	6,7%	47,7%
Fossa negra	8,2%	9,6%	1,3%	10,1%	7,7%	7%	3,3%	15,9%
Fossa séptica	—	64,6%	81,9%	72,9%	76,5%	17,2%	70%	33%
Sist. esgoto	72,3%	19,9%	11,5%	12,3%	12,6%	9,1%	20%	3,4%

Destino Lixo

Céu aberto	0,9%	12,3%	1,1%	2,1%	3,2%	36%	3,3%	67%
-------------------	-------------	--------------	-------------	-------------	-------------	------------	-------------	------------

Áreas

Indicadores	<i>Amarela</i>	<i>Vermelha</i>	<i>Laranja</i>	<i>Verde</i>	<i>Azul</i>	<i>Marrom</i>	<i>Lilás</i>	<i>Pink</i>
--------------------	-----------------------	------------------------	-----------------------	---------------------	--------------------	----------------------	---------------------	--------------------

Destino Lixo

Coleta pública	99,1%	87,4%	98,5%	97,5%	96,8%	60,8%	90,1%	33%
-----------------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------	------------

Em caso de doença procura

NAMI	63,9%	70,7%	87%	69,8%	68,7%	81,7%	42,9%	78,7%
-------------	--------------	--------------	------------	--------------	--------------	--------------	--------------	--------------

Principais doenças referidas

Asma	10,1%	11,2%	14,7%	13,6%	14%	19,4%	14,8%	25,9%
Diabetes Mellitus	9,8%	7,8%	5,2%	6,3%	8,7%	2,3%	10,2%	2,7%
Hipertensão	30%	0,4%	25,4%	21,6%	26,5%	10,7%	25%	10,7%
Tabagismo	24,5%	0,4%	26,7%	31,4%	24,4%	29,4%	21,3%	24,1%

<i>Participação Grupo</i>								
Religioso	94%	95,3%	71,3%	62,6%	62,6%	68%	93,3%	70,3%

Fonte: elaboração própria.

Uma reflexão importante de ser feita diz respeito à renda dos moradores da comunidade do Dendê. Em quase todas as áreas, predomina uma faixa salarial de até dois salários mínimos. Na área Amarela, por exemplo, esse percentual chega a 56,3%, o melhor desempenho. Na zona Pink, entretanto, apenas 37,2% da população recebe até dois salários mínimos, estando a maior faixa de moradores, 48,8%, sobrevivendo de menos de um salário mínimo e cerca de 10,5% não registram nenhuma renda. Esta área está localizada na Rocinha, uma das mais recentes ocupações da região e que apresenta ainda um tipo de construção de moradias que contrasta com o restante da comunidade, onde predomina a construção de tijolo, em praticamente todos os domicílios. Na Rocinha, no entanto, 42,8% das casas foram edificadas com madeira ou com madeira aproveitada, demonstrando a vulnerabilidade das residências.

Embora o analfabetismo no Brasil atinja cerca de 11,8% da população a partir dos 15 anos (IBGE, 2006), no Dendê, esse percentual chega a mais de 20% em quase todas as áreas e alcança 30,7% na área Marrom, onde está localizada a Baixada, outra localidade de extrema pobreza da região. A Baixada fica praticamente dentro do mangue do rio Cocó, significando dizer que é um local com muita umidade e exposto ao alagamento no período de chuvas. É ainda o local onde cerca de 23,9% da população consome água sem qualquer tipo de tratamento.

As áreas Pink e Marrom são as que registram os piores indicadores de todo o Dendê. Na área Marrom, por exemplo, o principal destino de fezes e urina é a céu aberto, 66,7%, contra 3,2% da área azul, o menor índice. Ainda na zona Marrom, 36% da população joga o lixo a céu aberto. Na área Pink, o destino do lixo a céu aberto chega a 67%, enquanto o destino de fezes e urina a céu aberto é o segundo maior, chegando a 47,7%.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico (2000), no Brasil, apenas 60% têm acesso a esgoto sanitário; no Dendê, o acesso ainda é mais restrito. Apenas na área Amarela a maioria dos moradores usa o sistema de esgoto como destino para fezes e urina, um percentual elevado, 72,3%. Nas demais áreas, esse percentual varia de 3,4% a 20%, ou

seja, uma quantidade muito pequena da população tem acesso à rede de esgoto, fazendo uso de fossas sépticas¹⁵ (81,9%) e fossas negras¹⁶ (15,9%). Esse dado analisado sozinho é bastante significativo, considerando que a ausência de saneamento básico é tido como um grave problema de saúde pública. É o que indica pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde/FUNASA (2000)¹⁷, mostrando que 1,4% do total de óbitos e 4,5% do total de internações no ano da pesquisa foram provocados por doenças provenientes da ausência de saneamento.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, para cada R\$ 1 mil aplicados na área de saneamento, esgoto e água potável, no período de 10 anos, serão economizados cerca de R\$ 4 mil.

O trabalho que o Núcleo de Assistência Médica Integrada vem fazendo desde 1978 é largamente reconhecido pelos moradores, já que é citado como a principal referência da comunidade nos cuidados com a saúde, com a preferência variando entre 42,9% e 87%. Outras como farmácia, CMES¹⁸, hospital e a benzedeira são também mencionadas, mas não com tanto destaque, o que, aliás, nos chama a atenção. Não há como duvidar do impacto da ação do NAMI na comunidade, mas é forçoso levar em conta o fato de que os dados aqui expostos foram coletados por profissionais e estudantes do Núcleo e seria ingênuo supor que algumas das respostas dadas na consulta não levaram em conta quem estava fazendo a pesquisa.

A observação da comunidade durante quase dois anos nos conduz a acentuar que a presença do rezador e da benzedeira ainda é forte na comunidade, no entanto, no levantamento, aparece de forma praticamente insignificante. É razoável supor-se, mais uma vez, que a resposta dada tem relação com quem está fazendo a pergunta, isto é, em determinadas circunstâncias, a descrição diante de uma prática cultural e religiosa pode indicar que esta é uma forma de preservá-la e de garantir sua permanência, sendo passada, sem alardes, de pai para mãe e de filho para filha.

As doenças que mais aparecem em toda a extensão do bairro têm forte relação com a prevenção. Quer dizer, uma vez tratadas e diagnosticadas precocemente, os portadores

¹⁵ A fossa séptica é um tanque impermeável onde os esgotos brutos (não tratados) permanecem por algumas horas, antes de serem lançados no solo ou numa rede de coleta. (www.ufrj.br/institutos/it/de/acidentes/esg3.htm - acesso no dia 27/02/2006)

¹⁶ A fossa negra é uma escavação sem revestimento interno onde os dejetos caem no terreno, parte se infiltrando e parte sendo decomposta na superfície de fundo. www.ecolnews.com.br/dicionarioambiental/conceitos-f.htm Acesso no dia 27/02/2006

¹⁷ Idem

¹⁸ Posto de Saúde da Prefeitura Municipal de Fortaleza, agora chamado de Centro Municipal de Educação e Saúde (CMES) Mattos Dourado.

podem levar uma vida tranqüila, porém, é preciso considerar as condições de vida da população para compreender por que a asma, o *diabetes mellitus*, a hipertensão e o tabagismo são as principais doenças referidas, como já abordado.

Chama a atenção, entretanto, a referência a doenças como alcoolismo, tuberculose, hanseníase, Chagas, a maioria infecto-contagiosa, com grande possibilidade de cura, e que têm forte relação com as condições de vida da população. Vale destacar ainda a incidência de hepatite na Área Vermelha, com registro 25, 9% das doenças citadas na pesquisa do NAMI.

A esse respeito, convém lembrar de alguns marcos históricos na área da saúde, como a Declaração de Alma-Ata – Casaquistão - (1978) que definiu assim saúde:

estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade. É um direito humano fundamental e, que a consecução do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor saúde (DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA, 1978).

Compreender a saúde não como ausência de doença foi um enorme avanço no paradigma curativo que predominava até então. Daí o entendimento de que era preciso prevenir e não apenas curar. Como o próprio documento relaciona, a questão é mais ampla e requer esforços de vários segmentos sociais e econômicos.

O pesquisador da ENSP/Fiocruz, Paulo Marchiori Buss, postula o argumento de que a “saúde é uma das mais essenciais dimensões da qualidade de vida”. (BUSS, 1996, p. 173). Tal pensamento decorre também da Carta de Ottawa (1986), que relaciona esses dois campos e declara que, para haver saúde são necessários: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade e justiça social (BUSS, 1996).

No texto *Promoção da Saúde: saber fazer em construção*, Catrib et al chamam a atenção para a superação do modelo clínico com ênfase na cura, visto que é insuficiente diante da concepção que relaciona saúde, qualidade de vida e ação coletiva.

O modelo clínico centrado na doença que influencia as práticas sociais na área da saúde tem sem apresentado como o único, à clientela/usuário, cabendo ao profissional da área o alívio da dor, do mal-estar, da doença, e a intervenção dos agravos que podem gerar dependência temporária ou permanente, quer evitando-os ou tratando-os. Por conseguinte, esta noção de cura e “bem-estar” limita-se aos determinantes biológicos individuais. Ora, esta noção fere a autonomia e a capacidade de superação das pessoas no enfrentamento da situação de saúde-doença individual e/ou grupo”. (CAMPOS E MINAYO, apud CATRIB et al, 2003, p. 32).

Os dados levantados pelo NAMI são preciosos porque esclarecem sobre a realidade da comunidade em seus mais variados aspectos e oferecem informações seguras de como o Núcleo pode atuar no Dendê, contribuindo para minimizar problemas tão graves e quase crônicos.

É, curioso, no mínimo, que os programas de rádio produzidos pelos alunos do Curso de Enfermagem da UNIFOR não levem em conta os problemas identificados a partir de tal levantamento. Fazemos tal observação com base em diversos programas analisados e que serão detalhadamente comentados no capítulo seguinte.

A partir dos dados coletados pelo NAMI, porém, é possível fazer algumas inferências sobre a forma de perceber a questão da saúde na comunidade. Embora exista hoje toda uma preocupação no que diz respeito à relação saúde e qualidade de vida, como já mencionado nos marcos históricos, como a Declaração de Alma-Ata e a Carta de Ottawa, e toda uma perspectiva de articular as determinantes sociais que causam a doença e as condições ambientais com a questão da saúde, os dados do Dendê ainda repousam sobre uma concepção individualista do tema da saúde.

Vasconcelos alerta para essa prática da fragmentação do indivíduo na abordagem referente à saúde. Diz ele:

[...] A grande maioria se dirige apara o atendimento individualizado das pessoas, desconsiderando o universo familiar e comunitário em que vivem, o que reflete a ideologia mercantil hegemônica, para qual a iniciativa individual em prol dos interesses particulares é a base do progresso e do bem-estar social. [...] O indivíduo foi fragmentado em carências. Os direitos passaram a ser consumidos e fornecidos de forma separada. Nesse contexto de individualismo, assiste-se a um espantoso crescimento da importância do discurso centrado na subjetividade como explicador dos problemas sociais (VASCONCELOS, 1999, p.07).

Para o autor há uma mudança em curso que leva em conta a família como espaço importante de atuação das políticas públicas de saúde, mas defende a idéia de que a abordagem deve ser cuidadosa e considerar um conjunto complexo de elementos que envolve uma discussão sobre saúde coletiva, como o respeito às diferenças de cultura e raça:

Os serviços públicos comunitários, na medida em que lidam com famílias extremamente fragilizadas, necessitam repensar sua tradição autoritária e normatizadora de relação com o mundo popular para não as massacrarem. Em vez de estruturarem suas práticas no fornecimento de serviços e bens que substituam as iniciativas da família, devem centrar suas ações no seu fortalecimento, tentando apoiar a recomposição dos vínculos afetivos internos ameaçados e a sua reintegração na rede de solidariedade social local. Para isso, é preciso superar a visão corrente entre os profissionais locais e os gestores das políticas sociais a respeito da incapacidade dos pobres cuidarem de si mesmos (Idem, p. 13).

Retomaremos à discussão sobre esse tema na análise dos programas sobre saúde, no capítulo seguinte.

3.4 A Economia Solidária no Dendê

O grupo de Socioeconomia Solidária ganha relevância no contexto desta pesquisa, visto que foram as integrantes do referido conjunto que fizeram a recepção dos programas *Momento Saúde* e que será comentado no próximo capítulo.

A atuação do Instituto Florestan Fernandes no Dendê começa em 1999. O presidente do Instituto mora no bairro desde a década de 1970 e a partir de sua juventude é envolvido com ações na comunidade, o que facilitou a mobilização para realizar o Curso ABC da Socioeconomia Solidária, realizado em 2001.

O grupo do Dendê teve o apoio do Banco Palmas, do Conjunto Palmeiras, experiência de referência nas práticas de economia solidária em todo o Brasil e no Exterior. As pessoas que concluíram o curso organizaram, então, uma feira no bairro, motivadas pelo curso e também pelo Dia das Mães, que se estava próximo. A primeira feira foi realizada no dia 12 de maio de 2001.

Desde então, o grupo composto por mulheres, em sua maioria, realiza aos sábados uma feira com venda de artesanatos, comidas, produtos naturais e bijuterias. Além de ser um espaço de oportunidade de renda para as pessoas envolvidas, a feira é uma atividade de lazer que mobiliza todo o bairro.

É comum a presença de famílias inteiras, que vão à feirinha - como é chamada no bairro - para se divertir, passear, encontrar os amigos. Como a área é desprovida de atividades de lazer, a feira se configura como uma alternativa de entretenimento para os moradores do Dendê.

O grupo que hoje participa da feira aos sábados foi capacitado para a produção, por meio de oficinas de alimentação, bijuterias, remédios caseiros e corte costura. Muitas das pessoas capacitadas não estão mais no grupo, mas, mesmo assim, a média de 15 pessoas mantém a feira com regularidade.

Além da citada promoção, o grupo organizou e montou a loja *Dendê Sol* para comercializar a produção de confecção de roupas, bijuterias e artesanatos. Atualmente a loja está fechada em razão da dificuldade de ter uma pessoa que possa ficar lá todos os dias. Até meados de 2005, o grupo pagava uma pessoa da comunidade para ficar na loja no período da

tarde, mas as poucas vendas impossibilitaram a permanência de um vendedor no local. A alternativa foi, a cada semana, fazer uma rifa de uma peça do estoque, entre as próprias participantes do grupo.

O grupo tem rotina própria. Aos sábados, a partir das 17h, começam a ser montadas as barracas na Pracinha da Justiça, sob a responsabilidade de dois membros do grupo. Eles transportam as barracas, montam e desmontam ao final da feira. Em contrapartida, cada pessoa do grupo colabora com R\$ 1,00, o que significa dizer um rendimento médio de R\$ 15,00. Com recursos do Governo Federal, o Instituto Florestan Fernandes contribui com uma pequena verba que, acrescida ao valor da contribuição das mulheres do grupo, possibilita destinar, a cada um deles, R\$15, 00 por semana.

Às segundas-feiras, às 19h, na sede do Instituto Florestan Fernandes, o grupo se reúne para fazer uma avaliação da feira realizada no sábado anterior e discutir questões relacionadas às ações do grupo.

Para Amorim, a experiência do grupo do Dendê extrapola a necessidade financeira e nos traz o modo como na prática social se articulam as formas de resistência. De acordo com a pesquisadora, os vínculos afetivos hoje constituem o sentido de permanência, de fazer parte, que mantém o grupo depois de cinco anos.

Mesmo reconhecendo as dificuldades para continuar com a manutenção da loja e da feira, e com retornos financeiros de pequeno porte, o grupo persiste em levar adiante a experiência. Essas pessoas consideram que o aprendizado, o lazer que a feira proporciona, a socialização dos problemas do cotidiano, a força que encontram umas nas outras fazem com que o grupo permaneça ativo. Esse sentimento de socialização está não apenas relacionado ao grupo, mas também às suas vidas pessoais, ajudando a superar as dificuldades. O grupo reconhece que, financeiramente, a experiência é muito precária, no momento atual, através da forma como estão produzindo. Com pouco capital de giro, sem aperfeiçoamento da produção, não é uma experiência economicamente sustentável. Para essas pessoas, os principais motivos para não se desligarem do grupo se resumem em alguns aspectos referentes a certeza de poder confiar uma na outra(s) em momentos de fraquezas, de se sentirem fortalecidas e enfrentarem as dificuldades juntas na socialização dos problemas, reforçando os laços de solidariedade (AMORIM, 2005, p.71).

A Economia Solidária, pois, ao se oferecer como alternativa ao modelo econômico capitalista, contribui para ensinar uma outra cultura na forma das relações vividas de sorte que, a dimensão da solidariedade extrapola a questão econômica em si e ganha outros territórios.

3.5 O contexto da violência

Compreender melhor o cotidiano e a identidade dos moradores do Dendê é um esforço que percorre todo este trabalho. Poderíamos parafrasear a professora e pesquisadora Alba Zaluar (1994), perguntando “quem são os pobres do Dendê ?” A identificação do Dendê como uma comunidade *pobre* justifica-se pelo que foi exposto, na forma como a região foi consolidada e pelo perfil socioeconômico apresentado pela pesquisa do Dendê. Identificá-los dessa maneira, no entanto, é insuficiente para a compreensão de como vivem essas pessoas, por isso a dimensão do cotidiano, amplamente discutida no Capítulo 2, é tão relevante para o presente ensaio.

No estudo sobre a produção dos sujeitos que nos propomos realizar é relevante compreender a dimensão que a violência tem na vida dos moradores do Dendê, visto que essa idéia do “modo total de vida”, como identificava Williams (1969), precisa ser perscrutada para que a compreensão da cultura dialogue com o que nem sempre está visível, aparente: as subjetividades dessa gente.

Esses “entre lugares” (BHABHA, 1998) é que vão possibilitar aos habitantes de um bairro periférico perceber-se no mundo, com identidades múltiplas e dinâmicas de resistência constituídas a partir do cotidiano. Resignificar o cotidiano, como defende Martín-Barbero, é deixar entrever toda a complexa teia de relações sociais vividas, podendo-se dizer que o tecido cultural é o lugar da resistência e que, no caso do Dendê se revela de modo mais contundente nas feiras semanais de Economia Solidária. A feira – podemos ressaltar - é a síntese da hibridação cultural, nos moldes propostos por Canclini.

Se, *dentro* do bairro, seus partícipes se nomeiam de um modo complexo, para os *de fora*, porém, eles parecem responder, em alguma medida, às representações redutoras que sobre si são feitas e que reduzem toda a pulsante vida que ali palpita ao termo “violenta”.

Se a referência ao contexto da violência seria importante - uma vez que sob esse *signo disjuntivo* uma visão oblíqua e uma especular se conflitam e entredevoram – não daria, porém, conta de falar de cotidiano e história, memória e criação, diáspora e enraizamento; não é possível reduzir o conjunto das relações que falam da resistência, como da reprodução à idéia de violência.

Faz-se necessário exprimir, ainda, que a identidade de “lugar violento” é um dado de realidade que mostra como os *de dentro* da comunidade lidam permanentemente com as representações que sobre si fazem os *de fora* e que são tipificadas, como vamos ver, no modo como se erigem a visão e a voz autorizada da UNIFOR no contexto do programa *Momento Saúde*.

Nesta ocasião, seria importante observar como há alguns textos ou objetos simbólicos que são geradores de comunicação e funcionam como catalizadores de uma discussão coletiva sobre os habitantes do Dendê, que tenta defini-los como sujeitos. Vimos como textos de jornais e notícias que nomeiam a população do Dendê como violenta resultam por funcionar como condensadores desses núcleos discursivos explosivos, que apontam para definições de lugares e identidades da população do Dendê. Assim é que esses temas nucleiam um conjunto de visões em luta no próprio espaço sógnico, que é a recepção.

Ampla reportagem do Jornal *O POVO*, publicada nos dias 09 e 10/05/05 denunciava que no bairro havia cobranças de pedágios feitas por membros de gangues rivais. A matéria causou grande alvoroço na comunidade. No dia da publicação, forte esquema de segurança foi montado pela Polícia Militar com a clara intenção de responder ao que a matéria jornalística apontava: uma fragilidade no aparato de segurança pública no bairro.

A imagem de um 'magote' de meninos jogando bila num recuado, entre a areia e o calçamento solto, dá sinais de que a rua do Coqueiro é tranqüila como qualquer outra onde ainda se brinca com 'cabeçulinhas'. A calma aparente engana os forasteiros. Olhares desconfiados, os poucos jovens e adolescentes se aglomeram nos muros para saber o que fazem ali repórter, fotógrafo e motorista a observar uma pichação onde se lê: "AG, Daniel Pezão".

- Qual foi?

- Somos do jornal *O POVO*.

- Tão fotografando aí por quê? - Só fazendo imagens da rua... Como é o nome daqui?

- Rua do Coqueiro ou rua da bala (risos).

- Rua da bala?

- Sim. Quem é de lá (final da rua, 'fronteira' com a favela da Baixada) não pode passar por aqui, senão morre e quem é daqui não pode ir pra lá...

- Morrem?

- Sim, matam

- Quem mata?

- O pessoal da Baixada.

- E aqui, quem é que mata?

- Ah, a galera da "G" (ou AG). Viu o Pezão? Foi preso, é...
- (outro intervém) Tá falando demais, chapa, fica calado aí...
- Quer dizer que vocês são proibidos de passar pra lá e quem é da Baixada não pode vir pra cá...
- É.
- E quem estuda, como faz para chegar à escola se tiver de passar por lá?
- Num faz. Estudar o quê? Só se for eles aí, eu mermo num estudo não.
- E quem trabalha?
- Passa por outra rua, vai pela Baixada mermo. Aqui não.
- E se a gente for lá na Baixada?
- É, só acho que vocês vão perder a máquina (fotográfica).

Mais adiante, a Baixada. Parada na sede do time do Cruzeirinho, para saber onde fica o campinho. Há alguns fins de semana, a quadrilha do AG, segundo moradores, eliminaram um por lá. Fotos, apenas duas. Proibido.

- Que é isso aí, me irmão?
- Uma foto, aqui, do time...
- Fotografe não, que porra é essa... (por segurança a equipe de *O POVO* foi convidada a se retirar do local) (DEMITRI TÚLIO, 2005).

Depois que esse problema (a violência) explodiu na mídia, parece que a polícia se sentiu no direito de intervir, tentar acalmar, então prenderam algumas pessoas (Diretor da Rádio Comunitária Edson Queiroz, morador do bairro há 25 anos).¹⁹

A mídia quando vem, escancara: aqui é uma favela, só tem marginal. A violência tá na Aldeota, mas isso não sai na mídia (Dália)²⁰

A polícia foi criada para oprimir a gente, as pessoas periféricas (Jasmin)²¹

Embora não reconheçam o Dendê apenas como um espaço de violência, os moradores têm consciência da presença das gangues no local e de atitudes violentas que

¹⁹ Entrevista realizada no dia 15/06/2005.

²⁰ Depoimento de Dália (nome fictício) após a apresentação do programa *Momento Saúde* que tratou do tema violência doméstica, abuso sexual e violência psicológica. Dia 13/06/2005.

²¹ Idem.

acontecem, mas têm também muita clareza de que isso não é um privilégio da área, mas percebem que a violência está disseminada em outros pontos da Cidade.

Um dos fundadores da Rádio Edson Queiroz afirma que o tempo e as mudanças pelas quais o bairro passou trouxeram, como uma das conseqüências, a violência.

O bairro ficou culturalmente pobre, as pessoas ficaram assim ignorantes então isso gerou o quê ? Gerou violência entre os jovens, essa coisa de gangue, hoje está calmo, mais há uns dois anos isso era um problema muito sério e foi até notícia de jornal e tudo. Ficou calmo depois que esse problema se expandiu na mídia, televisão e jornal, então a polícia parece que achou-se no direito de intervir, tentar acalmar aí se prendeu algumas pessoas que pareciam ser as cabeças da coisa, então isso acalmou. O Daniel Pezão era um deles, que eles chamavam de chefe das gangues, essas coisas todas. Na verdade a briga era só entre eles, e eles, a minha análise, era que eles mal prejudicavam as pessoas, só se tivessem no caminho deles na hora da briga deles e se metessem no meio aí talvez saísse prejudicado, mas na verdade a briga era só entre eles (Entrevistado n.1)²²

O ex-presidente da Associação dos Moradores da Água Fria também concorda com a idéia de que o bairro está mais calmo depois da ação da polícia.

Eu atribuo justamente a um trabalho que a polícia fez, a Polícia Civil colocou algumas pessoas realmente na cadeia. [...] Nós temos uns determinados grupos que entram em conflitos e que eles estavam numa briga, numa questão de quem mata mais, a disputa era essa. A gente sabe que a polícia vai lá e faz o trabalho dela e a justiça, por sua vez, através dos advogados, através dos recursos, as pessoas acabavam voltando para a rua e fazendo o que eles faziam que era de costume fazer (Entrevistado n.2)²³

Ele também atribui ao Dendê um alto consumo de drogas, especialmente o *crack* e a maconha. Para ele, a maioria dos consumidores é do próprio bairro. “Nós temos aqui criancinhas de 11 anos, criancinhas que os pais estão presos e elas estão ali vivenciando a situação do tráfico de drogas e depois é mais fácil para a criança permanecer” (Entrevistado n.2).

Uma das enfermeiras e professora da Universidade de Fortaleza, que atua na comunidade há mais de 20 anos, concorda com a noção de que o bairro se modifica com o tempo; tem aumentado consideravelmente o contingente populacional. Apesar de garantir que nunca foi vítima de qualquer tipo de violência, a professora considera a violência e o desemprego os dois principais problemas do Dendê.

O que faz a promoção da saúde é a paz. Os problemas que a gente encontra lá são problemas comuns a todas as comunidades, que é a questão do desemprego, a

²² Entrevista realizada no dia 15/06/2005.

²³ Entrevista realizada no dia 07/07/2005.

prostituição infantil. São meninas novas, desocupadas, desempregadas... e a violência mesmo. Eu conheço muita gente, de muito tempo; não tem uma rua que não tenha duas ou três pessoas que não conheçam a gente. E hoje os bandidos que estão lá, às vezes são crianças que eu vacinei. Já têm meninas que eu fiz o pré-natal da mãe delas grávidas delas e hoje a gente acompanha o pré-natal da filha. Agora eu tenho muito respeito quando eu entro. Eu oriento os alunos a não entrar fazendo balbúrdia, falando alto, como se estivessem no parque de diversão, e também sempre faço questão de me identificar, de dizer qual é a minha missão naquela tarde, o que é que estou fazendo. Às vezes nem preciso da informação, mas eu peço: “ei, menino, sabe onde é que mora da dona fulana?”, sem parecer muito dona da situação, muito doutora, muito sabida (Entrevistada 4)²⁴.

Delinear o contexto da violência do bairro possibilita a percepção de que as relações sociais cotidianas da periferia são marcadas por conflitos e que a emergência dos sujeitos acontece justamente nesse processo permeado de contradições e ressignificações.

3.6 A Rádio Edson Queiroz

Identificar a urdidura dos percursos grupais no tecido da cultura, onde medra o político no bairro, pareceu-nos o primeiro passo que demos. Nessa perspectiva, veríamos como se gesta e se desenvolve o amálgama de histórias de vidas diversas, levando-nos ao encontro da experiência de comunicação desenvolvida no bairro há mais de uma década, a Rádio Comunitária Edson Queiroz. Perceber a rádio como um elemento que dialoga com o presente, passado e futuro, refazendo e gestando subjetividades, implicava dar outro sentido à experiência de comunicação comunitária, não somente vinculada à difusão de informações e de entretenimento. Enxergávamos, ali, um claro sentido político, que se distanciava dos modelos funcionalistas e dos estudos clássicos sobre comunicação massiva. Aqui, ao pensarmos em subjetividade e resistência, também estaríamos a articular a esfera da economia libidinal, a dimensão dos desejos no sujeito pulsional (GUATTARI, 1999).

O fundamental, então, seria distanciar-nos da pretensa exterioridade do imaginário em relação à esfera produtiva. Nesse âmbito discursivo, a escolha para compreender a comunidade a partir da rádio foi claramente intencional. Poderia ser a Rádio Comunitária um espaço de onde se compreenderiam melhor as micromobilizações no bairro e a elaboração das subjetividades correntes no tecido da cultura, vista também como lugar do político?

A Rádio Comunitária Edson Queiroz foi fundada em 1994 pelos irmãos Leandro Ribeiro e João Almeida, moradores do bairro. Eles organizavam festas na comunidade e nas

²⁴ Entrevista realizada no dia 07/07/2005

imediações e, motivados pela experiência do Conjunto Alvorada, conjunto habitacional que passou a designar o bairro e que fica nas proximidades, resolveram instalar uma rádio de alto-falantes ali. A emissora nunca teve finalidade lucrativa, asseguram os fundadores. O objetivo, segundo eles, é servir à comunidade, mediante veiculação de músicas, informações e prestação de serviços.

Na época a gente era um grupo de 3 pessoas. Era eu, o Leandro e o Santos. Nós éramos adolescentes que pensávamos muito diferentes dos outros aqui do bairro, a gente queria crescer, queria ver um crescimento, ver o bairro crescer, a gente batia muito nessa tecla. A gente gostava de música e gostava de rádio, e a gente sempre matutava um para o outro. A gente tinha maior vontade de trabalhar no rádio, na época era até você entrar numa rádio dessa tipo Cidade, essas outras que existiam era difícil. Uma vez a gente viu um sistema tipo desse que a gente usa aqui, no centro da cidade, aquelas caixas de som funcionando, fazendo comercial, tocando música, aí a gente começou: - Rapaz, vamos colocar uma rádio ? Aí os meninos: - Tu é doido. Como é que nós vamos colocar uma rádio ? (Entrevistado n.1)²⁵.

A rádio do Dendê constitui uma experiência de emissora comunitária cuja veiculação não sucede através de transmissores de ondas eletromagnéticas, mas de caixinhas de som, afixadas em alguns postes da comunidade. Apesar de os organizadores estimarem que a disposição das caixas atinja cerca de 70% da comunidade, é fato que esse tipo de transmissão considerado ainda vertical e impositivo – porquanto não oferece ao ouvinte a possibilidade de desligar ou mesmo mudar de emissora - cobre uma parte restrita do bairro e se concentra, naturalmente, nos locais onde estão afixadas as caixas de som. Vejamos como um integrante do grupo de fundação da Rádio do Dendê nomeia o percurso vivido:

Aí eu disse: - Vamos fazer o seguinte, vamos começar a juntar um dinheiro, vamos fazer umas festas para a comunidade, para o povo, vamos juntar um dinheiro e vamos comprar umas coisinhas e vamos botar uma rádio, vamos conversar com alguns comerciantes que talvez acreditem na nossa idéia, apóiem e dêem uma força no início. E foi o que aconteceu mesmo. A gente fez umas festas, um juntou um dinheiro daqui, juntou um dinheiro dali e a gente comprou um equipamento muito pequeno na época que foi só um *mixadorzinho* pequeno, dois toca disco antigo daqueles de vinil e um tape decke e um amplificador emprestado. A gente juntou aquele dinheirinho e comprou 4 caixas de som daquelas que hoje tem nos postes. Primeiro começamos a montar um estúdiozinho porque a gente tinha o equipamento e não tinha aonde colocar, o Leandro cedeu o espaço da frente da casa dele, a gente montou um estúdio. A gente passou um bom tempo dentro daquele estúdio bolando como fazer os programas, ensaiando como fazer, fazendo uns papéis, *ensaiando uns papéis...* (Entrevistado n.1)²⁶.

²⁵ Entrevista realizada no dia 15/06/2005

²⁶ Entrevista realizada no dia 15/06/2005

Ainda é ele que relata como foi o início da Rádio. De sonho da juventude à Rádio Comunitária Edson Queiroz, com cerca de 12 anos de existência, muitas etapas foram vivenciadas, entre elas a necessidade de superar o medo de microfone.

Eu entrei por essa empolgação minha, eu morria de medo de microfone, eu não conseguia chegar nem perto do microfone. É tanto que os meninos brincavam muito comigo dizendo assim: - Como é que tu tem coragem de trabalhar na rádio se tu não tem coragem nem de falar no microfone? Eu dizia: eu não sei, eu não sei como é que vai ser. Eu faço outra coisa. Foi tanto que eu me empenhei mais na parte técnica, de montar as caixas, de mexer nos equipamentos. Hoje eu faço programa, hoje eu faço locução mais meu espaço nessa parte aí é menor. A rádio foi muito importante porque se fez parte da minha vida, por que esse tempo todinho estou aqui dentro da rádio. O meu espaço livre que eu tenho é todo aqui dentro, eu tenho folga do meu emprego eu estou aqui dentro, estou resolvendo alguma coisa da rádio, eu estou mexendo, se tem alguma coisa no prego, eu estou aqui, se precisar colocar uma caixa, eu vou colocar, se tiver algum comerciante querendo visita, é eu que vou, então pra mim a rádio hoje é a minha vida, eu não consigo sair daqui mais de jeito nenhum (Entrevistado n.1)²⁷.

A organização de um grupo ou de uma comunidade em torno de um projeto de comunicação não é por si definidora do modelo de rádio que virá a ser adotado. Para José Ignacio Lopez Vigil, o que define uma rádio comunitária será sua forma de atuação para democratizar a palavra “que está concentrada em poucas bocas e em pouquíssimas mãos”(Apud COGO,1998, p. 75).

A Rádio Comunitária Edson Queiroz funciona de segunda-feira a sábado, em horários alternados durante a manhã, à tarde e à noite. Pela manhã, de 8h às 12h, é apresentado o *Intercâmbio*, programa predominantemente musical, mas que também abre espaço para divulgar informação, como ofertas de emprego, horóscopo, matérias jornalísticas. Durante o *Intercâmbio*, às terças-feiras, é apresentado o *Momento Saúde*, programa produzido e apresentado por estudantes do Curso de Enfermagem e cuja análise será detalhada mais adiante. A partir do semestre 2005.1, o programa também está sendo apresentado às terças-feiras, às 16h.

A Rádio Edson Queiroz faz uma pausa para o intervalo no horário do almoço e só retoma as atividades às 16h, quando é apresentado o programa *Pôr-do-Sol*. Das 18h às 19h, entra no ar *Palavra que liberta*, produção de uma igreja evangélica do bairro, e a programação se encerra às 21h, com *Comunitária no Esporte*, programa veiculado às segundas e sextas-feiras. De terça a quinta, das 19h às 21h, é apresentado *Fm só sucesso*.

Aos sábados a programação se modifica. Pela manhã vai ao ar o programa *Som na caixa*, à tarde, às 16h, *Pôr-do-Sol* e, das 19h às 21h, *Som da Periferia*. Aos domingos, a

²⁷ Idem

emissora só funciona no horário da noite, das 19h às 21h, com o programa de *reggae Sinal Verde*.

É curioso perceber, depois de algum tempo de observação, que a Rádio Edson Queiroz funciona prioritariamente como um lugar de entretenimento, não havendo envolvimento com as questões mais específicas da comunidade.

A despeito de funcionar todos os dias e em vários horários, a programação privilegia a veiculação de músicas da “moda”, tal qual o fazem as grandes emissoras comerciais. A maioria dos programas não trata das questões relacionadas à comunidade, exceto a programação esportiva, cuja ênfase está em focar os campeonatos de futebol disputados no bairro.

Questões como a segurança no bairro, o desemprego, o problema de abastecimento de água situam-se em contextos que valorizam o esporte e a cultura, o que forma uma compósita mistura, que nos remete à idéia de hibridização cultural.

É necessário considerar também o tipo de transmissão adotado pela emissora. A opção pelo sistema de caixinhas de som implica uma tecnologia de baixo custo, mas não garante, por outro lado, que a programação da emissora esteja sendo amplamente acompanhada pelos moradores.

A estrutura da programação dramatiza o tecido contraditório da luta popular por seu espaço de fala e escuta, que estrutura uma forma de subjetivação. Enquanto alguns programas são verticais, concentram a autoridade da fala e desqualificam o saber popular, como veremos, em outros, a população se queda encantada, apropriando-se da transmissão dos jogos do lugar. Na verdade, a comunidade protege as caixinhas dos alto-falantes de roubos e avisa quando não estão funcionando, em uma espécie de cuidado que nos impele a lê-lo como apropriação.

Ora reproduzindo de um modo tradicional a programação musical, ora abrindo-se para uma locução rica e povoadora dos espaços brincantes da cultura, sobretudo esportivos, onde a população vive a dramatização dinâmica da alegria de conviver, a rádio nos alerta para a visão híbrida da cultura, empurrando-nos para uma leitura da alternância da hegemonia e da contra-hegemonia no pluralismo dos grupos que a constituem.

Se o estilo de locução adotado também não parecia estabelecer uma identidade com o modo de falar das pessoas da comunidade - a partir do programa *A Força da Mulher Solidária* vimos como a população modificou essa visão, incorporando o manancial fático, cheio de apelos, entonações e repleto da riqueza enunciativa da fala espontânea popular.

Há um tom de impositação na voz dos locutores, especialmente no programa *Intercâmbio* e nos comerciais veiculados pela emissora, sim. Aliás, os comerciais merecem algumas considerações que contribuam para a compreensão de escala nas relações internas no bairro e fora dele. Veremos, porém, que esse tom foi rompido com a experiência feminina que se aglutinou a partir da intervenção proposta pela nossa pesquisa, que teve o caráter de pesquisa-ação e sucedeu a abordagem participante, de cunho etnográfico.

A definição de rádio comunitária, na legislação em vigor, passa pela compreensão de que ela não deveria ter finalidade lucrativa, daí o que regulamenta em lei referir-se apenas ao serviço de rádios populares que envolvem baixa potência. Tal não é o caso da rádio Edson Queiroz, visto que ela não transmite através de ondas eletromagnéticas.

A legislação para rádios de baixa potência, é mister anotar, exige que não sejam veiculados comerciais, mas apoios culturais, que se diferenciam pelo fato de que nos apoios culturais não aparecem os produtos, mas a assinatura institucional do patrocinador. Já os comerciais são mais explícitos: anunciam o produto, o preço e as ofertas, por exemplo.

A Rádio Comunitária Edson Queiroz tem vários anunciantes do bairro que desembolsam mensalmente cerca de R\$30,00 (trinta reais) por mais de dez chamadas diárias, sem duração predeterminada, o que é bem diferente da lógica das rádios comerciais, que definem os comerciais pela duração: 15”, 30”, 45” e 60” e cujo valor está relacionado com o tempo de duração da chamada. Há uma variedade de preços muito grande na grade das emissoras comerciais, visto que a definição do valor a ser cobrado tem relação com a posição da emissora nas pesquisas do IBOPE.

O valor arrecadado com a venda de anúncios é revertido para a manutenção da rádio, tais como gastos com energia elétrica, aquisição de CDs e com o sistema de cabeamento, que garante a transmissão do som do estúdio da emissora para as caixinhas.

A observação sistemática feita sobre a rádio, desde agosto de 2004, permite a compreensão de que a emissora não assume frases grandiloquentes, em termos de se nomear “a voz da comunidade”, papel que muitas outras emissoras comunitárias buscam conquistar. A Rádio Edson Queiroz, no entanto, mostrou-nos que aos poucos os grupos populares vão se apropriando, mesmo dentro de um conjunto híbrido, de mecanismos de subjetivação evidentes.

Um exemplo significativo nas experiências de radiodifusão comunitária é o da Rádio Educativa Favela FM, emissora situada no Aglomerado da Serra, um dos maiores conjuntos de favelas, de Belo Horizonte (FRANÇA; SIMÕES, 2002, p.226).

A emissora Rádio Favela, que já serviu de inspiração para o filme *Uma Onda no Ar*; se apresenta como “a voz do morro”, “a voz da comunidade”, como definem França e Simões:

Ela se propõe, assim, a ser um lugar de fala para os grupos de baixa renda, situados fora dos circuitos oficiais da comunicação midiática. Ela assume um papel de representante dos interesses dos excluídos, pois “todo mundo que é excluído tem a ver com a Rádio Favela”. Ao assumir esse lugar de representação dos excluídos, a rádio também se propõe a ser uma liderança na conscientização da comunidade em relação a seus direitos como cidadãos, ao uso e tráfico de drogas, à violência e aos problemas enfrentados pela periferia (FRANÇA; SIMÕES, 2002, p.227).

Não temos a pretensão aqui de comparar realidades cultural e geograficamente tão distantes, mas que guardam grandes semelhanças sociais entre si, mas sim mencionar a semelhança quanto à proteção popular aos objetos que compõem a estrutura da Rádio. Também vamos observar que a Rádio Comunitária Edson Queiroz encena seu papel político no âmbito da comunidade, a partir do âmbito cultural, representado no esporte, lazer e na microestética do cotidiano (de que a feirinha solidária é um exemplo).

Inaugura-se, como se tem observado nos novos movimentos sociais, uma lógica de resistência que não envolve só as razões do poder, mas que se enrama nas teias das relações sociais e da cultura? Embora haja espaços de luta incidindo em institucionalizações (como é o caso dos cursos da feirinha serem vinculados ao Instituto Florestan Fernandes), o decurso de estabelecimento das identidades sociais envolve novas solidariedades, novos processos de aprendizagens do que significa resistência e novas linguagens. É na explicação do mundo da cultura, como voz da sociedade civil, que vão ser agenciados novos direitos e novos espaços de luta são encenados. Aí se localiza o oblíquo da visão do povo do Dendê para si; o caminho de perfilar novos e velhos direitos sociais se faz a partir da lógica do cotidiano e das interações ocorrentes no tecido da cultura.

Assim é que nosso estudo nos mostra a experiência de fazer a rádio como modo cultural de luta social, definidor de identidades e resistências, novos campos de força de novas margens – em uma palavra: novas formas de subjetivação. Ao seu modo, a população do Dendê erige um sentido de pertença àquela comunidade e, também, carrega sua diferença, em uma formulação de reflexividade que se faz pela via do cultural. Debrucemo-nos nela.

4 A RECEPÇÃO COMO A ESCUTA DA EXPERIÊNCIA SOCIAL: ONDE MEDRA A PRODUÇÃO DOS SUJEITOS

O presente capítulo tem como objetivo explicitar como aconteceu a recepção do programa *Momento Saúde*, veiculado pela Rádio Comunitária Edson Queiroz. Pretendemos, ainda, relatar neste segmento a intervenção realizada junto ao grupo de Socioeconomia Solidária na decisão de organizar um programa de rádio semanal chamado *A Força da Mulher Solidária*.

Antes, porém, faz-se necessário apresentar como este estudo está situado a partir das reflexões sobre as pesquisas de recepção no Brasil e no contexto latino-americano, consoante comentado no Capítulo 2 e agora retomadas.

Considerado uma referência na pesquisa de recepção brasileira e latino-americana, o livro *Vivendo com a Telenovela*-mediações, recepção e teleficcionalidade assumiu como desafio fazer ampla “exploração multimetodológica da teoria latino-americana das mediações” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002). Com base numa investigação multidisciplinar, esquadrinhou como se apresenta a pesquisa de recepção nos estudos contemporâneos de comunicação. Para as autoras, a concepção que as orienta compreende a recepção como espaço de produção de sentido e vai além dos estudos dos meios e da “análise qualitativa de audiência”, marcas de muitas pesquisas internacionais sobre o assunto (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002). Para Lopes, Borelli e Resende, a principal questão está em investigar como as mediações *cotidiano familiar, subjetividade, gênero ficcional e videotécnica* convergem no estudo de recepção de uma mesma telenovela por parte de um grupo de quatro famílias com perfis socioeconômicos diferentes.

A pesquisa sinaliza o rompimento com o modelo conservador que imprimia ênfase nos meios de comunicação e destinava pouca ou quase nenhuma reflexão sobre os processos propriamente ditos em que a recepção se manifesta. A ruptura ocorre pela adesão ao que foi proposto pelos *Estudos Culturais*, amplamente comentados aqui no Capítulo 2:

Os Estudos Culturais, nos anos 1970, não só libertaram a reflexão sobre a recepção dos meios do modelo reducionista dos efeitos, mas, analisando a produção e a recepção da mensagem dentro de um quadro semiológico inspirado no marxismo, acabaram por colocar a recepção como prática complexa de construção social de sentido. O conceito gramsciano de hegemonia é usado no modelo de codificação/decodificação (Hall) para examinar os modos concretos pelos quais os significados dos meios podem ser negociados ou até eventualmente subvertidos por audiências específicas. [...] Os Estudos Culturais permitem uma problematização

mais elaborada da recepção, em que as características socioculturais dos usuários são integradas na análise não mais de uma difusão, mas, sim, de uma circulação de mensagens no seio de uma dinâmica cultural. O pólo de reflexão é progressivamente deslocado dos próprios meios para os grupos sociais que estão integrados em práticas sociais e culturais mais amplas (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 28).

Tomando como eixo o relato histórico sobre a tradição nacional e internacional nos estudos de recepção apresentados no livro, é perceptível o modo como a perspectiva das mediações proposta por Martín-Barbero surge como catalizadora dos enfoques que assumiram esse direcionamento. As mediações, juntamente com os processos de hibridização cultural apontados por Canclini, começam a ter reflexos nas pesquisas brasileiras a partir do começo dos anos 1990 e, todavia, o que chama atenção, segundo Lopes, Borelli e Resende, é o fato de a questão metodológica ser ainda muito frágil, o que parece advir, sobretudo, da “falta de uma estratégia multimetodológica”.

Canclini (2003, p.19) entende por hibridização “processos sócio-culturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Assim é que ele não desvincula as identidades sociais em recomposição e movimento das misturas onde se formaram e onde se desenvolvem na contemporaneidade.

Já em Países como México, Chile e Colômbia, as pesquisas sobre recepção aparecem fortemente marcadas por um viés multidisciplinar. Por outro lado, em muitos estudos internacionais, as autoras questionam a ausência de crítica cultural e política, bem longe da tradição proposta pelos Estudos Culturais.

Orozco (2002), por sua vez, considera que os estudos de recepção na América Latina levaram um tempo para tomar impulso, considerando que tiveram que romper com a visão simplista e reducionista que dava suporte aos estudos dos efeitos dos meios. Dessa forma, os estudos de recepção tiveram que dialogar com novas visões sobre os processos de significação e criação cultural, mais expressivamente representadas pelos Estudos Culturais.

O pesquisador mexicano aponta algumas fontes que vão alimentar os estudos de recepção na América Latina, como a questão teórico-metodológica, a questão política e a educacional.

Sobre o prisma político, ele observa:

Importa conocer como se construye el sentido, no solo por afanes culturalistas, sino también para entender los procesos de re-construcción de los significados hegemónicos y para conocer con más profundidad y amplitud la generación de resistencias y contrapesos al poder. El tejido de la democracia se hace

comunicativamente, diria Martín-Barbero (1987), y ese tejido cada vez más se realiza frente, no detrás de los medios (OROZCO, 2002, p. 17).²⁸

Para Orozco, até os anos 1980 a tônica das pesquisas estava na questão política e a pergunta que se fazia então era “se os receptores eram livres para escolher as mensagens dos meios ou se estavam definitivamente fadados a sofrer os impactos negativos dos meios em suas interações cotidianas” (Orozco, 2002).

Nos anos 1990, o contexto muda e as questões que envolvem a temática são “a recepção é produção”; “a recepção é interação”. No cenário contemporâneo, Orozco identifica uma discussão de caráter epistemológico. “¿Cuál es, en definitiva, el status de los receptores? ¿Son nómadas, son emigrantes, son simplemente audiencias múltiples en el ecosistema comunicativo?” (OROZCO, 2002, p.19)²⁹.

O autor aponta ainda que as pesquisas latino-americanas sobre recepção têm sido referência para muitos outros estudos, especialmente a partir do Modelo das Mediações Múltiplas (OROZCO, 1991), dos Usos Sociais (MARTÍN-BARBERO y MUÑOZ, 1992) e das Frentes Culturais (GONZÁLEZ, 1998). Para Orozco, atualmente, os desafios dos estudos de recepção, como apontam também Lopes, Borelli e Resende, estão na perspectiva metodológica multidisciplinar, principalmente na ausência das reflexões que agrupem o tecnológico, o psicológico e o econômico.

Lopes, Borelli e Resende, embora estejam sintonizadas com as reflexões propostas por Orozco, porém mais alinhadas à perspectiva dos Estudos Culturais, consideram que se é fundamental pensar a relação entre produção e reprodução de sentido nos processos culturais como significação, também o é como questão de poder:

A recepção não é um processo redutível ao psicológico e ao cotidiano, apesar de ancorar-se nessas esferas, mas é profundamente cultural e político. Isto é, os processos de recepção devem ser vistos como parte integrante das práticas culturais que articulam processos tanto subjetivos como objetivos, tanto micro (ambiente imediato controlado pelo sujeito) como macro (estrutura social que escapa a esse controle). A recepção é, então, um contexto complexo, multidimensional, em que as pessoas vivem o seu cotidiano. Ao mesmo tempo, ao viverem este cotidiano inscrevem-se em relações de poder estruturais e históricas, as quais extrapolam suas práticas cotidianas (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 32).

²⁸ “Importa conhecer como se constrói o sentido, não somente por motivações culturais, mas também para entender os processos de reconstrução dos significados hegemônicos e para conhecer com mais profundidade e amplitude a criação de resistências e contrapontos ao poder. O tecido da democracia se constrói comunicativamente, diria Martín-Barbero (1987) e esse tecido cada vez mais se realiza diante e não atrás dos meios. (OROZCO, 2002:17)

²⁹ Qual é, em definitivo, o status dos receptores? São nômades, são emigrantes, são simplesmente audiências múltiplas no ecossistema comunicativo?

A perspectiva da mediação já abordada no Capítulo 2 merece ser retomada, atentando para o fato de que Martín-Barbero é um dos expoentes do pensamento latino-americano sobre o assunto e, principalmente, porque esta pesquisa é esteada nesta compreensão.

Ruótolo (1998) se esforça para conceituar a mediação como uma vertente que cresce nos estudos de recepção. Para ele a mediação pode ser entendida como um processo.

Um amplo confronto de todos os atores no processo de recepção: os meios, os receptores, as comunidades, os movimentos sociais, etc. Cada um dos atores tem sua própria “lógica” e da interação entre essas lógicas se constrói o significado das mensagens. As mediações são, portanto, rituais de negociação de significados que formam a base da cultura (RUÓTOLO, 1998, p.10).

Martín-Barbero imprime vigor à sua reflexão, a partir do eixo que situa o *político na cultura*, entendida como os códigos de conduta de um grupo ou de um povo. Todo um decurso de socialização estaria se transformando permanentemente e se deslocando no tecido social onde se mudam estilos de vida, e onde um turbilhão de sentidos, com sua multiplicidade de códigos, discursos e leituras passam a produzir, além de novas formas de autoconsciência e reflexividade, identidades em diáspora. Dessa forma é que os meios e as mediações vão situar seus estudos de comunicação a partir da cultura ou, mais especialmente, com origem na experiência dos sujeitos sociais.

É bem verdade que, no final da década de 1970, o eixo da reflexão, embora fosse centrado nos discursos, já se importava com a relevância e o lugar do sujeito receptor, conquanto este permanecesse como uma voz *backing*. Na década seguinte, a experiência do sujeito vai ocupar uma centralidade inegável nos estudos sobre recepção, o que vai possibilitar novos elos para se pensar mediações em tempos de globalização.

Stuart Hall, com sua posição de migrante, já nos trazia a idéia de que as pessoas vivem múltiplas e simultâneas identidades, o que nos auxilia a pensar as identidades em constante elaboração. Segundo Hall, a contemporaneidade mostra que os novos discursos teóricos se seccionam e as novas práticas culturais vivem e viajam através das diferenças e da negociação de sentidos, que ora incorporam imagens da cultura de massa global ou ora resistem a ela.

Ao mesmo tempo em que Hall assinala a força homogeneizadora da cultura de massa global, admite que ela é remodelada, negociada, absorvida nas pluralidades de formas e locais de resistência.

(Ela) está querendo reconhecer e absorver as diferenças dentro de uma extensa estrutura do que é essencialmente uma concepção americana do mundo. Isso é dizer que ela está muito fortemente localizada na concentração crescente e em andamento da cultura e de outras formas de capital. Mas é hoje uma forma de capital que reconhece que – usando uma metáfora – somente pode governar através de outros capitais locais, ao lado de e em parceria com outras elites políticas e econômicas. Essa forma de homogeneização não tenta apagar as diferenças, ela funciona através delas (HALL apud ESCOTEGUY, 2001, p. 147-148).

Acumulando o que vínhamos a dizer: no nosso estudo pensamos a partir dessa idéia de cultura como o lugar da experiência. A recepção é marcada por fluxos de identidades plurais em mutação; e como processo na recepção – por sua vez, a recepção nos põe em um *lugar* de negociação de sentidos. Aqui se faz importante anotar a idéia de que as relações de produção e seus universos de simbolização não constituem algo uniforme nem estão situados em algum lugar exterior de construção e circulação de sentidos.

No Dendê, lugar da pesquisa *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Dendê* – estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia, é evidente que os efeitos da acumulação capitalista da vida sobre depauperamento das classes populares era visível. A resistência, no entanto, também se explicita no lugar onde as populações criam os possíveis. Buscamos ver como se manifestam seus processos de reconstrução locais. Se o massivo da globalização interpenetrava o local, também ali os grupos que eu estudávamos nos deixavam ver o modo como se reconstruíam e produziam a sua diferença no particular da cultura.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Como já expressamos, ainda são poucas, no Brasil, as pesquisas sob a perspectiva das mediações e é justamente nesse contexto que esta investigação está situada. São mediações escolhidas para fazer a pesquisa de recepção o *cotidiano familiar, cultura, linguagem e educação*.

Diferente de outras buscas que optam por fazer uma etnografia da audiência, utilizando para isso apenas a família, a opção recai sobre um grupo. Um conjunto de mulheres que tem forte atuação no bairro onde mora, origens e trajetórias diferenciadas e que em encontros semanais faz a escuta de um programa de rádio.

Outro diferencial está no fato de que se fez a opção por não fazer a escuta do programa no momento em que ele era transmitido pelas caixas de som da Rádio Comunitária Edson Queiroz, o que seria comum e talvez até esperado em um estudo de recepção. Como já

partimos, porém, de algumas impressões/hipóteses (já apontadas no Capítulo 2 e que serão retomadas neste módulo) sobre o *Programa Momento Saúde*, decidimos por tentar identificar no bairro uma possibilidade de escuta grupal comentada, justamente porque essa investigação se debruça sobre a perspectiva educativa dos processos de recepção.

A vertente educacional é identificada por Orozco como uma das que se amplia nos estudos de recepção e se interessa em compreender como transformar as interações midiáticas em processos de aprendizagem para os sujeitos da recepção (OROZCO, 2002).

Naturalmente, a escuta do Programa *Momento Saúde*, porquanto não acontece durante o horário em que este segmento vai ao ar, mas mediante uma gravação feita e que depois é apresentada ao grupo, pode parecer, no primeiro momento, a criação de um espaço de escuta artificial e, portanto, questionável do ponto de vista metodológico. No primeiro contato com o Programa *Momento Saúde*, porém, como já relatado no Capítulo 2, notamos uma ausência das vozes da comunidade, isto é, não estavam presentes as pessoas a quem o programa se destinava. A partir deste silenciamento, podemos dizer, a pesquisa ganha outra conotação - não mais somente a de perceber como acontece a escuta do programa, mas como essa escuta se manifesta considerando essa ausência. A ausência é percebida? Como essa percepção se manifesta?

O que está em jogo neste estudo não é compreender a dimensão que o rádio tem na vida da comunidade do Edson Queiroz ou, mesmo, se a Rádio Comunitária tem audiência e tentar quantificá-la. O que propõe esta pesquisa é justamente compreender a produção de sentido que um programa sobre saúde, destinado a uma comunidade da periferia, estimula ou produz nos seus sujeitos e o que acontece na recepção, quando a negociação de sentidos acontece grupalmente.

A relação deste estudo com o cotidiano e a cultura foi iniciada no Capítulo 2. A intenção é, a partir do cotidiano dos moradores do bairro Edson Queiroz, compreender como se sucede a recepção do programa *Momento Saúde* por parte do grupo de mulheres da Economia Solidária.

Este estudo foi elaborado, pois, com a participação nas reuniões semanais do grupo de Economia Solidária, no período de abril a outubro de 2005, permeado de visitas freqüentes à feira que acontece aos sábados no bairro, de entrevistas semi-estruturadas com dirigentes da Rádio Comunitária Edson Queiroz, com professoras do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, com o presidente da Associação de Moradores da Água Fria, com o presidente do Instituto Florestan Fernandes e, também, a partir da história de vida de três mulheres do grupo.

A escolha dessas mulheres foi intencional. A primeira recaiu sobre a coordenadora do grupo, Rosa³⁰, 32 anos, já que tem uma liderança no grupo; a segunda foi Amarilis, 71 anos, a integrante mais idosa do grupo e também uma das mais atuantes, e a terceira selecionada foi Azaléia, 53 anos, uma forte liderança no grupo e também na comunidade.

Ao identificar a Rádio Comunitária Edson Queiroz como *locus* da pesquisa, como anunciado na Introdução deste trabalho - pois nosso interesse era conhecer melhor o programa *Momento Saúde* e compreender como ocorria a recepção do programa - buscamos na comunidade um grupo de pessoas que pudesse fazer a escuta dos programas sobre saúde.

Inicialmente pensamos na possibilidade de formar um grupo de pessoas a partir do atendimento feito pelo Núcleo de Assistência Médica Integrada da Universidade de Fortaleza. Consideramos, porém, que essa formação não seria adequada à proposta da pesquisa, já que o fato de o programa ser produzido por estudantes de Enfermagem da UNIFOR poderia ensejar algum tipo de obrigação, no grupo, de tecer comentários favoráveis à iniciativa.

Outra idéia foi a de procurar a Igreja Católica e conhecer os grupos de oração, de mães e as pastorais com atuação no bairro, já que temos história pessoal ligada aos movimentos de base vinculados à Igreja e longa atuação junto à Pastoral da Criança. A idéia foi descartada: não gostaríamos de restringir a escuta dos programas a um grupo religioso específico.

Cogitamos, ainda, em eleger, à sorte, um grupo de pessoas constituído a partir da proximidade com a Rádio Comunitária Edson Queiroz, mas também consideramos que esse não seria o caminho mais adequado. Neste estudo de recepção, seria importante constituir um grupo que tivesse uma rotina de encontros e atividades que não fossem gerados pela necessidade da pesquisa.

Com base nessas reflexões, optamos por conhecer o grupo de Economia Solidária, sobre o qual havíamos tomado conhecimento da existência, por meio de entrevista com o presidente do Instituto Florestan Fernandes.

Pela entrevista semi-estruturada com o dirigente do Instituto, como relatado no Capítulo 3, foi possível conhecer melhor como ocorria o trabalho com o grupo e, considerando que o grupo já tinha uma rotina de encontros semanais, imaginamos estar ali a situação mais adequada para o grupo de recepção do programa que necessitávamos constituir.

³⁰ Em respeito aos informantes desta pesquisa, seus nomes foram substituídos por nomes de flores brasileiras. A partir de agora as pessoas serão indicadas pelos nomes das flores.

A frase do poeta espanhol Antonio Machado “Caminhante, não existe caminho, o caminho se faz ao caminhar” se enquadra, sem dúvida, na nossa vivência prática, mas, na perspectiva do universo acadêmico ela se torna insuficiente para alcançar todas as etapas necessárias à compreensão sistematizada desse conhecimento. O caminho se faz na prática, naturalmente, mas para que ele seja entendido e sedimentado, faz-se indispensável um plano que estabeleça algumas estratégias de ação e, principalmente, um destino onde se pretende chegar.

É possível dizer, então, parafraseando o pensamento do poeta espanhol: “pesquisador, pesquisa se faz pesquisando?” Acreditamos que o exercício contínuo, a experimentação e a tentativa criteriosamente sistematizadas vão se transformando, aos poucos, em conhecimento científico.

A experiência que o pesquisador traz para o ambiente da pesquisa é algo fundamental para sua ação, bem como sua história de vida, trajetória profissional, forma de perceber o mundo. Essa vivência, acrescida do ato em si de pesquisar, é que vai, de certa maneira, orientar o percurso.

Para Walter Benjamim (1994) o legado da experiência foi sendo perdido com a Modernidade, quando a informação é tratada como um dado virtual e passa a ser mais valorada do que o vivido, o experimentado. O conhecimento que era passado de geração a geração e o que era reconhecido por todos como um saber perde, na Modernidade, o seu significado. A relação entre a prática social e o sentido que se extrai dela se esgarça na Modernidade e as experiências vão deixando de ser comunicáveis.

É evidente que Walter Benjamim (1994) não “absolutizava” esse depauperamento da arte de contar e o enfraquecimento da experiência narrada. O frankfurtiano apontava em que termos são problemáticas a recepção, a experiência e a oralidade, quando se cruzam nos contextos modernos. Mostrava as possibilidades da narrativa presencial, mas adentrando a complexidade de conexão entre narrativa, narração, história e linguagem.

Para que a proposição do Pensador alemão, no entanto, seja considerada e essa experiência acumulada se evidencie de fato, como conhecimento contínuo, faz-se necessário, nas práticas sociais, tomarmos experiência e produção de conhecimento de uma nova forma. Também, no ato em si da pesquisa, se faz procedente propor algumas estratégias sobre as quais o pesquisador vai constituir conhecimento, projetar sua experiência e se orientar ao longo do percurso.

A perspectiva metodológica deste trabalho leva em conta a necessidade da utilização de procedimentos qualitativos, visto que é a pesquisa qualitativa que se volta para a compreensão “dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças, valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais” (PÁDUA, 1997, p. 31).

São estratégias que também permitem perceber “a realidade não como verdade absoluta e objetiva, mas a teia de relações estruturadas às quais os agentes sociais atribuem significados” (FREITAS, 1999, p. 52). Na perspectiva da pesquisa qualitativa, o outro é tomado como sujeito, na medida em que os dados sobre o mundo social são elaborados nos processos de comunicação (BAUER et al, 2002, p. 20).

Neste percurso, uma das reflexões de Martín-Barbero, já mencionada, inclusive a de que “era necessário perder o objeto para ganhar o campo”, é bastante adequada para compreender o processo pelo qual esta pesquisa passou.

Inicialmente, o meu ponto de partida era a Rádio Comunitária Edson Queiroz. Desde 2002, visitamos de forma sistemática a emissora e, em 2004, a partir da aprovação no Mestrado, essas visitas se intensificaram. Nesse período fizemos as primeiras entrevistas com os dirigentes da Rádio.

Ainda em 2004, estivemos ali no período de agosto a novembro, acompanhando a apresentação do Programa *Momento Saúde*, semanalmente. Essas sessões serão detalhadas a seguir, mas vale salientar que foi a partir desse momento que nos demos conta de que a nossa visão de rádio comunitária era, de alguma maneira, contagiada pela nossa trajetória.

Durante a nossa graduação, como já mencionado, acompanhamos a criação de várias rádios organizadas majoritariamente a partir de uma necessidade política e não parecia ser essa a motivação principal para a organização da Rádio Comunitária Edson Queiroz. Ela fora instituída como um espaço de entretenimento e de lazer para o bairro, conforme as pessoas da rádio acentuaram. Durante certo tempo da nossa observação, considerávamos essa motivação de alguma maneira menor. Era como se isso desvalorizasse toda a trajetória da emissora nesses seus mais de doze anos de existência.

Pensávamos que o político se expressava no cultural. Dessa maneira, teríamos de criar categorias para buscar ou, no mínimo, considerar o político na cultura, já que as atuais categorias às vezes dicotomizam uma e outra coisa, embaçando a compreensão de um político que se expressava na vida cotidiana da gente do Dendê.

Passamos parte do primeiro semestre de 2005, cerca de quatro meses, fazendo contatos eventuais com a emissora e, só depois, marcamos as entrevistas com os dirigentes.

Nesse espaço de espera, aproveitamos para mergulhar no universo do bairro, conhecer a organização política da Associação de Moradores, a atuação do grupo de Mulheres da Economia Solidária, os jovens do *hip-hop*.

Foi esse distanciamento, essa “perda do objeto”, parafraseando Martín-Barbero, que nos permitiu perceber a Rádio Comunitária a partir de uma outra perspectiva, quando então tomamos consciência da importância que ela adquire para a vida cotidiana do bairro e como se vincula ao político que aí deságua.

Esse “reencontro com o objeto”, digamos, assume um “sentido de consciência” da nossa atuação no bairro. Percebemos, aos poucos, que a “identidade da militante” que há em nós, digamos assim, desloca-se estrategicamente para outro lugar; inquieta, mas menos ansiosa, questionadora, mas sem querer respostas prontas – está pesquisadora carrega um olhar que tenta perceber além da superfície do que está posto.

Essa percepção decorre da observação participante, realizado desde 2004. Este exercício participante foi fundamental na identificação da comunidade, bem como de seus agentes sociais. O caráter etnográfico que se lhe acrescentamos no nosso trabalho é um recurso que permite a ampliação dessa perspectiva, no sentido de que, por intermédio do “registro denso” da observação, ínsita na atitude etnográfica e explicitada no diário de campo que fazemos, ao longo da pesquisa, pode ser analisada uma série de significados embutidos no discurso social.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p. 20).

Partindo da perspectiva de pensar produção de subjetividade no contexto da comunidade do Edson Queiroz a partir dos discursos da Rádio Comunitária e dos silenciamentos e falas identificados na análise do Programa *Momento Saúde* e, também no Programa *A Força da Mulher Solidária*, é que propomos um trabalho de campo que combina uma série de instrumentos metodológicos de ordem qualitativa, levando em conta que a noção

de que ao trabalho de campo precedem algumas questões, como: a entrada no ambiente a ser pesquisado e o levantamento de informações que serão úteis para a realização das entrevistas.

Assim é que tentamos compreender com profundidade produção de subjetividade no contexto da recepção na rádio comunitária, no primeiro momento por meio da pesquisa participante, com marcado cunho etnográfico. A seguir, por uma necessidade de aprofundamento da pesquisa e por uma opção ética (militante?), propomo-nos e vivenciamos uma pesquisa-ação. O primeiro momento da pesquisa (pesquisa participante de cunho etnográfico) nucleia-se na recepção do programa *Momento Saúde* e o segundo, no programa *A Força da Mulher Solidária* (pesquisa-ação).

Nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2004, acompanhamos, a cada semana, a transmissão do *Momento Saúde*, o qual analisamos tomando como referência as temáticas, a linguagem utilizada e o discurso sobre saúde proposto no texto.

Junto a essa abordagem, a investigação ora apresentada toma como referência a observação participante como opção metodológica, visto que acreditamos esse ser o caminho mais adequado à proposta da pesquisa.

Foi esse o recurso utilizado de setembro a novembro de 2004, quando a apresentação do programa *Momento Saúde* foi acompanhada e gravada semanalmente e foi essa também a forma de atuarmos junto ao grupo de mulheres do Grupo de Socioeconomia Solidária desde abril de 2005 e que será mais detalhada a seguir.

A observação participante é um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados. Logo, o observador é parte do contexto que está sendo observado, no qual ele ao mesmo tempo modifica e é modificado por este contexto (MARTINS, 1994, p.29).

Como parte dos procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas com os profissionais de saúde que fazem os programas na Rádio Comunitária do Dendê, de modo a compreender como se posicionam o profissional de saúde na relação com a comunidade, qual o seu grau de compromisso com o outro e que sentidos se estabelece nessa relação; como é definido o conteúdo de cada programa, como o programa é produzido, se a comunidade participa, de que maneira ocorre essa participação.

Em agosto de 2004, foi realizada a primeira entrevista semi-estruturada com a professora do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza e atualmente responsável pela produção do *Momento Saúde*. Outra entrevista semi-estruturada foi feita com a

enfermeira e também professora do Curso de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, uma das precursoras do uso do rádio na Comunidade Edson Queiroz.

A entrevista com a responsável pelo *Momento Saúde* permitiu compreender como está organizado o programa, como está estruturada a produção, como sucede a participação das estudantes de Enfermagem, bem como a escolha dos conteúdos e a forma de abordá-los.

Ainda em 2004 foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis pela emissora. A partir desse encontro, foi possível conhecer a história da Rádio, compreender como está organizada a programação da emissora e saber mais sobre a relação com a comunidade, os ouvintes e os anunciantes.

Em abril de 2005, começa o acompanhamento do grupo de Mulheres da Economia Solidária e, desde então, já estivemos junto com o grupo em dezenove ocasiões diferentes, nas reuniões da segunda-feira e na Feira de Economia Solidária, que acontece aos sábados à noite, na Praça da Justiça, uma área descampada sem qualquer estrutura de iluminação e lazer.

Os encontros foram muito estimulantes e reveladores. As sessões de conversa sobre o Programa *Momento Saúde* aconteceram antes da reunião semanal de avaliação que o grupo realiza às segundas-feiras, às 19h. Combinamos, então, de nos encontrar um pouco antes, às 18h30, para conversar sobre o programa de rádio. As sessões tiveram duração entre 30 a 40 minutos e aconteceram a partir do dia 25 de abril de 2005. Ao todo foram realizados 19 encontros com o grupo de mulheres.

Através de um som e mediante o CD com os programas gravados, foi possível, a cada semana, apresentar um programa e discutir o seu conteúdo. Havia certa dificuldade de se cumprir o horário, mas foi possível conversar sobre o programa de forma bastante tranqüila e coordenada.

Além dos períodos já detalhados de contato com a comunidade, por meio das visitas periódicas desde 2004, decidimos fazer uma proposta de intervenção com o grupo de Economia Solidária.

A intervenção, a ser detalhada posteriormente, teve como motivação principal estimular a produção de 04 programas radiofônicos sobre saúde, com ênfase na “voz da comunidade”. A idéia da intervenção é formular uma proposta, cujo protagonismo seja assumido pelo grupo de mulheres com o qual nos encontramos sistematicamente, desde abril de 2005; entendendo protagonismo como a participação efetiva na produção dos programas, desde a definição de temas, estruturação, músicas a serem utilizadas até a sua apresentação.

O grupo optou, no entanto, por produzir programas tendo como centro sua vivência como grupo de economia solidária - e assim nasce *A Força da Mulher Solidária*, que será apresentado oportunamente neste capítulo.

Vale dizer que, neste percurso, foram muito úteis vivências anteriores de relações com os movimentos populares e os conhecimentos proporcionados por práticas acadêmicas no Mestrado em Educação Brasileira, como também na vida cotidiana do magistério superior, com destaque para a participação no Grupo de Pesquisa da Relação Infância e Mídia, GRIM.

A metodologia inclui também a criatividade e a experiência do pesquisador. A partir desse entendimento, [...] pesquisadores têm o poder de criar o seu próprio caminho e, ao narrarem os seus percursos, poderão evidenciar o método como aquilo que se construiu ao caminhar. [...] A criatividade é um poderoso elemento do processo de pesquisa, que está posto desde o seu início e que não pode ser definido a priori, pois está na dependência do processo de investigação [...], assim como a intuição que é um tipo de sedimentação da experiência e é reveladora de uma sensibilidade intelectual (GONÇALVES, 2003, p. 63).

É importante esclarecer que optamos pela reprodução integral dos roteiros dos programas analisados por compreendemos que seria insuficiente conhecer a proposta dos programas somente pela análise realizada. A análise recorta situações e aspectos dos programas que serão mais bem compreendidas se precedidas da leitura dos programas como um todo para que se possa perceber o contexto discursivo das falas expressas nas duas experiências radiofônicas. Ao todo foram reproduzidos seis edições do *Momento Saúde* e quatro edições do *A Força da Mulher Solidária*.

4.2 O Grupo de Economia Solidária

O Grupo de Mulheres de Economia Solidária do Dendê (GESD) foi alvo do meu estudo de recepção do programa *Momento Saúde* e, é com ele que passo a fazer o programa *A Força da Mulher Solidária*, nesse segundo momento o grupo assumindo seu papel de protagonista nesta ação.

Fundado em 2000, o Grupo de Mulheres de Economia Solidária do Dendê conta com o apoio do Instituto Florestan Fernandes (IFF), organização não governamental, cuja missão é “promover o desenvolvimento humano e o exercício da cidadania para a construção de uma sociedade sustentável e solidária”³¹ e que tem forte atuação no bairro. O IFF desenvolve várias ações, como Formação para a Cidadania, Socioeconomia Solidária e

³¹ Informação obtida no folder Projeto Formação de Formadores em Cidadania e Políticas Públicas do Instituto Florestan Fernandes

Desenvolvimento Local Sustentável, Política Pública e Controle Social e Organização e Fortalecimento Institucional e Comunicação e Cultura Popular.

Por intermédio da ação da Socioeconomia Solidária e Desenvolvimento Local Sustentável, desenvolvida pelo IFF o Grupo de Mulheres do Dendê, foi possível orientar o grupo sobre os princípios da Economia Solidária, bem como articulá-lo com outras experiências que existem no Ceará e no Brasil. A contribuição do IFF ao Grupo do Dendê acontece ainda hoje, apesar dos cinco anos de história do grupo, seja em oficinas de formação e atualização, seja em da assessoria para elaboração de projetos para a manutenção do grupo e para a realização das feiras semanais que acontecem no bairro.

Para Amorim, o curso ABC em Economia Solidária foi um marco para a organização do grupo:

Para viabilizar o projeto, foram convidados habitantes da Comunidade do Dendê que já desenvolviam algum tipo de atividade produtiva para participarem da primeira atividade de capacitação em economia solidária, um ABC em Socioeconomia Solidária no bairro. Em parceria com o Banco Palmas³², essa atividade foi realizada para capacitar as pessoas do bairro com base nos princípios e ideologia da economia solidária. Esse evento reuniu cerca de 40 (quarenta) participantes e teve grande impacto na população envolvida (AMORIM, 2005, p. 54).

Uma das fundadoras do Grupo de Economia Solidária do Dendê, atualmente, integra a equipe de técnicos do IFF. A atividade dela é acompanhar as atividades que o Grupo realiza, bem como participar das articulações com outros grupos de Economia Solidária e com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

O GESD mantém há cinco anos uma feira semanal, aos sábados, na Praça da Justiça, onde também fica a sede da Igreja Mãe Rainha, uma das principais do bairro. A feira acontece de 17h às 22h e é hoje, podemos dizer, uma das principais atividades de lazer da comunidade. São comercializados bijuterias, artesanatos, remédios caseiros e alimentação, tudo produzido pelo grupo de cerca de quinze mulheres.

Os produtos alimentícios são, sem dúvida, a principal atração da feira. É comum ver famílias inteiras que para lá se deslocam com a finalidade de fazer um lanche ou até mesmo jantar. Comidas típicas, como baião-de-dois, paçoca e churrasquinho, dividem o espaço com lasanhas, tortas salgadas, bolos, docinhos, pudins, pastéis e milho cozido.

³² Banco Palmas é uma experiência de banco popular que nasceu no Conjunto Palmeiras e que hoje tem reconhecimento internacional. As pessoas envolvidas neste processo costumam participar de atividades de formação em Economia Solidária.

Durante a feira, também são comercializados bebidas alcoólicas, refrigerantes e sucos. A pessoa responsável pelas bebidas também cuida do som, que funciona como uma atração à parte. Além da programação musical predominantemente composta por forró, o som também é utilizado para dar avisos e para realizar atividades durante a feira, como apresentações musicais, quadrilha junina, *shows* do grupo de *Hip-Hop*. Também o som é utilizado na promoção de bingos e rifas, eventos de acontecimento comum durante as feiras.

Às segundas-feiras, o grupo se encontra para avaliar a feira de sábado, trocar idéias sobre os assuntos ligados à economia solidária, como os feirões que acontecem regularmente e também para comemorar os aniversários do mês. É nas reuniões de cerca de duas horas de duração que há conversas sobre tudo, desde as eleições para a Associação de Moradores às fofocas de novela, passando pelas notícias políticas e econômicas. É ainda a porta de entrada para o Grupo de Economia Solidária do Dendê: quem quer participar do grupo precisa acompanhar pelos menos quatro desses encontros e, a partir do quinto, já participa da feira aos sábados.

4.3 A vivência com o Grupo de Economia Solidária

As reflexões apresentadas aqui se referenciam na concepção de Martín-Barbero sobre o modo de vida das classes populares: como se organizam, se relacionam, vivem, suas relações com os meios e as mediações. Essa mirada, com base no funcionamento do Grupo de Economia Solidária, traz à tona várias questões sobre como o popular se manifesta no político e vice-versa. Apresentamos também relatos de momentos dos encontros resultados da nossa aproximação com o Grupo de Economia Solidária. Este contato possibilitou uma nova leitura do bairro, a partir de uma compreensão que vai além do universo produtivo. Para Martín-Barbero, essa descoberta da cotidianidade inaugura outra realidade da vida popular.

A cotidianidade, que não está inscrita imediata e diretamente na estrutura produtiva, é despolitizada e assim considerada irrelevante in-significante. Mesmo assim, uma outra realidade nos é descortinada pelos relatos que começam a contar o que acontece por dentro da vida dos bairros populares, não para avaliar, mas para compreender o funcionamento da sociedade popular. Nela – que escândalo! – o apego dos setores populares à família não está necessariamente relacionado, ou pelo menos não apenas, à conservação do passado, e sim, como E. Durham propõe tão lúcida e corajosamente, à “superação de um estado generalizado de desorganização familiar associado a uma exploração muito mais brutal e direta da forma de trabalho (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 289).

A descoberta, digamos assim, do universo do bairro do Dendê como espaço de geração de vida, traz outra percepção do mundo popular daquela gente, mostrando-nos um espaço onde a vida é tecida por laços de solidariedade.

Como forma de ilustrar as discussões referidas há pouco, são reproduzidos alguns trechos do Diário de Campo, registro das muitas visitas ao bairro e especialmente resultado da observação feita nos encontros com o grupo de Economia Solidária. Os dois primeiros momentos foram registrados a partir da ordem em que ocorreram. Os demais foram pinçados de registros de outros momentos do trabalho como grupo.

4.3.1 Primeiro Encontro

O primeiro encontro aconteceu no dia 18 de abril de 2005. Às segundas-feiras, o grupo de mulheres do Projeto de Economia Solidária se encontra às 19h na rua Otávio Rocha³³, em uma casa vizinha à Loja Dendê Sol e que funciona como espaço de encontros, oficinas e também para guardar as barracas usadas na feira, aos sábados. O objetivo do encontro é avaliar a feira de Economia Solidária que acontece semanalmente aos sábados, à noite, na praça em frente à Igreja Mãe Rainha. A coordenadora do grupo comenta as dificuldades ou aspectos positivos, menciona o quanto vendeu na sua barraca e passa a palavra para outra companheira.

O grupo reúne cerca de 15 pessoas, das quais apenas dois homens participam. Um deles vende caipirinhas e cuida do som, enquanto o outro é marido de uma das mulheres e juntos mantêm uma barraca na feira.

Observar como a vida cotidiana do Dendê se forja a partir da organização do grupo é uma experiência incrível; é como diz Martín-Barbero, ao apontar o bairro como grande mediador entre o universo privado e o mundo público:

O bairro surge, então, como o grande mediador entre o universo privado da casa e o mundo público da cidade, um espaço que se estrutura com base em certos tipos específicos de sociabilidade e, em última análise, de *comunicação*: entre *parentes* e entre *vizinhos*. [...] Frente à provisoriedade e à rotatividade do mercado de trabalho que, sobretudo em tempos de crise econômica, dificultam a formação de laços permanentes, é no bairro que as classes populares podem estabelecer solidariedades duradouras e personalizadas (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 274).

A predominância de mulheres no grupo me chamou a atenção. Lembrei da expressão “maternidade social”, de Martín-Barbero, quando fala da atuação das mulheres no

³³ Durante a escuta dos programas de rádio, as reuniões mudaram para a sede do Instituto Florestan Fernandes, no mesmo bairro.

cotidiano do bairro, e também da adoção da expressão na pesquisa *Rádio no Beco: Cotidiano e Linguagem*, feita por Gonçalves (2004).

O acesso à cotidianidade do bairro passa necessariamente pelo reconhecimento do protagonismo das mulheres. [...] E elas fazem o bairro a partir de uma percepção do cotidiano configurada basicamente na maternidade. Uma *maternidade social* que em vez de se fechar na família faz do bairro seu espaço de instalação e exercício. [...] Nessas condições, a mulher se constitui como a *recriadora de uma sociabilidade primordial* que é ao mesmo tempo encontro e mediação. Não se trata de ser dirigente em vez de mãe, mas sim de o ser porque se é mãe e esposa (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 272-273).

A organização das mulheres do Dendê revela toda a dinâmica do espaço doméstico e inscreve essas práticas como atuação do doméstico no cultural e no político.

Na percepção do popular, o espaço doméstico não se restringe às tarefas da reprodução da força de trabalho. Pelo contrário, e frente a um trabalho marcado pela monotonia e despojado de qualquer atividade criativa, o espaço doméstico representa e possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa. Da mesma forma, nem toda forma de consumo é interiorização dos valores de outras classes (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 289).

A disposição das cadeiras está em círculo na pequena sala que serve de espaço de reunião. Após a exposição da coordenadora, cada uma das mulheres do grupo faz comentários sobre a última feira e diz o quanto apurou. Os produtos variam: remédios caseiros, comidas típicas, artesanato, batata frita...Algumas relatam a dificuldade em vender seus produtos. Enquanto umas vendem R\$ 50, 00 ou mais, há quem não consiga passar dos R\$3,00, o que equivale à taxa cobrada para a barraca e que é paga toda semana pelas feirantes.

Na reunião, discutem-se as ações que podem melhorar o evento: a limpeza do mato que toma conta da praça, a presença de um carro da COELCE³⁴ que deixa a todos atentos, já que a feira usa energia sem autorização da Empresa, a quantidade de crianças que se aglomera nas barracas, a disposição das barracas, a música que tocou durante a feira...

A conversa conta com a presença, além das mulheres, do presidente do Instituto Florestan Fernandes, entidade que atua no bairro e acompanha as ações de Economia Solidária.

Ele me apresenta e explica a minha presença ali: “ela é professora da UNIFOR e está fazendo uma pesquisa aqui no bairro sobre os programas da rádio comunitária”. A referência ao fato de ser professora da Instituição me incomodou pois não estou ali como professora, mas como jornalista e pesquisadora. O fato de a Universidade de Fortaleza ter

³⁴ Companhia Energética do Ceará.

uma presença marcante no bairro - a escolinha, o Núcleo de Assistência Médico Integrada (NAMI), o convênio com a Associação de Moradores - de alguma maneira não me deixavam completamente à vontade para me identificar como professora da Instituição de ensino.

O grupo foi muito simpático, me acolheu, se dispôs a ajudar ouvindo e comentando os programas e então marquei voltar na semana seguinte, um pouco mais cedo, às 18h30 min., para não atrapalhar a reunião que começa às 19h.

4.3.2 Segundo encontro

Cheguei ao local no horário, como combinado. Algum tempo depois chega uma das mulheres do grupo. Conversamos um pouco sobre a feira do sábado e ela comenta que quase não vendeu nada e diz que está “numa maré ruim” porque até na lojinha que mantém em casa tem vendido pouco. Comenta ainda sobre o atraso da coordenadora. Ela é que tem a chave e ficou de chegar às 18h30 min. Depois, chegam mais dois membros. Chegam mais algumas mulheres e a coordenadora aponta na esquina, apressa o passo, quando percebe o grupo que está na frente da casa.

A casa é aberta, o ventilador ligado, aos poucos todos vão entrando e dispendo as cadeiras em círculo. Conversamos um pouco e confesso que estou um pouco ansiosa: quero começar, mas não sei por onde. Temo atrapalhar as atividades do grupo e então proponho apresentar o programa. O grupo ainda é pequeno, o que de alguma maneira me tranqüiliza. Talvez a presença do presidente do IFF me incomode. Passo então o programa, cujo tema é higiene. Muitas delas riem da situação apresentada: a mulher suja que limpa o nariz no vestido, cuja casa está suja e mal-arrumada. A audiência não é silenciosa: fazem gestos, balançam a cabeça em sinal de desaprovação, riem da forma como a história é contada.

A maneira como ocorre a escuta é carregada de significados, pois trata da forma como se percebem no contexto da história narrada, como se identificam como moradoras de um bairro de periferia, como se afirmam como sujeitos, é, como anota Martín-Barbero, um lugar de reconhecimento.

Uma outra dimensão fundamental do popular que revela sua densidade cultural e social no bairro são os processos de reconhecimento como “lugares” de constituição das identidades. Em nossa sociedade, a separação entre tempo de trabalho e tempo “livre”, ou entre trabalho e vida, funciona quase automaticamente como desvalorização do segundo termo. E a maioria dos estudos de sociologia crítica sobre a vida do bairro operam a partir da mesma desqualificação: o bairro como “dormitório” ou universo do familiar e do doméstico, como simples espaço da *reprodução* da força de trabalho. Essa visão, porém, começa a ser desafiada por uma antropologia urbana que, sem cair nas armadilhas da antropologia da pobreza, isto é,

sem renunciar a uma concepção estrutural da diferença e da conflitividade social, descobre que "no trabalho não é fulano ou sicrano, jovem ou adulto, casado ou solteiro, homem ou mulher, e sim apenas um trabalhador, um empregado. E embora essas identidades – sobre as quais se estrutura em larga medida a vida social- possam repercutir na hora de vender a força do trabalho, não é no mercado nem no lugar de trabalho onde elas se constituem e se transmitem, e sim na família e no bairro, onde se mora junto com vizinhos e amigos (PIRES DO RIO apud MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 273- 274).

Depois da escuta, pergunto que acharam: gostaram, comentam que ser sujo não tem nada a ver com pobreza. Uma delas vai logo dizendo que tem gente que é suja só porque é pobre, mas a sujeira não é condição da pobreza. Muitas concordam e reforçam a noção de que existem pessoas que têm aquele comportamento. Pergunto sobre a situação de água no bairro: muitas recebem água normalmente, outras só à noite, outras só pela manhã. Observo então, que o tema da água mereceria uma abordagem mais completa: ninguém sabe explicar o porquê da falta da água; existe um certo conformismo com a situação, pelo que percebo.

A conversa segue dispersa. Fico tensa, não quero forçar a barra e pergunto se já conheciam o programa. Outra mulher menciona o tema de um deles e diz que ouve às vezes. As demais dizem que moram fora da área de abrangência da rádio e por isso não conhecem o programa. A coordenadora então fala sobre a atuação da UNIFOR no bairro: as visitas domiciliares, a importância do NAMI. "O pessoal da UNIFOR vem aqui e abre a boca aqui de um por um para ver os dentes, isso é muito importante", diz. As demais mantêm o tema: falam sobre a presença da UNIFOR no bairro, a Escolinha, a venda de objetos produzidos na comunidade no espaço da Universidade...

Pergunto sobre as lutas de saúde no bairro. Elas não identificam um movimento que articule essas questões. Falam de suas experiências individuais: a dificuldade de conseguir consultas, a ida para a fila de madrugada para conseguir marcar, a ida para postos de saúde mais distantes porque na UNIFOR o atendimento está difícil, mais restrito...

Outro grupo de mulheres chega, o dirigente do IFF também, e comento que já estamos terminando. Elas sugerem que eu apresente o programa mais uma vez para as que ainda não ouviram. De novo, o grupo escuta, entre risos e meneios de cabeça; a postura da vizinha que tem falta de água em casa e uma atitude pouco cuidadosa. Sinto que elas não se identificam com o assunto, ou, por outra, com a forma como ele foi tratado. Riem do nome do menino: Lindon Johnson. Ao final, tento puxar conversa sobre o que ouviram e os comentários são reduzidos; poucas se manifestam. Será o adiantado da hora? Será a presença do Eudes que está a lembrar que a pauta é outra? Será que o assunto mesmo não interessa?

Sinto que a inclusão da UNIFOR na conversa é um pouco uma tentativa de me agradar, de justificar a presença da Universidade no bairro, de valorizar tal presença. Digo que não tenho relação com o programa, que estou ali interessada em pesquisar sobre ele, sobre a opinião delas, mas o fato de ser professora da Universidade talvez me confira uma identidade de quem está próximo do tema e por isso elas se resguardam o direito de comentar o que acham de fato.

Permaneço no grupo para acompanhar as discussões sobre economia solidária. Vejo os depoimentos sobre a feira do último sábado. Mais uma vez, Dália vendeu pouco. Dessa vez Tulipa conseguiu comprar 15 quilos de batata e fez a batata frita que tem tanta saída na feira. O apurado paga a batata e o gás, o que significa que é um investimento para a semana seguinte. Os depoimentos mais ou menos repetem o que houve semana passada. Dália comenta que não gostou do som, a qualidade das músicas mudou. O grupo fala sobre segurança, acerca da limpeza da praça. O presidente do Instituto sugere a preparação de um ofício a ser encaminhado para a Regional, mas que seja entregue pessoalmente. Falam ainda sobre o que fazer para o Dia das Mães. Gérbera diz que está pensando uma forma de ajudar Dália nas vendas (ela vem encontrando dificuldades a cada semana). O dirigente da ONG apresenta o projeto que chegará em breve com recursos do Governo Federal e que poderá ajudar bastante o trabalho do grupo.

A reunião se encerra com a distribuição de um gostoso caldo de carne. Tomo junto com elas, lavo meu copo e me despeço marcando retorno para a semana seguinte.

4.3.3 Sob o impacto da polícia no bairro

Ao chegar à rua Otávio Rocha, onde acontecem os encontros semanais, tomei um susto: um grupo de policiais do Batalhão de Choque da Polícia Militar estava na esquina. Não entendi o que se passava. Segui para o local da reunião, mas confesso que estava assustada.

Faltavam 20 minutos para às sete e a Rosa já estava lá, assim como o presidente do IFF. A Lojinha Dendê Sol também estava aberta. Esse horário no bairro tem forte movimentação de pessoas, especialmente as crianças, que brincam nas calçadas estreitas e tomam as ruas como extensão das calçadas.

As praças aqui têm sua geografia humanizada, as pessoas se apropriam desses espaços, as brincadeiras infantis... tudo me faz lembrar de Martín-Barbero, quando ele se referia a essa arquitetura para humanos no bairro. Senão vejamos:

Mas não um bairro restrito a uma função, tendo pelo menos quatro: residência, oficina, depósito e loja. Ou seja, “uma arquitetura para humanos”, um espaço, que em vez de separar e isolar, comunica e integra: a casa com a rua, a família com a vizinhança, a cultura com a vida. E desse modo “a cultura aqui não é oficial, não transmite informações boas nem más, não é propriedade de ninguém, é um modo de ser, viver e morrer”. E como o bairro em seu conjunto, cada elemento tem também múltiplas funções. A rua não é mero espaço de passagem, e sim de encontro, trabalho e jogo. O pátio das quadras, com tanques de lavar roupa e varais, é local de conversa e conjunto escultórico (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 275).

Já me sinto à vontade com o grupo. Fui chegando e logo perguntando pela feira do dia 07, que antecedia o Dia das Mães. A expectativa delas era grande, pois esperavam vender bastante nesse dia. Era também a data em que o grupo comemorava cinco anos de existência.

A Rosa estava animada, foi sentando e me contando que havia muita gente, que o resultado foi bom. Expliquei então que não poderia ficar naquela noite, tinha um compromisso: levar meu filho ao médico; ele estava com a virose. A menção a esse fato levou a outra conversa: Rosa disse também que sua filha estava doente e que tinha tentado marcar uma consulta, mas só tinha conseguido para o dia seguinte. Falou um pouco, então, que naquela semana tinha levado a outra filha ao dentista. Por um instante, nossa conversa foi sobre a maternidade, acerca de filhos, obrigações domésticas. Gérbera foi chegando e já foi falando também da sua rotina como dona de casa, os afazeres, a faxina que havia feito naquele dia.

Combinei então de voltar na próxima segunda-feira. Crisântemo, que é irmão da Gérbera, também chegou. Ele vende caipirinha na feira e cuida do som.

A nossa conversa, eu, Gérbera, Rosa, Begônia e Crisântemo, aconteceu sem a presença do dirigente do IFF. Ele havia saído. Quando retornou, comentou sobre o que motivara a presença de policiais no bairro: naquele dia, ampla reportagem do jornal O POVO, denunciava que havia algumas áreas do bairro em que quadrilhas rivais estavam cobrando pedágio nos locais onde os moradores estavam se deslocando de ônibus para outras regiões da Cidade.

Conversamos então um pouco sobre esse cotidiano de violência. Havia o desejo de ir no dia seguinte ao jornal propor que fosse feita uma matéria sobre a vida do bairro, deslocada das questões da violência. Comentaram que esse tipo de reportagem é importante, mas que estigmatiza o bairro, especialmente os jovens que buscam opções de inserção na sociedade.

Quando saí, senti um clima diferente na rua. As pessoas pareciam mais animadas do que de costume, talvez pela presença dos policiais no bairro. Quando passei pelos policiais, parei e perguntei a um deles o motivo da ação no bairro. Um deles disse que estavam ali

porque havia quadrilhas que estavam cobrando pedágio em algumas ruas do bairro e estavam para garantir a segurança dos moradores.

Fui embora pensativa. Apesar de saber sobre a violência do bairro e também a respeito da violência que nos cerca em qualquer parte da Cidade, nunca senti medo de ir ao Dendê, mesmo à noite. A reportagem e a ação da polícia me deixaram mais atenta e, ao mesmo tempo, com um certo medo de transitar por aquelas ruas, fiquei a imaginar como estariam se sentindo os moradores do Dendê. No dia seguinte, nova matéria sobre o assunto. Dessa vez, uma entrevista com o delegado da delegacia do bairro.

Como jornalista, sei que é papel da imprensa denunciar os fatos e estimular que as soluções sejam buscadas. De alguma maneira a denúncia fez a comunidade sentir a presença da polícia de forma mais ostensiva, mas a minha questão é que o jornalista faz a reportagem e vai embora dali, mas a comunidade permanece e a referência de lugar violento permanece com eles. Será justo? De alguma maneira, aquela comunidade já tem muitas faltas: de emprego, de água, de condições dignas de vida e chega alguém de fora, para encontrar mais uma falta, a de segurança, que paradoxalmente não é exclusividade do Dendê, mas o tom da matéria constrói a imagem do bairro como de um gueto de violência, como se ali não brotasse uma vida que teima em viver a despeito de tantas ausências. Que identidades aquela matéria estaria ajudando a revelar/construir?

Como essa visão de fora para dentro passa a ser constituidora desses sujeitos? Essa é a pergunta que faço sobre os programas de rádio e que me ocorre repetir diante da repercussão da reportagem de O POVO – na verdade, ela é emblemática do tema que me move nesta pesquisa.

4.3.4 Uma feira de solidariedade

Sábado, dia da Feira da Economia Solidária no Dendê. Queria fazer uma visita há muito tempo, mas nunca dava certo. Neste sábado fui conhecer o que, há algum tempo; só conhecia dos relatos das mulheres do grupo nas reuniões da segunda-feira.

Cheguei por volta das 19h. As barracas estavam todas armadas, iluminadas, o som no meio da “praça” tocava uma música alta. Havia um grande movimento de pessoas no local. A área onde acontece a feira é um terreno grande, e que me parece, está destinado à construção de uma praça. O local é amplo, mas coberto de mato e mal iluminado. São cerca de dez barracas organizadas em “U”: a pescaria da Papoula, os produtos medicinais e artesanato da Orquídea, as bijuterias da Gérbera e da Dália, o artesanato da Begônia (neste

sábado ela também vendia milho cozido); as barracas de alimentação da Amarílis, Violeta e Rosa, Bromélia e das bebidas do Crisântemo e a das batatas fritas da Tulipa. Havia ainda uma barraca onde estava a pessoa que controla o som.

Neste sábado o grupo de *hip-hop* e o pessoal da quadrilha junina faziam apresentações culturais. Não fiquei muito tempo, cumprimentei todos, tomei uma caipirinha na barraca do Crisântemo, observei o movimento e depois me retirei.

Fiquei surpresa com a movimentação na feira. Muita gente, especialmente crianças e jovens que transitam pra lá e pra cá, observam o que tem à venda, examinam minuciosamente as bijuterias, fazem um lanche: vatapá, churrasquinho, bolo de chocolate, tortas salgadas. Há uma variedade de quitutes divididos nas barracas de alimentação.

A praça, antes abandonada, coberta de mato e praticamente sem iluminação, ganha outro *status*, conferido pelo grupo de mulheres: o espaço de lazer do bairro, aos sábados e por isso, espaço de produção simbólica.

Lugar de reconhecimento, o bairro nos coloca na pista da especificidade de produção simbólica dos setores populares na cidade. E não só na religiosidade festiva, mas também na expressividade estética (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 274).

A única chance de divertimento para as crianças na feira é a pescaria organizada pela Papoula. Há uma fila improvisada na barraca, cada uma esperando a vez de fisgar um “peixe” e de ganhar um prêmio.

Saí dali animada: há uma vida que teima em existir e resistir, apesar do estigma da violência. Fiquei também feliz por ter percebido nelas um contentamento pela minha presença. Rosa soltou um sonoro “professora Andréa”, ao me ver; o Crisântemo não queria cobrar a caipirinha...Começo a ter a sensação de acolhimento por parte do grupo. Aproveitei para combinar nosso encontro para segunda-feira, às 18h30 min.

Agora eu reparava que o bairro proporciona às pessoas algumas referências básicas para a construção de um “agente”, ou seja, de uma sociabilidade mais ampla, em que se desenvolve uma espécie de nova institucionalidade que se dá por meio da conjunção de novas relações sociais: as mulheres aqui erguiam suas formas populares de esperança, na feira e na praça, a partir do que era nomeado por elas como economia solidária.

A maternidade social vivida por essas mulheres, que além de construírem um colo, recriador de uma sociabilidade primordial que restaurava o encontro entre as pessoas, agora fazia seu exercício com dimensões inéditas de solidariedade.

Na maternidade social que aqui se exercia, essa saída da família para o bairro, se via o exercício de novas identidades sobrepostas: as mães, vizinhas, agora partilhavam também outras estratégias de sobrevivência; a prática política de coesão coletiva no bairro se erguia ao lado da experiência de pertença afetiva que as mulheres protagonizavam no grupo. A existência múltipla e ativa das identidades se deparava na conflitividade gerada pela violência no bairro, mas também na criatividade que compõem a microestética do cotidiano (os fazeres cotidianos que fazem sentido) e que na praça se vestia também de possibilidade de ganho e sobrevivência.

4.3.5 A loja Dendê Sol

Cheguei perto do horário combinado, eram quase 18h30min, mas a casa ainda estava fechada. Como a lojinha Dendê Sol estivesse aberta, fui lá conhecer o que estava à venda e conversar um pouco. A vendedora fica lá de 9h às 11h30min e de 16h às 19h. Há bijuterias, bolsas, sabonetes e também confecções. As roupas, os *jeans* e blusas não são produções do grupo, mas foram compradas com a intenção de dar mais opções ao cliente.

A vendedora comenta que o movimento está fraco, está vendendo pouco e por isso está recebendo R\$60,00 por mês, mas há promessa de aumento, caso as vendas melhorem.

Conversamos um pouco e a Rosa chega. Ela abre a casa e ajuda na organização das cadeiras, fazendo o círculo, onde normalmente o grupo se reúne. Logo chegam Amarílis e Violeta. O lanche para depois da reunião já está lá: bolo e refrigerante.

Sentamos e proponho que a gente espere mais alguém chegar para mostrar mais um programa *Momento Saúde*. Confesso que neste momento inicial me sinto um pouco deslocada, quase atrapalhando aquelas mulheres que ali estão para conversar sobre a experiência da feira de sábado, respiro fundo e ligo o som. Pergunto se o volume está bom e começamos a escuta. O programa apresentado é sobre amamentação. É a seqüência de um outro também sobre o mesmo tema; na apresentação, fica esclarecido que se trata de uma continuação e a apresentadora retoma em linhas gerais o que foi comentado no programa passado.

Elas escutam atentas: Begônia, Amarílis, Violeta e Rosa. Depois de alguns minutos, Rosa sai da sala para resolver algo com uma pessoa que veio chamá-la na porta. Pouco tempo depois chega Tulipa, fala alto, puxa conversa e só então se dá conta de que estamos ouvindo o programa. Senta-se e também participa. O programa tem 7 minutos.

Partimos então para os comentários. O tema amamentação ajudou a puxar o fio da conversa. Violeta foi logo dizendo: “não sabia que podia congelar o leite materno...” Amarílis fala então da sua experiência de mãe: 14 filhos, sete mortos, alguns morreram ainda crianças. Conta que uma vez sentiu muitas dores no peito; estava amamentando e a patroa da casa em que ela trabalhava levou ao médico, que disse que seria necessário fazer uma cirurgia. Ela se internou, mas fugiu do hospital, continuou amamentando e depois, em outra consulta médica, descobriu que não tinha razão para fazer a tal cirurgia.

Begônia fala da experiência da filha que precisava ser operada e estava com um bebê de quatro meses e, como esta uma vez o fizera, para não deixar de amamentar. Ela então propôs a extração do leite, armazenou e ofereceu à criança enquanto a mãe estava no hospital.

Todas no grupo amamentaram e falaram da experiência com satisfação. Tulipa conta que sua filha, hoje com 7 anos, mamou até os 4 e que ela mesma mamou até os dois anos de idade. Amarílis, que é sua mãe, diz que ela só parou de mamar porque viu o irmão recém nascido fazendo o mesmo.

Tulipa fala sobre sua família. Teve cinco filhos, uma “barrigada de duas”, quer dizer, teve gêmeos, duas meninas. Uma delas morreu antes de completar um ano. Pergunto o que houve e ela narra com detalhes a noite em que a filha faleceu depois de uma queda de cima da mesa. Já era noite e ela pôs a criança para dormir, sem saber que deveria deixá-la acordada em razão da queda.

É uma história carregada de imagens: ela balançando a filha na rede, o choro da criança, o marido que chega depois do trabalho e se surpreende com o estado da filha, a morte às 4h da manhã...

Senti que naquela noite o grupo estava sintonizado noutra questão: a maternidade. Como esse tema faz com que a gente fale, fale, fale, todas tinham uma história para contar. Falar da sua experiência. Interferi pouco.

Fiz umas perguntas sobre a linguagem do programa, todas acharam fácil, acharam o tema interessante, quase surpresas de ter um programa assim na rádio, com um tema que poderia interessar a elas.

O programa diz que não se deve recorrer às mães de leite porque muitas doenças são transmitidas pelo leite materno. Perguntei se ainda há mães de leite. Elas foram categóricas: sim, ainda há. Amarílis foi mãe de leite há quase 30 anos. Amamentou o filho de uma amiga da patroa que não tinha leite. Violeta conta que, quando amamentava a filha, ficava com a filha de uma amiga que teve que voltar ao trabalho: quando a criança chorava, ela oferecia água, chupeta, a mamadeira e nada, então ela amamentava a criança, porque disse

que “tinha pena daquele choro”. Quando a amiga chegava, contava que tinha dado o peito, mas pedia para ela não contar para ninguém.

Ficamos ali, conversando, falando das nossas experiências e eu disse que a nossa parte já estava concluída. Elas conversaram sobre algumas outras coisas, o presidente do IFF chegou e a reunião então teve início.

Rosa começou comentando o fato de a feira estar terminando depois das 22h e no sábado chegou em casa depois da meia-noite, já que foi guardar as barracas. Disse ainda que ficou constrangida porque ficou na casa sozinha com o homem que desarma as barracas e teria sentido um certo medo, ao ponto de ter ido esperar lá fora, porque, segundo ela, “lá fora ele não teria como pegá-la”.

O dirigente do Instituto pede para dar os informes porque vai ter que sair mais cedo. Fala então sobre a reunião que aconteceu para discutir os apoios do Governo federal e municipal aos projetos de Economia Solidária, sobre o curso de cooperativismo, o intercâmbio de experiências que vai acontecer em São Paulo com pessoas de vários projetos de Economia Solidária.

Rosa propõe ainda que Begônia leve um ofício para a Regional, solicitando policiamento para a área da feira. Ela conta ainda que no sábado recebeu a presença de um grupo de alunos da UNIFOR que está fazendo um jornal sobre o bairro e que foram lá fazer fotos da feira.

Amarílis diz que não permanece depois das 22h porque fica muito cansada. Falou que o som estava muito alto e que não gostou da quadrilha “desse negócio de homem dançar com homem”. Disse também que não acha certo pedirem dinheiro a elas para pagar o homem que consertou a iluminação, já que haviam combinado que não teriam que pagar mais nada durante a feira.

Begônia comentou sobre o movimento, gostou, vendeu bem o milho. Dália comenta que o homem que desarma as barracas é mole e por isso demora mais para encerrar as atividades e comentou que o som estava muito alto.

Papoula confirma a necessidade da feira terminar às 22h e diz que não acha certo voltar atrás no combinado de não fazer cobranças de dinheiro durante a feira e que as atrações culturais deveriam ter contribuído também. Ela diz que sabe ser preciso pagar a pessoa que consertou a iluminação, mas é contra fazer isso na feira. Por que não deixar para a reunião da segunda-feira e fazer isso com a arrecadação da lojinha? - questiona. O seu questionamento foi bem aceito pelo grupo e várias delas concordaram com a argumentação.

Orquídea também reforça os argumentos de Papoula quanto ao pagamento e comenta sobre o horário. Também acha que é necessário encerrar no horário combinado, às 22h.

Está na reunião um jovem representante do grupo de *hip-hop* que agradece o espaço para apresentação do grupo, mas faz algumas ressalvas quanto ao tratamento que teve da pessoa do som, que para ele não equalizou direito o som, e teve uma atitude preconceituosa com o grupo. “A gente quer passar uma idéia através da dança e da música”, explica.

Eu estava ao lado dele e, quando ele terminou de falar, Tulipa já foi iniciando o seu relato, mas foi interrompida pela Orquídea, que disse, se referindo a mim: “acho que você deve falar, afinal você também estava na feira”. O comentário me pegou de surpresa, mas me deixou contente. Senti-me parte do grupo.

Fiz uns comentários mais genéricos: falei que tinha ficado surpresa com a quantidade de pessoas, especialmente crianças e sobre a movimentação da feira.

Tulipa comentou o apurado, informou que não irá à próxima feira, pediu desculpas a Rosa por tê-la deixado sozinha com o homem da barraca e reforçou a necessidade de terminar no horário.

Rosa falou então sobre a comemoração dos aniversariantes do mês de maio, muitas reagiram dizendo que se estava comemorando uns e outros não. Então o grupo resolveu que iria comemorar o de todas de janeiro a maio.

Ofereci-me para levar o bolo, o que percebi, deixou todas muito empolgadas. Depois conversaram sobre quem traz o que pra comer e beber. Senti uma animação que ainda não tinha observado no grupo. Comentaram ainda sobre a idéia de em junho usarem blusa colorida e chapéu de palha, numa alusão à festa junina.

Violeta então comentou com a Orquídea, (a qual estava grávida), que o programa que ouvimos é sobre a amamentação e que poderia interessar-lhe. Ela pediu para que eu colocasse de novo e todas ouviram novamente, mas de maneira dispersa; o lanche já estava servido.

4.3.6 Encontro sobre vacinação

No horário combinado, chegaram apenas Tulipa, Dália, Amarílis e Violeta. O programa apresentado era sobre vacinação. Este programa não utiliza o recurso do radioteatro. Tem ênfase no conteúdo, no sentido de “despejar” um monte de informação sobre a importância de se vacinar as crianças. A discussão não fluiu. Foram relatos esparsos sobre as

experiências como mãe. Amarílis, por exemplo, conta que manteve a vacinação de todos os filhos em dia; sempre.

Considero o programa um pouco confuso, a forma como as informações foram apresentadas não contribui para que haja uma interação com quem ouve.

Na verdade, o grupo todo estava disperso naquele dia. Havíamos combinado de fazer a comemoração dos aniversários de janeiro a maio e elas me incluíram na lista das comemorações (faço aniversário em fevereiro). Na divisão de quem leva o que, combinei de levar o bolo.

Neste dia, também retorna Azaléia, fundadora do grupo, mas que estava ausente. Ela agora trabalha para o Instituto Florestan Fernandes como apoio às capacitações e às feiras. Na sua fala, ela frisou algumas coisas sobre o trabalho de Economia Solidária: “Trabalhamos não só visando o dinheiro, mas visando o carinho, o que me prende ao grupo é esse lado, essa família que eu criei”.

A avaliação sobre a feira foi bem positiva. Todas venderam bem. A esposa do presidente do IFF avisa que ele não vai participar da reunião. Gérbera informa que na sexta-feira, na praça, acontece o bingo de um telefone celular, organizado pelo pessoal da Rádio Comunitária. Ela diz que ele convidou as mulheres para colocar a feira naquele dia e, segundo Gérbera, é uma forma de agradecer ao que um dos diretores da rádio fez pelo grupo. Antes ele era o responsável pelo som da feira. Depois que ele saiu, Crisântemo ficou com essa tarefa.

Chegam, no horário combinado, Begônia, Tulipa, Rosa e Antúrio, que logo ao começar o programa sai da sala para fumar. Chegam depois Bromélia e Jasmim. O tema do programa é violência. São apresentados vários casos de violência: negligência, mãe que bate nos filhos, violência psicológica, violência sexual. Elas estavam muito atentas.

Quando perguntei o que tinham achado, o tema da violência sexual tomou conta da conversa. Lembraram do Michael Jackson, de casos que já tinham acontecido no bairro.

Lembraram ainda de como apanharam na infância e mencionaram frases como “eu guardei um ano para descontar num dia”, escutadas das mães que diziam ao bater nos filhos.

Aproveito para tocar no tema da violência no bairro: como eles percebem esse cotidiano?

Azaléia tem tendência de monopolizar a fala. Já vai dizendo sobre o caso da criança que morreu de uma bala perdida. E emenda: - “A mídia quando vem, escancara-: aqui é uma favela, só tem marginal. A polícia sabe onde tá o traficante, sabe onde são as bocas de fumo e não toma providências. Violência tá na Aldeota, mas isso não sai na mídia”.

Gérbera diz que não acha que tenha gangue no Edson Queiroz. Tem alguns lugares considerados mais violentos: rua do Jucá, rua do Gelo, Baixada e há ainda a gangue do Cravo. Ela diz que “cansa de ver cidadão apanhar e não vê marginal apanhar”.

Esse tema mobiliza. Muitas são as opiniões. Aproveitando a presença de dois jovens no grupo, eles são do movimento *hip-hop*, pergunto o que acham. O jovem do *hip-hop* então dispara: “a polícia foi criada para oprimir a gente, *as pessoas periféricas*”.

Depois da discussão, Rosa retoma à reunião dando informes como a situação da loja Dendê Sol. Há a proposta de criação de uma cooperativa. Azaléia chama para uma reunião específica para tratar do tema da loja.

Rosa pede, espontaneamente, que todos cheguem cedo para ouvir os programas e informa que na feira no dia 18/06 haverá a presença de convidados, assim como, na do dia 25, estão pensando em fazer uma festa junina com a presença de sanfoneiro.

Um casal que vende trabalhos artesanais em *biscuit* participa da reunião pela primeira vez. Eles querem participar do grupo. Azaléia explica como funciona o grupo, o papel da Economia Solidária etc.

Na avaliação da feira do sábado anterior, Jasmim diz que viu um jovem armado e não avisou porque ficou com medo. O grupo repreendeu a atitude. Ela deveria ter avisado para que providências sejam tomadas. Havia a presença da Guarda Municipal.

O jovem está querendo fazer uma rifa para que os jovens do *hip-hop* tenham materiais para colocar à venda. Quer também fazer um palco para as apresentações do grupo.

4.3.7 Encontro sobre a cólera

O programa apresentado foi sobre cólera. Achei o fundo musical completamente inadequado. Estavam presentes Begônia, Azaléia, Rosa, Tulipa, Jasmim e Dália.

O programa conta a história de uma moça com muita dor de barriga, cocô mole e esbranquiçado e que a mãe leva para o NAMI. Lá são feitos exames e a médica diagnostica cólera.

Depois são apresentados os procedimentos para se evitar a doença, a importância do cuidado com a água consumida etc.

Elas acharam importante o tema, mas Tulipa e Rosa acharam o programa nojento porque falava de cocô. Azaléia comenta que talvez a linguagem usada seja para facilitar a compreensão do tema. Todas falaram da importância de se reforçar os cuidados com a limpeza.

Pergunto se elas lembram de ter tido casos de cólera na comunidade. Dizem que na década de 90, quando houve uma epidemia na Cidade, sim, mas atualmente não. Lembram de uma situação que necessita de mais informação: gravidez na adolescência. Elas dizem que há muitos casos no bairro e que cada vez mais cedo as meninas estão engravidando.

As outras pessoas foram chegando aos poucos. Decidiram que na quinta farão uma limpeza na praça e que, no sábado cedo, farão a decoração para a festa junina.

Outra pessoa que quer vender pastel e coxinha aparece na reunião, mas Azaléia explica que, por enquanto, a prioridade é para as mães dos jovens que estão participando da capacitação do Instituto Florestan Fernandes.

Dália, que está com problemas de saúde na família, participa da reunião depois de um breve intervalo nas atividades. Disse que sábado participa da feira.

No final da reunião chegaram duas pessoas: vêm falar sobre a festa de 25 anos do bairro que acontecerá no dia 17 de setembro, com apoio do SESC, FUNCI, Sindicato dos Cartórios e alguns cursos da UNIFOR.

Como a festa será o dia todo, querem saber se o grupo vai participar durante o dia ou só com as barracas à noite. Informam que terá casamento coletivo no civil e religioso, possibilidade de tirar documentos etc. Lembram também que no dia será lançado um cordel com a história do bairro, feito pelo cunhado da Papoula.

Antes deles se despedirem, me apresentam como pesquisadora, que está ali acompanhando o trabalho delas; falo um pouco sobre a pesquisa e eles vão embora.

4.3.8 “Encontro Solidário”

Durante a pesquisa na comunidade, fui convidada a participar da produção de programas radiofônicos para o Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Aproveitando a coincidência, apresentei para o grupo o programa Encontro Solidário, produzido por mim, com apoio de amigos da Rede de Comunicadores Solidários, da qual faço parte.

No programa há uma entrevista com a Gérbera, que fala da experiência de fazer parte de um grupo de Economia Solidária. Elas se entusiasmarão ao ouvir a voz da amiga. A Gérbera não havia chegado quando apresentei o programa. Ao final da reunião, depois da avaliação da feira do último sábado, ela pede que eu coloque o programa novamente. Faço isso. Ela se emociona ao ouvir a própria voz: “nunca pensei que a minha voz pudesse estar aí, num CD para todo mundo ouvir”. Percebo nesta situação, que a mim parece uma metáfora até então nas audições: o que falta no programa *Momento Saúde* é a “voz da comunidade”. O

grupo ficou feliz ao ouvir a colega e Gérbera; emociona-se ao se escutar. Por que não levar isso para o rádio? Começo a pensar na possibilidade de estimulá-las a produzir um programa de rádio.

A forma como se comportaram elas ao se ouvirem demonstra um desejo de participação em uma experiência de comunicação. Percebo que o meu papel como pesquisadora ficaria incompleto caso não propusesse ao grupo pensar em produzir um programa radiofônico.

4.3.9 Um programa com as mulheres

Apresento a idéia de fazer o programa de rádio. O grupo gosta e concorda em participar. Combinamos de fazer isso em agosto, já que estamos em julho e muitas delas teriam que se ausentar, assim como eu.. Elas fazem a avaliação da feira e há comentários sobre a violência nas feiras.

Após o mês de julho, retomamos a idéia do programa. Eu apenas demonstrei a viabilidade e logo elas passaram a discutir os meios de fazê-lo. Discutimos as idéias, os temas e combinamos de, na próxima segunda, fazer uma simulação para ver como poderá ser o programa. Crisântemo, que cuida do som, na feira, se oferece para trazer o equipamento dele: caixa de som, um microfone e um gravador. Combino de pegar na segunda, antes da reunião.

4.3.10 Fazendo a experiência

Pego Crisântemo e o equipamento. Montamos tudo e todos se preparam para apresentar o programa. Ainda não há decisão sobre o nome do programa, nem se terá uma música de abertura.

Azaléia toma a frente. Será a apresentadora e o tema será sobre Economia Solidária, o que todos acham o mais indicado, visto que o grupo é de Economia Solidária.

Ela abre o programa perguntando sobre o que cada um acha sobre Economia Solidária. Todos respondem, algumas riem, outras gaguejam, mas todas falam. O diretor da Rádio Comunitária Edson Queiroz que também participa da reunião, dá o seu depoimento. A Gérbera também é apresentadora. O diretor dá idéia de como fazer o programa.

A escuta do programa fica para a próxima reunião e a estréia está marcada para quarta-feira, 14 de setembro.

Conversamos sobre os nomes e sobre como fazer. Percebo que elas esperam de mim algumas orientações, mas não quero dar o sentido. Fico mais de espectadora e elas então acabam decidindo o nome: *Força da Mulher Solidária* e a música tema será *Maria, Maria*, de Milton Nascimento.

4.3.11 Avaliação

Escutamos os programas e todos gostam. O presidente do IFF estava presente e se surpreende com o resultado. O grupo também se admira do que conseguiu realizar. Todas agradecem a minha participação. Combinamos então de começar o programa no dia 14/09.

4.3.12 Construindo o projeto

A abertura da reunião é feita pela Gérbera. Ela propõe fazer uma oração e faz referência ao fato de que tem participado de outras reuniões e nelas o pessoal faz um momento dedicado à prece. Ela faz uma oração emocionada, uma leitura bíblica sobre “as mulheres e a dádiva” e depois Rosa sugere que todos rezem a *Ave Maria*. Hoje vai ter a comemoração dos aniversários de setembro: Azaléia, Bromélia, Violeta e Papoula. Levo um bolo para o lanche. Todos levam alguma coisa para o lanche: bolo, refrigerantes, sanduíches etc.

Depois os comentários são sobre a violência. Na feira de sábado, houve brigas de torcidas e entre famílias, na feira havendo até troca de tiros. Azaléia, ao voltar para casa, percebe esse clima e se assusta. Praticamente todas relatam algo parecido.

Azaléia organiza um abaixo-assinado e desabafa: “Fico triste quando vejo essa moleza de vocês. O problema da segurança não é do Instituto (se referindo ao Instituto Florestan Fernandes), mas dos órgãos públicos. Por isso estou fazendo o abaixo assinado para pedir segurança para a nossa feira”.

No final, a pergunta: quem vai participar do nosso programa? A Rosa e o Cravo se oferecem para fazer o programa de estréia, cujo tema seria economia solidária. Vibrei. Achei o grupo muito propositivo – sua reflexão crítica parece sempre necessitar vir secundada por propostas concretas. Paulo Freire nomeia “inédito viável” aos possíveis que a esperança vislumbra e faz acontecer. Os atos-limite são os que provocam mudanças nas situações-limite e propõem mudanças; como eu estava a ver acontecer com o grupo.

4.3.13 O primeiro programa

Quando cheguei à Rádio Edson Queiroz, a Rosa estava me esperando. Conversamos um pouco e subimos para a rádio. O diretor se admira quando nos vê. Havia esquecido da estréia. A Rosa não havia preparado nada. Ele então dá umas dicas: a necessidade de se planejar algo, pensar sobre o que se vai falar; sugere que se escolha umas dicas de saúde, uma receita, se comente como foi a feira etc. A idéia, segundo ele, é que as pessoas pensem: “aquelas mulheres da praça já estão na rádio”!

Pensei que eu já fazia uma idéia da necessidade de um planejamento *a priori*, no entanto, aquele grupo estava a construir junto os conteúdos críticos de seu percurso, criando sua metodologia do caminhar.

Rosa começou por escolher um ponto de partida: informações norteadoras do que estavam fazendo e vivendo no coletivo do grupo. Rapidamente, organiza umas idéias no caderno e o diretor anuncia que todas as quartas-feiras, às 19h30min, estará no ar o programa *A Força da Mulher Solidária*, programa do grupo de mulheres de Economia Solidária do bairro. Passa o microfone para a Rosa e ela se sai muito bem. Dá boa noite, se apresenta e reforça que toda quarta-feira estará no ar para falar de coisas interessantes para todos. Faz uma pequena entrevista com Cravo sobre o que ela está achando de participar do grupo, já que é a mais nova participante. Ficou bem espontâneo e interessante, embora curtinho. Rosa observa a importância de se planejar o programa com alguma antecedência. O diretor empresta alguns CDs e combinamos de, na segunda-feira, deixar a coisa mais *estruturada*. O que seria estrutura para o grupo no contexto concreto do programa em gestação?

4.3.14 Confraternização

Hoje é dia de comemoração. O grupo vai comemorar o aniversário da Violeta. Eu levei o bolo. Todas levaram alguma coisa para a comemoração.

Uma artesã quer participar do grupo, mas ela vai produzir pastel para vender na feira. Há ainda a idéia de fazer feira na sexta-feira e no domingo como forma de ocupar espaço e também de possibilitar que novas pessoas participem ou ainda estimular as mulheres que na feira aos sábados vendem artesanato, para que na sexta-feira levem lanches e pratos quentes, já que há muita procura por produtos alimentícios na feira.

Azaléia comenta sobre a idéia de fazer uma associação de produtoras para abrir a lojinha. Segundo ela, a idéia de cooperativa é muito complicada, por isso a intenção de organizar uma associação.

O grupo todo está muito animado com a movimentação provocada pelos três dias de festejos que aconteceram por ocasião do aniversário do bairro: houve feira nos dias 16, 17 e 18. Todas comentam como foram importantes a segurança e a limpeza na praça, mas observam sobre o lixo que fica após a feira. “É preciso levar mais sacos”, dizem. Rosa já pensa em aproveitar o programa de rádio para falar sobre o lixo.

4.3.15 De novo, a violência

O tema da violência volta ao centro da conversa. O motivo é simples: a torcida do Fortaleza abriu uma lojinha em frente à feira e a inauguração foi sábado. Resultado: muita gente, fogos, bomba e muito medo. As torcidas rapidamente se mobilizam e o que poderia ser uma coisa bem saudável pode virar uma guerra. Uma delas mesmo disse: “Aquilo não é mais torcida, é uma gangue”. Azaléia se prepara para ir conversar com as torcidas e acabar com a confusão. Muitas tiveram medo e saíram da feira mais cedo. Ela é categórica: “não vamos deixar nada nem ninguém acabar o que nós levamos cinco anos para construir”. Há muita indignação, mas nenhum conformismo. Outros relatos sobre violência no bairro são contados: carros abandonados, assaltos...Copo-de-Leite conta um caso de infidelidade e durante alguns minutos o grupo fica absorvido no caso de traição do morador do bairro.

Dois casos de doença: Amarílis está com o pé doente. Foi para o rezador e ele mandou ela tomar uma injeção de benzetacil. Azaléia brinca: “tem que ir é para o médico. Quem já viu rezador receitar medicamento?” A filha da Rosa também está doente. Uma infecção no couro cabeludo provocada por xixi de gato. Fez um remédio caseiro que ensinaram e ela piorou. Está internada no Luis de França da Francisco Sá, há vários dias.

Se das outras vezes elas falavam de soluções do saber tradicional com empolgação, agora parecia emergir o choque entre o remédio caseiro e a Medicina tradicional. Poderíamos ver que, na verdade, o rezador saiu de sua função de veiculador de um saber que pertencia a um domínio específico e adentrou na seara da Medicina formal? Poderíamos constatar que havia uma lógica que, como na reflexão sobre a violência, não era identitária, mas lidava amplamente com a categoria dialética da contradição?

Todos gostaram da feira, mas se referiram ao movimento exagerado provocado pelas torcidas. Diz a Papoula: “Começou bem bonzinho, depois me vi aperreada”.

Azaléia sugere a Lavanda que arrume melhor a barraca, tenha mais cuidado com a higiene. Lavanda aceita a observação. A feira parece ser algo que vai tecendo – como o programa também, só que mais lentamente – a maternidade do grupo para com as propostas vivenciadas no coletivo.

4. 4 O Programa *Momento Saúde*

O programa *Momento Saúde*, como vimos, é apresentado às terças-feiras em duas edições, uma às 10h e outra às 16h; tem duração variável de 10 minutos e é uma produção das estudantes de Enfermagem da Universidade de Fortaleza, sob a supervisão de uma professora do curso.

A idéia do programa surgiu em 2002 e partiu da mencionada docente, que acompanha as visitas domiciliares realizadas pelo Curso e pelo Núcleo de Atenção Médica Integrada, NAMI junto às famílias do Dendê e teve a iniciativa de buscar um espaço na emissora como reforço para as ações desenvolvidas nas visitas.

Os temas são decididos pela equipe de produção que, muitas vezes, leva em conta assuntos que precisam ser mais bem trabalhados na comunidade. Cada equipe, formada por quatro a cinco estudantes, tem o compromisso de preparar e apresentar quatro programas, já que há um rodízio entre os alunos da disciplina Estágio I e o objetivo da professora é que todos passem pela experiência. “Muitas dessas alunas vão trabalhar no interior, nos Programas de Saúde da Família, então insisto que é importante ter um contato com o rádio para que elas possam estar preparadas para o que vão enfrentar como profissionais”, argumenta a professora responsável.³⁵

O *Momento Saúde* tem caráter informativo, embora não possa ser definido como um programa de notícias sobre saúde. A abordagem dos temas é feita a partir do radioteatro, gênero caracterizado pela introdução das mensagens consideradas necessárias na manifestação dos personagens.

Uma história pode oferecer a estrutura para a compreensão – ou pelo menos para a interpretação – dos eventos da vida. Em geral funciona como um espelho em que podemos ver a nós mesmos – nossas ações, motivos e defeitos (MCLEISH, 2001, p. 179).

É também um formato que pode apresentar uma reflexão sobre a realidade, ajudando a posicionarmo-nos criticamente sobre uma situação ou um problema. Em muitas

³⁵ Entrevista realizada com a professora, no dia 05/11/04, na Rádio Comunitária Edson Queiroz.

emissoras de rádio, especialmente as comunitárias, esse formato recebe o nome de *drama*, justamente por partir de uma situação real, por exemplo, uma briga familiar ou de rua e que é encenada no programa com a participação da comunidade. “A importância de apresentar estas brigas no rádio é que elas nos permitem conversar e debater sobre cada um desses casos para tirar conclusões e melhorar nossa vida” (*Viva a Vida no Rádio*, 2000).

Para Vigil (1997), o gênero dramático é uma imitação da vida e prende nossa atenção porque valoriza justamente as dimensões que costumam ser sonegadas quando se pensa em aquisições de informações. A dimensão do sentir, a ética, a moral, a transcendência, a cultural, por exemplo, costumam ser ocultadas por pensarmos que o sujeito epistêmico é apenas um intelecto que pensa.

A idéia de pensar-se um sujeito multidimensional em educação foi posta com vigor muito recentemente. Também em comunicação, aponta-se com mais consciência agora a produção de sentidos que é realizada nos meios e suas mediações. Produzir sentidos, como vimos refletindo, é produzir subjetividades. Em última instância: transformações nos sujeitos.

Desde las máscaras africanas hasta los niños calzando los zapatos de los papás, el hombre se descubre como un animal de imitación. Repetimos lo que vemos. Lo reinventamos. Nos desdoblamos. Nos disfrazamos. A todos nos encanta actuar y ver actuar. El género dramático atrae como el espejo, tanto para los actores como para los actuados, porque en las vidas ajenas reflejamos la nuestra (VIGIL, 1997, p. 140).

O programa, no entanto, não tem personagens fixas ou estrutura narrativa permanente. Dependendo da equipe de produção, a trama pode ser seqüenciada e as personagens aparecerem mais de uma vez.

As histórias apresentadas são curtas e, ao final, apresenta-se um conjunto de informações sobre a temática abordada, uma espécie de síntese que assume certo ar de “moral da história”, muito comum nas fábulas infantis.

Há ainda programas que não são no formato mencionado há pouco. Eles assumem um caráter meramente informativo, com uma visão bem conteudística do problema apresentado. Sabe-se que o formato radiofônico se articula e resulta por servir a concepções de recepção específicas. Vê-se, então, que se tem uma visão que dissocia conteúdo e método e, ainda, não parece se dar conta de que a maneira de fazer (de levar ao ar) os programas supõe formas de se pensar também o sujeito receptor. Pressupõe também um modo de se tratar a informação destituindo-se seu caráter de construção, sua perspectiva interessada, seus vieses culturais, seu contexto de fala e escuta.

[...]essa investigação tematiza explicitamente a particular capacidade do rádio para *mediar o popular* tanto técnica quanto discursivamente. Levando-nos, assim, à pista que, rompendo a obsessão pelas estratégias da ideologia, nos permite indagar como pôde o operário encontrar no rádio uma orientação para a existência nas cidades, e o migrante, por sua vez, modos de se manter ligado à terra natal, e a dona de casa, um acesso às emoções que de outro modo lhe são vedadas. E como isso acontece porque o rádio fala basicamente o *seu* idioma – a oralidade não é mera ressaca do analfabetismo, nem o sentimento é subproduto da vida para os pobres – e a informativo-instrumental, pode ser e é algo além do mero espaço de sublimação: aquele meio que para as classes populares “está preenchendo o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais na construção de sentido (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 315).

Nesses casos, o tema é apresentado sem qualquer preocupação com uma abordagem mais leve ou mais lúdica.

4.4.1 Roteiros dos programas

Os programas escolhidos para esta análise foram veiculados durante o mês de setembro e outubro de 2004 e abordaram temas como amamentação, violência doméstica, higiene dos alimentos, leptospirose, doenças sexualmente transmissíveis e vacinação. Alguns programas usaram do recurso do radioteatro, outros, porém, apresentaram o tema por meio de um programa informativo.

Observamos nos programas mencionados que as questões da saúde são tratadas como um conhecimento quase que exclusivo de profissionais da área. O discurso recorrente é de que as pessoas precisam ir ao Núcleo de Atenção Médica Integrada, NAMI, que pertence à Universidade de Fortaleza e atende ao bairro.

Como já exposto, optamos por apresentar na íntegra as transcrições de seis edições do programa *Momento Saúde*.

a) **PROGRAMA MOMENTO SAÚDE**

TEMA: HIGIENE

TEC Música Abertura.

LOC Bom dia pessoal! Que dia lindo, que sol maravilhoso! Nós somos um grupo do curso de enfermagem da UNIFOR, da disciplina Estágio Supervisionado I. Através de um radionovela vamos apresentar uma situação em que vale a pena questionarmos a importância da higiene e os benefícios que ela pode trazer.

LOC Dona Chica vai à casa de Donana e...

TEC (bate palmas)

FILHA: o que é que a senhora quer, tia?

DONA CHICA: Cadê tua mãe? Eu vim pegar açúcar.

LOC Chica responde.

FILHA: A mãe está no banheiro.

LOC Nisso Donana aparece assoando o nariz com as mãos e passando as mãos na roupa

TEC Efeito de pessoa se assoando

LOC Chica observa a vizinha e comenta:

DONA CHICA: Mulher, tu sai do banheiro, não lava as mãos, e ainda esfrega o catarro na roupa, tu não sabe que sujeira transmite doenças?

LOC Donana responde:

DONANA: Chica mulher, *tu só que ser as pregas agora*, depois que começou a trabalhar agora na casa da Doutora do NAMI, só quer ser o que não pode. Tu não sabe que aqui em casa nem água tem.

LOC Chica continua:

DONA CHICA: Não tem porque não quer, porque tem preguiça. Por que tu e teus filhos não pegam água lá em casa? Para mim não faz diferença, nem talão eu recebo para pagar.

LOC Aborrecida Donana fala:

DONANA: Chica, mulher, deixa de conversa e pega logo o açúcar em cima da mesa e vai-se embora, vai.

LOC Chica se aproxima e não acredita no que vê:

DONA CHICA: Donana, tu não sabe que sem água não tem limpeza? Olha a imundice que está a tua casa, a pia cheia de louça de ontem, os bicos das mamadeiras mofadas, é preciso lavar esses bicos com água e sabão e ferver essas mamadeiras, e trocar os bicos sempre que tiverem velhos. Ainda bem que o Lindonjson só mama, por que se tivesse usando esses bicos já tinha morrido de diarreia.

BEBÊ: Ué, ué, ué.

FILHA: Tia, a rede do Lindonjson está cheia de cocô.

TIA: Ah, estou ocupada menina. Hoje o Neco vai pedir a mão da Belinha, chama a tua mãe.

FILHA: Mãêêê, vem limpar a rede do Lindonjson que está uma catinga.

LOC Donana aborrecida, joga o menino na cama, passa um pano na rede, vira a rede para o outro lado, enrola o menino em uma fralda que já estava estendida na corda, e joga lá o Lindonjson novamente na rede suja.

DONA CHICA: Donana, tu tem coragem de colocar esse menino nessa rede suja, tu não sabe que isso faz mal, transmite doença? Por isso que esse menino vive cheio de coceira, e tu ainda diz que o remédio do doutor não serve.

LOC Donana não dá importância ao que a vizinha fala e diz:

DONANA: Chica, mulher, tu está chique demais, nem parece que mora aqui no bairro, pega teu açúcar e vai embora e pára de encher o meu saco.

DONA CHICA: Donana, tu tem coragem de dar esse açúcar cheio de formiga para os teus filhos? Sem falar nos ratos e baratas que passaram a noite andando por aqui; tampa essa vasilha.

LOC Bem, diante do exposto que acabamos de ouvir, observamos que saúde e higiene caminham juntos, não dá para promover a saúde sem a higiene ambiental e pessoal: hábitos saudáveis, vacinação, evitam doenças como verminose e a vacinação, nós sabemos, é importante, pois previne as doenças, evita também coceiras. Então é importante que as pessoas da casa usem as roupas separadas, roupa de cama, toalhas, lençóis, e que lavem essas roupas pelo menos uma vez por semana, e quando tiver alguém gripado em casa com alguma doença, separe os copos e utensílios. Bom dia e obrigada.

b) PROGRAMA *MOMENTO SAÚDE*

TEMA: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

TEC Música de abertura

LOC Bom dia ouvintes da rádio comunitária. Estamos mais uma vez com o programa *Momento Saúde*. Primeiramente gostaríamos de agradecer a todos os moradores desta comunidade que participaram do evento Ação Cidadania Dois, pois vocês são importantes colaboradores para este acontecimento.

LOC A radionovela de hoje traz um novo assunto e acreditamos que seja do interesse de todos vocês. Estamos aqui para alertar a todos sobre a violência doméstica. Este tipo de violência como todos nós sabemos, acontece dentro das nossas casas principalmente com crianças e adolescentes. Vamos falar sobre alguns casos que acontecem no nosso dia-a-dia e logo depois definiremos qual o tipo de violência que estamos enfocando para que vocês tenham conhecimento e possam detectar quando acontecem. Então vamos ao primeiro caso:

LOC Raimunda é a mãe de Lucas que tem 11 meses, Marcela que tem 12 anos, Raimunda sai para casa e deixa Marcela tomando conta de seu irmão Lucas. Ela não sabe cuidar dele, ela só sabe assistir televisão o dia inteiro, não sabe cozinhar e nem sequer sabe dar banho

em seu irmão. As horas do dia vão passando. Lucas chora o tempo todo e Marcela não pára de assistir televisão, ela não dá atenção ao irmão. Será que Lucas está com fome, ou será que Lucas está com a fralda suja?

LOC Bem pessoal como vocês ouviram, Marcela passa o tempo todo assistindo televisão e esquece até que tem um irmão de apenas 11 meses, que não sabe falar, nem andar. Cabe à mãe então, explicar a filha mais velha quais os cuidados que se devem ter com a criança, a hora de alimentar, de banhar, dormir, entre outros. Esse tipo de violência doméstica é que chamamos de negligência, ou seja, acontece quando uma pessoa deixa de dar os cuidados necessários à criança.

LOC: SEGUNDO CASO – Maria sai todos os dias pela manhã para deixar os seus filhos na escola e fica apenas com o Carlos que tem três anos. Enquanto Maria faz o almoço, Carlos brinca com os seus amiguinhos na calçada de sua casa. As horas vão passando e Maria começa a ficar chateada por que não vai dar tempo de terminar o almoço antes de buscar as crianças na escola. Chama Carlos para tomar banho e ele não responde, depois de 5 minutos ela chama novamente, e ele também não responde, pois está entretido brincando com os seus amiguinhos. Quando ela chama pela terceira vez e Carlos também não responde, ela puxa pelos cabelos e dá várias “cinturãozadas”, chineladas e mãozada na frente de todos os vizinhos, a criança chora desesperadamente.

LOC Como vimos neste caso a criança é agredida pela mãe de forma bruta e grosseira. É o que conhecemos como violência física, onde o adulto agride a criança com objetos deixando marcas vermelhas ou hematomas por todo o seu corpo. A mãe que agride fisicamente seu filho nunca assume que bateu, então cabe aos vizinhos denunciarem ao SOS Criança aquele caso para que as autoridades competentes possam tomar providências.

LOC: TERCEIRO CASO – Kátia é mãe e todo dia ensina as tarefas de casa passada pela professora ao seu filho José que tem nove anos. José gosta de estudar, mas às vezes não consegue fazer algumas questões e pede ajuda a sua mãe, mesmo quando a mãe ensina, José ainda tem dúvidas e não consegue aprender. Kátia, com raiva chama José de burro várias vezes. A criança chora e a mãe diz: “Está chorando porque é burro não sabe de nada”.

LOC Bem pessoal este tipo de violência é que chamamos de violência psicológica, é quando um adulto agride verbalmente a criança, ou seja, através de palavras grosseiras e traumatizantes que podem prejudicar a personalidade da criança. Você como vizinho ou amigo vendo ou sabendo de um caso como este, tente conversar com esta mãe, para que não aja desta forma, pois estará prejudicando o desenvolvimento psicológico da criança ou então denuncie ao SOS Criança.

LOC: QUARTO CASO – Joana de 10 anos vai para a escola à tarde. Pela manhã fica em casa só com o seu padrasto que a conhece desde de que ela tinha cinco anos, quando se juntou com a mãe dela. Dona Maria sai para trabalhar numa casa de família onde fica o dia todo sem saber do que acontece em sua casa.

LOC O padrasto fica olhando Joana dormindo, fica espiando Joana tomar banho sem que ela veja, um belo dia ele vai na cama de Joana e tenta se deitar com ela. Ela se assusta, acorda, grita e chora muito, tenta afastar o seu padrasto mais ele é mais forte e tenta abusar dela. Ela tenta escapar e depois de muito esforço cai da cama e foge para a cozinha. O padrasto sai atrás dela correndo e ameaça: “se você contar para a sua mãe eu digo que tu me provocou, me atçou para transar contigo, se ela não acreditar eu mato você e vou embora”. Joana chora muito e fica desesperada e não sabe o que fazer. Vai para a escola à tarde e quer contar para a professora para receber ajuda, tem muito medo, mas conversa com a professora assim mesmo.

LOC A professora diz que ela deve contar para a mãe assim mesmo, Joana não consegue contar com medo. Conta para uma amiga e voltam as duas juntas para pedir que a professora converse com a mãe de Joana em particular. A mãe de Joana, dona Maria, não tem tempo para dar atenção a professora nem mesmo para ir a escola à tarde, mas a amiga de Joana e a professora vão denunciar este caso de violência sexual à Delegacia da Mulher. A delegada imediatamente providencia uma autoridade policial para investigar o caso que é confirmado pela confissão do padrasto covarde. Este é levado para prisão e por abuso sexual infantil, apesar do sofrimento de dona Maria mãe de Joana, ela confortou Joana e passou a conversar mais com ela e ficaram mais amigas.

LOC Então pessoal como vimos estes casos nos alerta para que procuremos nossos direitos, busquemos a justiça que apesar de falha ainda existe nas pessoas boas que sempre

podem e querem nos ajudar. Então vamos denunciar e assim conseguiremos a ajuda necessária para que nós e nossa família tenhamos dignidade e respeito. Fiquem alerta! Esperamos que tenham gostado do programa de hoje e escutem sempre. Um bom dia e um bom final de semana.

c) **PROGRAMA MOMENTO SAÚDE**
TEMA: AMAMENTAÇÃO

TEC Música de abertura

LOC Bom, dia ouvintes da Rádio Comunitária. Estamos de volta com o nosso programa *Momento Saúde*, hoje voltaremos a falar sobre amamentação.

LOC Na nossa rádio novela da semana passada, Scarlete foi orientada pela enfermeira do NAMI a suspender o mingau, a dar exclusivamente o leite materno para o seu filho Kevin, pois este é o alimento ideal e mais completo para o bebê até os seis meses de vida. Hoje Scarlete volta ao NAMI com outro problema. Vamos ouvi-la.

SCARLETE: Bom dia doutora, nem lhe conto o bebê ficou bonzinho da diarreia, fiz tudinho como a senhora mandou. Ele agora só está no peito, mama feito um bezerro, até já engordou.

DOUTORA: Que bom Scarlete! Mas se é assim, qual é o problema que lhe trouxe ao NAMI?

SCARLETE: Doutora é que eu tenho que trabalhar, não posso ficar sem ganhar dinheiro só por conta desse menino. Tenho mais quatro filhos para sustentar, como é que eu faço? Vai ser o jeito tirar o peito dele doutora, até já procurei uma mãe de leite, mas não encontrei e agora?

DOUTORA: Calma Scarlete, em primeiro lugar só você pode amamentar o seu filho, pois existem várias doenças que são transmitidas pelo o leite materno, inclusive a AIDS. Sendo assim, só você pode ser a mãe de leite do seu filho. Sendo assim o leite mais

recomendável, é o seu leite materno, mais não se preocupe você pode voltar a trabalhar e seu filho continuar tomando o seu leite através da extração manual do leite.

SCARLETE: Extração manual de leite? Eu não sei o que é isso não doutora.

DOUTORA: Vou lhe explicar. É a forma como você deverá retirar o seu leite e guardá-lo para que ele seja dado ao seu filho enquanto você estiver trabalhando. Mas para isso você precisa de algumas orientações. Preste atenção. Em primeiro lugar você deverá lavar bem as mãos e os recipientes que você irá guardar o leite, eles podem ser de vidro ou plástico, como o vidro de maionese, por exemplo. Lave-os com água e sabão em água bem quente depois os enxugue e seque bem. Procure uma posição bem confortável para começar a retirar o seu leite. É importante estar relaxada, tranqüila e com pensamentos agradáveis para estimular a descida do leite. Você massageia o peito de forma circular, começando de baixo e subindo em direção ao bico do peito, você poderá ainda usar compressas mornas de 3 a 5 minutos, antes de iniciar a retirada do leite. Agora para retirar o leite, você deverá colocar o dedo polegar acima da auréola e os outros abaixo pressionando o peito até a saída do leite.

SCARLETE: Mais o que é auréola?

DOUTORA: É a região mais escura do peito que fica ao redor do bico.

SCARLETE: Sim e aí?

DOUTORA: À medida que você pressionar o peito o leite vai começar a sair. Apare diretamente no recipiente de vidro que você guardou, que você preparou anteriormente e mantenha-o bem fechado, guarde o leite na geladeira por até um dia. Caso precise condicionar mais de um dia guarde-o no congelador por até três dias. Para descongelar você deverá retirá-lo do congelador e colocá-lo dentro de um outro depósito com água morna e para depois descongelar. Não poderá ser congelado novamente não se esqueça, e também não esqueça de agitar o leite antes de oferecer ao bebê, após retirar o leite do peito passe um pouco do leite no bico e na auréola, e deixe secar, para evitar que o seu peito rache. Ensine também a quem vai ficar com o seu bebê que o leite deve ser dado em colherinhas lentamente. Você entendeu Scarlete?

SCARLETE: Sim.

DOUTORA: então repita para mim o que você entendeu.

SCARLETE: Vamos lá. Primeiro, doutora eu lavo as minhas mãos e depois eu me sento em um lugar bem confortável, que eu mim sinta bem e pense em coisas boas, aí eu pego os depósitos que eu lavei, escaldei, e deixei secar para aparar o leite quando começar a sair. Ah, antes de tirar o leite massageei o peito de forma circular e coloquei um pano morno no peito, aí para retirar o leite eu vou espremer o meu peito com o dedo em cima e os outros quatro embaixo do meu peito, a medida que eu espremer o leite vai sair e vai sendo aparado no depósito que guardei fechado na geladeira para usar em um dia. Se eu quiser guardar o leite por mais tempo devo congelar o leite. O leite congelado dura até três dias, e para descongelar, coloco um depósito com leite congelado dentro de outro depósito com água morna, tipo banho-maria, não é doutora? Quem for dar o leite para o bebê deve mexer bem o leite e dar de colher bem devagarzinho tendo o cuidado para o bebê não se engasgar. Está certo, doutora?

DOUTORA: Muito bem, Scarlete, agora você não tem motivos para deixar de dar somente o leite materno a seu bebê. Mas lembre-se que quando você estiver em casa é importante você oferecer o peito a seu filho, fortalecendo também a união entre mãe e filho.

SCARLETE: Tá ok, Doutora. Muito obrigada, tchau e até a próxima.

DOUTORA: Até a próxima Scarlete!

LOC Como vocês ouviram hoje, a mãe que trabalha fora, pode e deve continuar a dar o seu leite para o bebê. A amamentação exclusiva até os seis meses é tudo que o bebê precisa para crescer forte e saudável, além de fortalecer o amor entre a mãe e o filho. Se você tiver alguma dúvida procure a doutora Ana Lúcia no NAMI, ou então venha participar da nossa programação Ação Cidadania Dois, que acontecerá sábado dia 25 de setembro das 7:30 às 11:30, aqui na rua Otávio Rocha em frente a Rádio Comunitária.

d) **PROGRAMA MOMENTO SAÚDE**

TEMA: VACINAÇÃO

TEC Música de abertura

LOC Bom dia, professora Andréa, caras colegas, Leandro e Comunidade: meu abraço a todos. Meu nome é Fátima e minha colega é Ana Lígia. Somos acadêmicas da UNIFOR, estamos aqui para falar da importância que é a vacinação, através da vacina se evita muitas doenças e que se não dada poderá levar a morte da criança. Poucos são os motivos que impedem você dar a vacina a seu filho. Quando não se deve dar? Quando a criança tem febre de 37 graus ponto 8 a 38 graus, se a criança tem vômito, diarreia, peso menor do que 2 quilos e meio, problemas neurológicos, e tomando antibiótico. Você espera que a criança melhore, para poder retornar a vacinação. Falarei agora sobre as vacinas básicas que a criança deve tomar, para que ele possa evitar algumas doenças.

LOC Ao nascer a criança deverá tomar a BCG e a hepatite. A BCG ela vai combater a tuberculose e a hepatite ela vai evitar as doenças como hepatite B que é uma doença que se a pessoa contrai, a pessoa só vai se recuperar com o transplante de fígado e sabemos que o transplante é difícil, até então pela impossibilidade da pessoa adquirir o órgão que seja semelhante ao seu organismo, ao seu sangue...

LOC No primeiro mês a criança vai tomar a segunda dose da hepatite, no segundo mês ela vai tomar a vacina anti-pólio que é para combater a poliomielite conhecido como paralisia infantil e a tetra, a primeira dose, que ela vai combater a difteria, o tétano, a coqueluche, meningite e outras infecções, e a IBI que vem juntamente associada com a DTP. Ela vai diminuir as gripes na criança do tipo B, que é a *influenza*.

LOC No quarto mês, essa criança deverá tomar a segunda dose de anti-pólio, a segunda dose da tetra valente, juntamente a DTP mais a IBI. No sexto mês a criança deverá tomar novamente a anti-pólio que é a terceira dose, a tetra valente que é a terceira dose e a terceira dose da hepatite B.

LOC No nono mês a criança vai tomar a febre amarela, que é para evitar também de contrair febre, por que quando a criança, por que como existe muita doença da dengue, acredito que até amenize a criança pelo o próprio vírus do Aedes Aegypti.

LOC Aos 12 meses a criança vai tomar a MME que é a tríplice viral que é para combater o sarampo, a rubéola e a caxumba. Aos 18 meses a criança vai tomar o reforço da anti-pólio, que é para combater a poliomielite, e vai tomar um reforço também da DTP.

LOC Dos 4 aos 6 anos a criança vai tomar novamente o segundo reforço da DTP e o reforço da MME, que é para combater a caxumba, o sarampo e a rubéola. Dos 6 aos 10 anos a criança vai tomar um reforço da BCG, e aos 10 anos ela vai tomar novamente um reforço da febre amarela, fazendo isso e acompanhando o cartão direitinho da vacina com os seus filhos, pode ter certeza gente vai reduzir em 99% essas doenças, que são doenças básicas que ocasiona uma mortalidade muito grande quando você deixa de fazer essas vacinas em seus filhos, meu muito obrigada, e um abraço a todos.

e) **PROGRAMA MOMENTO SAÚDE**

TEMA: LEPTOSPIROSE

TEC Música de abertura

LOC Bom dia comunidade do Dendê, nós somos alunas aqui do 6º semestre da disciplina de saúde pública e hoje nós estamos aqui para retirar dúvidas de vocês e vamos falar um pouquinho sobre a doença chamada leptospirose. Eu acho que alguns de vocês já devem ter ouvido falar e para quem não sabe, a leptospirose é uma doença generalizada, febril, causadas por bactérias que pode acometer o homem e os animais domésticos e selvagens.

LOC A leptospirose pode manifestar sobre várias formas clínicas, desde de infecções até a forma hemorrágica, e o principal animal reservatório da leptospirose é o rato, pois ele é capaz de permanecer eliminando micro organismo pela urina por toda vida. Então o rato é considerado um dos principais responsáveis pela transmissão ao homem, e como pode ser transmitida essa doença? A infecção humana pela leptospirose resulta da exposição direta ou indireta a urina de animais infectados, em áreas urbanas o contato com águas e lama

contaminados demonstra a importância do elo hídrico na transmissão da doença ao homem, pois a leptospirose depende dela para sobreviver, ou seja, depende da água e lama, para alcançar o hospedeiro, então há outras modalidades menos importante de transmissão com a manipulação de tecidos de animais, ingestão de água e alimentos.

LOC então a principal é através da pele se você está lesada, e a bactéria penetra na pele, então é muito importante você evitar andar descalço em períodos chuvosos porque se não, pode ser que a bactéria penetre na sua pele, e você vem adquirir a leptospirose, então a leptospirose está intimamente relacionada aos períodos chuvosos, quando a elevação dos índices pluviométricos e o conseqüente aumento na incidência de caso da doença, por que quando ocorre a chuva, aparece aquela lama e vai favorecer a proliferação de bactérias favorecendo que você venha adquirir a doença, então a doença ocorre tanto em nível rural, como urbano, e a presença de água e lixo e roedores contaminados predispõe a ocorrência de casos humanos de leptospirose.

LOC Agora gente vai falar sobre a profilaxia que é a prevenção, como você previne a doença, então o extermínio de animais portadores sadios ou doentes, medidas higiênicas como sanitários, saneamento básico, manipulação de ratos e animais que convivem com eles, então gente os sinais e sintomas que a gente sente, com a leptospirose é dores musculares, indisposição, náuseas e vômitos, esses são os sintomas que vocês devem, quando sentir esses sintomas devem procurar um posto médico mais próximo de sua residência.

LOC Para concluir eu quero que fique bem na mente de vocês, quando tiver em período chuvoso o que é que deve ser indicado, é indicado usar roupas leves e botas a prova d'água ou você usar tênis, não fique andando de pés descalço por que se não vai favorecer você vir pegar essa doença, lavar e desinfetar a pele quando ocorrer ferimentos e não andar descalço em locais suspeitos de contaminação, ou seja você sabe que aquela área ali, passa muito rato, e está em período chuvoso, então o que é que você deve fazer para evitar, usar calçados para evitar essa doença.

LOC Então gente bom dia para vocês e muito obrigado.

f) PROGRAMA *MOMENTO SAÚDE***TEMA:DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

TEC Música de abertura

LOC Bom dia gente, a gente está aqui no ar, na rádio Edson Queiroz, e vão ouvir falar um pouquinho sobre saúde, vamos falar hoje sobre doenças sexualmente transmissíveis. Eu não sei se vocês andam vendo que a gente estava andando pela comunidade nós somos alunos de enfermagem da UNIFOR e a gente estava fazendo uma triagem numas casas nas áreas de risco para cadastramento do cartão do NAMI. Mas não é bem isso que eu vim falar hoje, hoje eu vim falar sobre doenças sexualmente transmissíveis. Vocês sabem o que é isso? LOC Doenças sexualmente transmissíveis são doenças que pegam só pelo o sexo? Não, elas não pegam só pelo sexo, há outras maneiras de pegar essas doenças sexualmente transmissíveis, por isso pessoas virgens podem ter DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis, mesmo que pareça ser meio estranho uma pessoa virgem pode ter.

LOC Como é que ela pode ter? Ela pode, uma pessoa que compartilha a calcinha das irmãs, uma pessoa que tem umas brincadeiras mais pesadas com namorado, entendeu? Então é importante a gente ficar sempre vendo que não é só as pessoas casadas, com relacionamento fixo tem DST, mais vamos lá o que é DST, tem um monte de DST no mundo a gente vai falar primeiro sobre HPV.

LOC HPV eu não sei se vocês já ouviram falar, mais é um doença que causa uma verrugas na vagina ou na glândula que é a parte de cima do pênis, ela vai causar um conjunto de verrugas que são muito parecidas com couve-flor. Quem já viu uma verruga comum sabe identificar o HPV, só que o problema não é só esse, é que na mulher normalmente ele manifesta e no homem ele pode ter o vírus e não manifestar, isto é não aparecer nenhuma verruga nele, e a mulher dele está e ele pode passar para ela, entendeu?

LOC Bom essas verrugas e como é o tratamento dessas verrugas, tem tratamento? Tem. O tratamento é uma cauterização ele vai queimar do mesmo jeito que é queimado uma verruga, o tratamento não dói, entendeu? Se você começar a observar em você lesões parecidas com verrugas, na área da vagina, na área assim aonde faz depilação, tem mulher

que tem, pode aparecer no testículo, na glândula do pênis, em todo corpo do pênis, é bom observar entendeu?

LOC Procure um médico que vão fazer a cauterização em você e o tratamento, e depois do tratamento enquanto as lesões não estiverem aparecendo você não está infectando ninguém, mais não é por isso que você vai ter que deixar de usar a camisinha.

LOC Bom, outra doença que é muito comum é o cancro-duro é uma feridinha que ela é durinha, entendeu? Tem uma bordazinha bem durinha e normalmente aparece linfonodo. Linfonodo é aquela íngua que a gente chama aqui na virilha, essa íngua aparece normalmente junto com essa feridinha, e essa feridinha em algumas mulheres elas passam imperceptíveis, por que tem mulher que não se olha, tem mulher que não se observa, então é por isso que é importante observar. É um ferida de uma casca dura por isso o nome cancro duro, então é bastante interessante procurar o serviço de saúde.

LOC Tem outra doença que é muito parecida que se chama cancro mole, que é a mesma coisa uma feridinha com o aparecimento de íngua da virilha e essa feridinha o centro dela é molinho, ela pode ter um pouquinho de pus mas nada doloroso, por isso que normalmente você não percebe, entendeu? Só quem se olha e se observa.

LOC Outra doença se chama herpes. O famoso herpes genital. O herpes é um conjunto de bolhas, que é uma bolinha como se fosse de água, que nem o herpes de boca, é o mesmo esquema do herpes da boca, vai aparecer umas bolinhas na vagina ou no pênis e depois ela vai estourar, vai criar uma casquinha e depois vai sair, isso normalmente ou é perceptível ou então a mulher ou o homem tem e não fala, porque quando sai a pessoa só evitar de ter relação sexual não, não, não sei o quê eu não quero e está com aquela lesão ali e depois vai ter relação sexual, entendeu? Então enquanto tiver com a lesão não deve ter relação sexual por que pega mesmo, entendeu.

LOC Outra coisa interessante é a gonorréia é mais perceptível tanto no homem como na mulher, na mulher ela causa coceira, vermelhidão, dor no pé da barriga, e durante a relação sexual, e a mulher começa a apresentar um corrimento purulento, um corrimento de pus mesmo, consistência de pus e no homem a mesma coisa, e o homem, ele vai apresentar dor ao urinar e vai apresentar secreção purulenta no pênis, entendeu? O homem que não gosta

de serviço de saúde que tem vergonha, olha a importância de você evitar essas doenças de passar até para a sua parceira.

LOC Vamos falar agora de candidíase, como é que é a candidíase? A candidíase é a famosa flor branca que a minha mãe já falava, que dizia que era doença de mulher. Hoje a gente sabe que é uma doença, ela causa muita coceira, muito desconforto, muitas mulheres têm e essa daí sim, e mulheres que não estão sexualmente ativas, entendeu, pode ser pessoas virgem que tenham essa candidíase. E o que é que é candidíase? Coceira, ardor, dor quando mantém relação sexual, e eliminação de um corrimento com grumos como se fosse um leite talhado, com nata entendeu, ele mais ou menos fica uma pastazinha na calcinha.

LOC Aquilo ali quer dizer que pode ser que você esteja com candidíase, então é interessante por isso que não é bom trocar a calcinha, vestir calcinha de irmã, tem criança que pega, pode ser que seja uma mudança hormonal, não quer dizer que você está traindo o seu parceiro, a mulher pode ir sem medo ao serviço de saúde, que às vezes ela tem, pode ser hormonal, pode ser que ela tenha diabetes. Criança às vezes tem isso, chega lá no NAMI, a gente pega criança com isso, então é muito interessante ficar observando e evitar quando você estiver com candidíase usar roupa de lycra, roupa apertada, roupa que faça calor.

LOC No homem ela é mais difícil de se manifestar. No homem ele vai ficar vermelho, coçando, também o mesmo sintoma da mulher mais é bem mais difícil. Na mulher ele é bem mais evidente.

LOC E o linfogranomavenéreo, que nome feio! Bom o linfogranomavenéreo vai aparecer uma ferida igual a do cancro duro e a do cancro mole só que esse vai criar uma íngua enorme, e muito dolorosa, fica muito vermelho. Então você tem que ir porque essa íngua pode estourar, então você tem que procurar o serviço de saúde rápido para começar o tratamento.

LOC Outra doença interessante é a Hepatite B, que muita gente não dá a devida atenção e que existe vacina no serviço de saúde no CMIS e no NAMI, então é importante se vacinar contra hepatite por que é uma doença que pode ocasionar cirrose posteriormente, então é

importante você está tratando a hepatite e a hepatite tem a prevenção, se vacina três doses lá, pronto você está livre de uma DST a menos, entendeu?

LOC Outra DST é a pediculose. O que é a pediculose? Ah meu Deus do céu! É piolho naquela região, oh situação ! Tem tratamento? Tem. Ele vai causar coceira e você pode ver de tanto você coçar você pode até ferir e causar uma elevaçõzinha na pele, então interessante você procurar o serviço de saúde, existe xampu, sabonete para essa área e se tratar.

LOC Eu vou falar um pouquinho sobre HIV, mais vou deixar para falar depois por que ele é um pouco mais complicado. Eu vou falar como é que pode evitar essas DST's. Existe um método muito engraçado e que se chama o método ABC, ou então você tenta primeiro o plano A, o plano A é abstenção, se você não tem sexo você não tem DST, mas esse método é muito difícil. Eu recomendo para padre e freira. O outro método é buscar ser fiel que é o método B, buscar ser fiel tanto você quanto o seu parceiro. Se esse ainda ficar muito, muito difícil ai você tenta o C que é usar camisinha em todas as relações sexuais. Gente isso é importante, usar em todas as relações sexuais, tem muita gente pegando pílula no NAMI, pegando pílula no CMIS, entendeu, mais se você não tem confiança no seu parceiro e é fiel que sabe que ele dá uma escapadinha, então vamos usar a camisinha, entendeu? É proteção para você. Agora eu vou passar aqui para a minha amiga que ela vai falar um pouquinho de AIDS, que AIDS é um pouquinho mais complicado.

LOC A AIDS ela é também uma doença sexualmente transmissível que pode ser transmitida pelo o sangue, esperma, secreção vaginal, e ainda pelo leite materno. Os sintomas: os pacientes podem apresentar síndrome de infecção viral, com febre, faringite, dor muscular, dor nas articulações, ulcerações muco cutâneas, envolvendo mucosa oral, esôfago e genitália, pode ter o aumento de baço e fígado, dor de cabeça, perda de peso, náuseas e vômitos. Quando descoberta precocemente a infecção pelo o HIV, ela vai apresentar sem sintomas podendo permanecer por alguns meses ou anos, uma vez agravada a imunodepressão, o portador da infecção pelo o HIV vai apresentar infecções oportunistas que podem ser causadas por vírus, bactérias, protozoários, fungos e certas neoplasias como exemplo tem a pneumonia, a toxoplasmose, a tuberculose, meningite e outras. O tratamento ele vai visar melhorar a qualidade de vida e prolongar a sobre vida do paciente, reduzindo a carga viral, e reconstituindo o sistema imunológico do mesmo.

LOC O paciente ele vai fazer uso de um coquetel que é uma associação de duas ou mais drogas e para a gestante ela vai fazer o uso do AZT durante a gestação, o trabalho de parto e parto, e pelo recém nascido por seis semanas visando reduzir o risco da transmissão em 70%. A transmissão ela pode ser evitada com o uso de leite artificial ou com o uso do banco de leite humano no caso vai ser mais seguro.

LOC Bom, gente a gente vai encerrando por aqui, na segunda-feira a gente volta com a equipe de enfermagem com mais informações para vocês.

4.4.2 Algumas considerações

No programa veiculado no dia 14 de setembro/2004, o assunto abordado foi a amamentação e como proceder quando o bebê está com diarreia. A ação se passa na casa de uma suposta moradora da comunidade, identificada como Scarlete, que conversa com sua vizinha Margarete sobre o fato de o filho estar com diarreia há uma semana e ela não saber o que fazer.

Vizinha: Por que você não dá chá de folha de goiabeira para esse menino? Tu devia era levar o menino pra benzer, lá na rezadeira.

Mãe: Que é isso ? O certo é levar o menino para as doutoras, no Nami.

Scarlete: Doutora, faz uma semana que o Kevin tá com diarreia e eu não sei mais o que fazer.

Doutora: O mais importante é continuar a amamentação para que ele não fique desidratado. Você sabe o que é puericultura, Scarlete?

Scarlete: Pue, o quê, doutora?

Pelo discurso apresentado neste programa, o saber popular aparece claramente como inferior e inoportuno. A afirmação do conhecimento técnico-científico se faz em detrimento do saber popular. E mais: há uma reiterada necessidade de reforçar a noção de que os cuidados com a saúde e as informações sobre esse assunto são restritos a uma determinada classe de pessoas que passou pela escola e depois pela universidade e que, por isso, está habilitada a indicar tal procedimento. Na prática, coloca-se a população como sujeito de não saber. Chama a atenção, ainda, o fato de os nomes das personagens que representam as pessoas da comunidade serem em inglês.

Esse contexto pode ser analisado à luz do pensamento foucaultiano, ao definir biopoder como um conjunto de estratégias cuja finalidade é obter a sujeição dos corpos e o controle da população (1988). Neste caso, a Medicina popular é fragilizada e desconsiderada pela verdade da ciência formal. O Filósofo francês destaca que esse “poder de gerir a vida” ocorre por volta da metade do século XVIII, e atua em dois pólos: no corpo como máquina, como força produtiva e no “corpo-espécie”, como suporte para a proliferação da espécie.

Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos da população nos processos econômicos (FOUCAULT, 1988, p.132).

Em outro radioteatro, Maria, uma moradora do Dendê, vai à casa de uma vizinha pedir uma xícara de açúcar emprestado e, ao chegar lá, se depara com uma série de ações nitidamente anti-higiênicas, como sair do banheiro sem lavar as mãos, louça suja na pia, bebê usando roupas sujas. Ao se deparar com tal situação, Maria recrimina a atitude da vizinha, chamando-a de suja. Para se defender, a outra argumenta que não há água encanada em casa, ao que Maria retruca: “Você é muito preguiçosa, sabe que pode pegar água lá em casa, que tem à vontade e nem vem a conta, tá assim porque gosta de sujeira”.

A ausência de água encanada poderia ser excelente enunciado para se discutir a situação e as conseqüências dessa carência básica na vida da população, especialmente a saúde das crianças, avaliando a realidade do bairro e apontando algumas possibilidades de resolução do problema, que não é exclusivo da vizinha de Maria, mas ocorre com a maioria da comunidade.

A opção por tratar o problema de forma particular e discriminatória é reveladora da concepção, por parte das estudantes de Enfermagem, dos hábitos e modos de vida das classes populares, emitindo muitas vezes juízos de valor sobre a maneira de viver da comunidade do Dendê. Vemos que a informação veiculada é abstraída do contexto de vida dos receptores, como se uma idéia pudesse em seu caráter de imediato, ser transposta para qualquer cultura e ambiência social.

O Programa *Momento Saúde* constitui um espaço para difusão de informações sobre saúde, destinado à comunidade do Dendê, sem, no entanto, possibilitar a troca de saberes e conhecimentos entre os produtores e os ouvintes. A estrutura do programa não percebe o receptor como um agente ativo no processo de comunicação, mas, pelo que percebemos ao longo da análise, como um ser passivo diante das informações que recebe. Tal

concepção vai na contramão dos estudos atuais da área da comunicação, que pensam o receptor como um sujeito construído no e pelo processo de comunicação.

Essa concepção do ouvinte como “um vazio” a ser preenchido, que será apresentada posteriormente na discussão teórica, também está respaldada pelo modelo de “educação bancária”. Pensar os ouvintes como pessoas sem condições de dialogar sobre as questões de saúde que lhe dizem respeito diretamente é pressupor que não há na recepção uma relação que supõe conhecimentos construídos ali a partir da vivência de sujeitos concretos. Vê-se ainda que as apresentadoras do programa não percebem que todo conhecimento é interessado; que há sujeitos em inter-relação na relação comunicativa e que nossa maneira de veicular pode dar um lugar de objeto ao outro. Enfim, que a metodologia e o conteúdo dos programas da rádio comunitária estavam a produzir também subjetividades e não só “notícia”, informação.

O modelo adotado pelas estudantes de Enfermagem no *Momento Saúde*, em que pese à boa intenção de usar a estratégia do radioteatro para o tratamento das questões, está ancorado no método que Paulo Freire conceituou como sendo extensionista, a mera extensão de conhecimentos técnicos, conceito que ele produz no livro *Extensão ou Comunicação ?*, a partir da sua experiência com camponeses chilenos. Para Freire, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (1982, p. 69).

Observamos que os ouvintes estão ausentes da formação da mensagem. E é justamente essa ausência que merece ser destacada. Pelas considerações feitas, é impossível se pensar um processo dialógico de comunicação que não leve em conta o papel político do receptor, como alerta Martín-Barbero.

Não é forçoso afirmar que tal silenciamento ainda revela outra dimensão do fato: a fala autorizada sobre saúde ainda está restrita a quem detém o conhecimento formal, - o saber popular sobre saúde sendo desqualificado, como vimos no caso do programa analisado. Daí não ser percebida como importante a presença de outras vozes, de outros sujeitos no *Momento Saúde*. “A voz” da comunidade excluída do programa está a nos remeter a um outro sentido: a de que reduz o povo a condição de um “vazio”, como tradicionalmente era identificado o receptor no processo de comunicação, como pontificava Martín-Barbero, um “não há o que dizer” quando quem está a falar tem supostamente muito a ser dito e à comunidade cabe a escuta passiva.

Emerge como sentido é que, neste caso, o discurso acadêmico e científico não comporta outras vozes, não dialoga com o “diferente”, o que nos parece um contra-senso, pois

a relação médico-paciente pressupõe uma “troca” de informações, como chama atenção Ferreira, no texto *O Corpo SÍgnico*. “[...] Isto implica que o saber médico está intimamente articulado com o social, uma vez que ele constrói o diagnóstico tomando como ponto de partida as sensações desagradáveis descritas pelos pacientes” (1994, p. 103).

Paulo Freire já discorreu sobre o que chamou de “cultura do silêncio”, o que, segundo ele, seria explicado a partir da nossa gênese como povo explorado.

O mutismo é característico de sociedades a que se negam a comunicação e o diálogo e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”. Ele insiste que essas sociedades se tornam preponderantemente “mudas” e diz ainda que o mutismo não significa ausência de resposta, mas sim uma resposta que carece de criticidade (LIMA, 1981, p. 86).

Os estudos da análise de discurso, por sua vez, consideram o silêncio não como mero complemento da linguagem, mas com significação própria. Eni Orlandi (1993) atribui ao silêncio uma dimensão política, que seria o silenciamento.

Aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar etc. Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto comoparte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher, só para citar alguns terrenos já explorados por mim (ORLANDI, 1993, p. 31).

Pelas características do veículo rádio, e do rádio comunitário em particular, era de se esperar que o programa atuasse como um espaço de mediação entre o saber popular e o saber científico, onde a pluralidade de vozes manifestasse o sentido do diálogo e do encontro, como propõe Vasconcelos.

Dependendo da maneira como o programa de rádio for feito, ele pode tornar-se um veículo de difusão, discussão e aprofundamento do saber popular em saúde, contribuindo assim na sua valorização e conseqüentemente ajudando a fortalecer a força política dos trabalhadores [...] Para isso é importante “dar a palavra ao povo”, durante o programa através de gravações de entrevistas, leitura de documentos elaborados por organizações populares, criação de uma seção de cartas [...] Ele poderá ser um canal de troca de experiências entre pessoas e grupos sobre o enfrentamento dos problemas de saúde. Será também um momento em que técnicos poderão analisar criticamente este saber popular, aprofundando-o. (VASCONCELOS, 1988, p.131).

É ainda Eymard Vasconcelos que, ao relatar a sua experiência de fazer um programa de rádio sobre saúde em uma emissora no interior paraibano, chama a atenção para

a necessidade de pensar o programa como um momento de troca, de aprendizagem coletiva e da possibilidade de exercício da Educação Popular em saúde.

No livro *A Medicina e o Pobre* (1987), vê-se um capítulo ³⁶ dedicado ao assunto e conta de forma empolgante como foi a elaboração do programa *A Hora da Saúde*, apresentado pelo autor e por outra médica.

O Médico diz que havia clareza, na equipe, de não se repetir, no programa de rádio, atitudes que conheciam de outros trabalhos de Educação em Saúde e que funcionavam como uma “tentativa de imposição de comportamentos pensados por técnicos de classe média, que pouco compreendiam da dinâmica da vida das classes populares”. (VASCONCELOS, 1987, p. 161).

Na experiência relatada pelo autor, ainda, essa compreensão de não se colocar como alguém que tem o conhecimento sozinho possibilitou a vivência de experiências enriquecedoras, não apenas para o programa, mas também para os profissionais de saúde, considerando que se ia desvendando nesse dialogismo o universo da cultura e dos modos como o povo interage com o seu corpo e a sua saúde, através das cartas que chegavam freqüentemente ao programa.

Esta perspectiva abordada por Vasconcelos e que tem grande afinidade com a proposta da relação dialógica proposta por Freire, implica pensar o rádio como um espaço de interação, de múltiplas vozes e, portanto, de encontro. Um encontro que se faz em vários sentidos, entre profissionais e o povo, do estúdio para as casas, entre o povo e os apresentadores de programas.

A busca pela identificação dos sujeitos na comunicação na perspectiva dos estudos de recepção, tratada no início deste capítulo e no Capítulo 2 merece ser retomada aqui. A experiência do programa *Momento Saúde*, mesmo considerando todas as boas intenções da equipe de produção, não pensa a audiência como sujeito. Isto é, não atribui à audiência um lugar de expressão, mas um ponto de chegada onde as informações precisam ser “depositadas” para que a comunidade tenha uma situação postiça de “bem estar”.

Uma visão extremamente conservadora da dinâmica social de uma comunidade periférica poderia supor que as informações sobre saúde veiculadas no programa serão aplicadas, a despeito da forma como as pessoas do bairro vivem e percebem o seu corpo e a sua saúde, em nome do “controle” de enfermidades a que a narrativa do programa se propõe.

³⁶ Rádio, um canal de interação entre o profissional de saúde e a população.

A visão de “sociedade de controle” (Foucault) parece clarificar-se neste programa radiofônico. Nele, são expressas estratégias da comunicação de massa que tentam regular a vida comunitária em as suas particularidades, usando para isso um discurso que se quer autorizado sobre a importância de “um cuidar-se”. A noção de biopoder proposta por Foucault para compreender os mecanismos de controle no final do século XVIII pode nos auxiliar a compreender o que se passa no *Momento Saúde*, pois o substrato do programa reside mesmo na perspectiva de, sob o discurso da saúde, funcionar como ferramenta de controle da vida popular do Dendê.

4.5 A Força da Mulher Solidária

O programa *A Força da Mulher Solidária* foi ao ar pela primeira vez no dia 14 de setembro de 2005, às 19h30min, pela Rádio Comunitária Edson Queiroz. A apresentação do programa é feita pela Rosa, coordenadora do grupo e que foi uma entusiasta da idéia desde o início.

Antes, no entanto, o grupo fez uma simulação de como seria fazer um programa de rádio, no dia 05 de setembro do mesmo ano. No encontro que reúne todo o grupo, às segundas-feiras, organizamos um microfone, caixa acústica e combinamos de conversar sobre o tema da economia solidária.

Azaléia foi a apresentadora e foi puxando a conversa com todos os presentes, a partir da pergunta: “o que é Economia Solidária para você ?” Com este mote, as pessoas foram se revezando no microfone e relatando o que viviam, a partir da experiência do grupo. Todos falaram. Foi um momento de extrema beleza acompanhar os depoimentos espontâneos e cheios de verdade: muito riso, muita emoção...Tudo estava sendo gravado. Ao final, o grupo fez uma pequena avaliação: todos gostaram da experiência e perceberam a simplicidade de organizar um programa de rádio.

O “ensaio” serviu para desmistificar o processo. Fazer rádio pode ser uma coisa ao mesmo tempo simples e agradável. Partindo dessa compreensão, o grupo logo se dispôs a criar um nome para o programa. Muitas sugestões, muitas idéias e alguém propõe: *A Força da Mulher Solidária*. A idéia rapidamente é aceita e o grupo parte para mais uma etapa de decisão: que música usar na abertura do programa. A indicação de *Maria, Maria* (Milton Nascimento/Fernando Brant) foi muito rápida e o grupo todo concordou. Nascia ali o programa *A Força da Mulher Solidária*, feito pelas mulheres e com elas muito parecido. Depois de todas as decisões, o grupo foi ouvir a gravação recém-realizada.

A escuta coletiva foi um momento sem igual. Estava ali a certeza de que era possível fazer o programa, vencer o desafio do microfone, da voz “não profissional”, das inseguranças todas segundo elas comentavam.

Podemos dizer que o grupo se fortalece ao se ouvir. Tudo de forma muito espontânea, com muita alegria, o simples prazer do reconhecimento da própria voz gerando um encantamento cuja manifestação mais profunda é o brilho no olhar de cada uma delas.

O esforço coletivo tem como resultado imediato a confirmação de que, na próxima quarta, um grupo de mulheres ocuparia os microfones da rádio comunitária para anunciar *A Força da Mulher Solidária*.

a) Programa 1

TEC: Música estilo dance

LOC 1: Boa noite, começa hoje *A Força da Mulher Solidária*, programa do grupo de mulheres da Economia Solidária aqui do Dendê.

LOC 2: Toda quarta-feira a gente vai convidar uma pessoa que faz movimento no bairro. Estamos aqui com a Cristiane, uma das nossas mais novas empreendedoras, né? O nome é bonito, mas é isso mesmo que nós somos. Eu, Rosângela, vou passar agora para a Cristiane que entrou no nosso grupo há pouco tempo. Cristiane, o que levou você a entrar no nosso grupo, a nos procurar?

LOC 3: Boa noite, eu procurei o grupo porque estava precisando divulgar meu trabalho de artesanato, de biscuit. Foi uma coisa muito boa que aconteceu comigo, pra minha vida, porque antes eu também não tinha renda e agora estou tendo retorno de tudo isso. Eu não viso só dinheiro, mas sim a amizade das companheiras também de trabalho que todos os sábados estão lá comigo, e é muito bom. Foi uma coisa mesmo legal que aconteceu.

LOC 2: Eu sei que você está gostando, né? E o retorno, você está tendo retorno financeiramente?

LOC 3: Com certeza estou tendo sim.

LOC 2: Então foi entrevistada uma das mais novas mulheres do nosso grupo, da nossa feira, né, do nosso grupo de mulheres solidárias. Então a gente vai ficando por aqui; é o nosso primeiro encontro; então, quarta-feira fiquem ligadas que a gente vai voltar com nosso programa, com convidados assim bem quentes, com dicas de remédios e outras coisas mais que vocês vão gostar. Obrigada e boa noite.

LOC 1: Taí, nosso boa noite aí para esse grupo de mulheres solidárias, que todo sábado estão ali, na feirinha, na pracinha da justiça, trazendo essa opção de lazer para nossa comunidade e trazendo essa cultura de produção local, essa cultura de uma nova economia, economia da mulher solidária. O grupo de economia solidária parece que vai mudar o nome, vai ser grupo de mulheres solidárias. E você que toda quarta-feira está nos escutando, pode passar a escutar esses trinta minutinhos que vai ter agora toda quarta-feira; elas vão trazer dicas de saúde, vão trazer muita coisa bacana, vão trazer receitas das comidas que elas servem ali na pracinha pra você, aquelas comidas gostosas; confecções, como fazer artesanatos e muitas outras coisas, muitas outras dicas. Toda quarta-feira agora você não pode perder esse programa de 30 minutos aqui na nossa emissora, que vai se chamar *A Força da Mulher Solidária* - programa das mulheres da economia solidária, toda quarta, a partir das sete e trinta. A gente vai ter gente convidado por elas, vamos ter dica, muita coisa bacana, então não esquece não. Fica ligado sempre na nossa programação.

b) Programa 2

TEC Música Maria, Maria

LOC 1: Boa noite, boa noite companheiras, colegas, mulheres de força, mulheres de raça, essa música é feita somente para nós, essa música linda que fala da força, que fala da raça da mulher, né. Então eu sou Rosângela e estou apresentando esse mais novo programa que é *A Força da Mulher Solidária*, é sim, aqui na Rádio Comunitária Edson Queiroz. Toda quarta-feira estaremos aqui. Se você não assistiu o programa da quarta-feira passada, não tem problema. Hoje você não pode perder porque o programa está bem recheadinho de novidades, é sim, e você não pode perder porque nós somos aquela mulher de força, somos as mulheres da socioeconomia solidária, é, que colocamos a feirinha todos os sábados na Pracinha da Justiça e estamos tendo o apoio da Rádio Comunitária Edson Queiroz; é. Juntamente com o João e a Andréa, que é uma amigona nossa, uma companheira, a professora da Unifor, que está nos dando a maior força para fazer este programa e divulgar

nosso trabalho também. E por falar em trabalho, está sendo feita a feira, sexta-feira também. É sim, nós estamos essa sexta-feira, vai ter uma feira e sábado também para divulgar o bingo já antecipadamente. Na sexta-feira nós já estaremos na praça divulgando o bingo e sábado é que vai ter o grande bingão. Se você não sabe - é de uma televisão, de um DVD; então não perca, adquira sua cartela, não fique de fora, fique ligado com a gente na Rádio Comunitária Edson Queiroz. Esse novo programa, você também pode participar. É sim. Como? Dê sua sugestão sobre o programa, o que você acha que deveria ter, então você também pode participar.

LOC 1 Se você tem uma receita da sua mãe, da sua avó, e quer divulgá-la, conte com a gente, a gente pode divulgar essa receita, pois é com o apoio da Rádio Comunitária Edson Queiroz que a gente pode aqui trocar idéias, é sim. E por falar em idéias, se você tem algum truque de culinária, partilhe com a gente. Hoje nós temos, era para ter duas convidadas, mas uma teve um probleminha com uma criança, não pôde vir, então veio uma colega, a Irismar, que é a mulher que faz a alimentação na feirinha; ela vai passar a receita de um bolo de mandioca caramelizado, é sim, um bolo de mandioca. Se você não sabe fazer ou esqueceu os ingredientes, então se ligue com a gente, fique ligado que a Irismar vai passar essa receita desse delicioso bolo de mandioca; então não perca, lápis e caneta, lápis e caderno na mão.

LOC 2: Boa noite, olha gente, tô passando o bolo de mandioca, bolo de mandioca caramelada. Bom, lápis e papel na mão. Lá vai os ingredientes: um quilo de mandioca crua, ralada, 300 gramas de coco ralado fresco, duas colheres de sopa de margarina, duas xícaras de chá de açúcar, uma xícara de chá de leite, três ovos, uma colher de sobremesa de fermento em pó, uma xícara de chá de açúcar para o caramelo. Preparo: em uma panela coloque o açúcar e leve ao fogo, mexendo sempre por dez minutos ou que derreta e vire o caramelo. Retire do fogo, coloque o açúcar derretido em uma forma e reserve. Em uma tija coloque os ingredientes restantes e misture bem. Despeje na forma caramelada e leve ao forno pré aquecido por 40 minutos ou até que enfiando um palito ele saia limpo. Retire do forno e deixe descansar por 10 minutos para esfriar e desenforme. Bom, esse é o bolo de mandioca caramelado. Muito obrigada, boa noite.

LOC 1: Então gente, gostaram aí do bolo caramelado? Não esqueçam de fazer, hein? E vá dizer pra gente, né, na feirinha, se fez, se deu certo, qualquer coisa, qualquer erro passa

para a Irismar. Eu queria falar também sobre o lixo. Gente, o lixo não pode ficar naquela praça porque ela tá limpa, ela tá bonita, tá arrumadinha, então vamos manter a praça limpa, colabore com a gente. No final da feira a gente sempre faz aquela limpeza e se você colaborar a gente diminui o nosso trabalho, né? Então, se você vê alguma criança colocar no chão, peça para colocar na lixeira ou então você mesmo coloque na lixeira. Trabalhando junto a gente pode vencer e colocar tudo, o lixo no lixo, né, porque lugar de lixo é na lixeira. Eu não sei até quando... Os plásticos têm um certo tempo, né, uma porção de tempo para o plástico se decompor; então depois eu posso até passar isso pra vocês, eu vou pesquisar direitinho. Então é isso, gente, nos ajude a colocar “o lixo no lixo”.

LOC 1 : A gente fica por aqui, uma boa noite, até quarta-feira e fique com Deus.

c) Programa 3

TEC Música Maria, Maria

LOC 1 : E pra você que está na nossa sintonia, nosso muito boa noite. A gente já tá com a nossa companheira Rosângela que vai apresentar mais um programa *A Força da Mulher Solidária* pra vocês que estão na nossa sintonia. Ela vai dar o seu boa noite e vai abrir o programa de hoje.

LOC 2: Boa noite, quando você escutar essa música, já está sabendo, né ?É o programa *A Força da Mulher Solidária*. Eu sou Rosângela e estou apresentando mais um programa, é sim, *A Força da Mulher Solidária*. Estou falando ao vivo aqui da Rádio Comunitária Edson Queiroz. Hoje vou abrir o programa com uma dica de uma ouvinte; é uma ouvinte que me abordou, é sim, a dona Maria do Carmo.

LOC 2: Ela está dizendo assim: se na sua geladeira está com cheiro ruim, e está precisando lavar, não vá esfregar com Qboa, nem desinfetante. A dona Maria do Carmo disse que é só colocando um copo d’água com uma pedra de carvão dentro da geladeira. Ela garante que funciona, que sai o cheiro ruim.

LOC 2: E você também que tem a sua sugestão, participe com a gente, não fique de fora, se você tiver alguma dica, passe para gente que com certeza a gente irá valorizar você. Hoje não temos muitos convidados, mas o amigo João vai falar um pouquinho do bingo de

sábado. Você gostou do bingo de sábado? É, eu também gostei. João, fala aqui dos benefícios que o bingo trouxe para a Rádio Comunitária.

LOC 1: Bom, Rosângela, em primeiro lugar a gente quer falar sobre o bingo da seguinte forma: o bingo foi o bingo que a gente fez para arrecadar recursos para prestar uma manutenção que a gente tá precisando em alguma parte dos nos nossos equipamentos, como os cabos; a gente tem muito cabo velho, quebrado e então a gente precisa reformar, como também comprar um material que a gente tá precisando pra dar uma acústica melhor aqui no nosso estúdio e outras coisas também; a nossa despesa de luz, essas coisas tão ficando meia pesada, então tão atrasando; são essas coisas, a gente não tem recursos bastante pra fechar essas despesas. Nós temos os apoiadores culturais, os mercadinhos, os comerciantes que estão aí acreditando no nosso trabalho, anunciam na nossa emissora e dão aquela força, mas só esse dinheiro não dá para gente expandir a rádio, pensar em botar mais caixas, comprar fio, então a gente vem tentando através desses bingos, criar um fundo, uma poupança, assim um dinheirinho extra pra gente ir comprando mais fio, comprando material pra gente ir fazendo mais caixas e colocando em determinados pontos, que até mesmo pessoas, ouvintes da nossa emissora cobram da gente. Então é por isso que a gente tá realizando esses bingos e a gente agradece às pessoas que estão participando, que estão ajudando, vão lá pra o bingo, acreditam, compram suas cartelas com a gente e, claro, é sorteado, principalmente aquela pessoa que é o sorteado é o mais feliz, né. A gente agradece também a todos que compram e vão e participam. Aquele dinheiro a gente sempre tira um pouco pra prestar essa manutenção que a gente tá falando e o restante, é claro, é pra despesa, pras pessoas que trabalham junto com a gente nesses trabalhos, nessa promoção que a gente faz e o que eu tenho a dizer é que o bingo foi um extremo sucesso, nem nós mesmo pensamos que ia ter tanta gente na feira, nesse nosso bingo, no nosso bingo agora que a gente fez. Os anteriores também...foram sucesso, mas esse realmente bateu a expectativa. A gente agradece também ao grupo de sócioeconomia que sempre tá lá apoiando a gente, abrindo as portas, que acredita no nosso trabalho, fazem a festa diferente, que só o grupo de socioeconomia sabe fazer, que a rádio juntando aí as peças faz junto com vocês. A gente já avaliou e não tem nenhum bingo dentro da nossa comunidade igual esse que a gente faz junto com a sócioeconomia. Esse é um trabalho exclusivo. Gente de fora até já falou que não tem igual. Então isso pra nós é de extremo valor, que a gente ta vendo que as pessoas valorizam a rádio, acreditam. Os grupos dos times de futebol apóiam, compram as cartelas, ajudam; os moradores, o grupo de socioeconomia que acredita,

compra cartela, ajuda a gente; esse bingo agora teve umas pessoas especiais, grupos de alunos da universidade que acreditaram também, que ajudaram a gente, compraram cartela, mesmo sem virem participar do bingo, mas compraram suas cartelas e deixaram suas cartelas para gente tentar marcar e tava bem difícil da gente conseguir marcar essas cartelas, né. Mas a gente ficou com as cartelas, a gente tentou marcar umas, então taí, foi uma força a mais para o nosso bingo também ser sucesso. Então a rádio só tem a agradecer a todos que participaram, a todos que compraram sua cartela, todos que foram pra feirinha sábado, foram pra feirinha sexta, a gente teve aquela prévia de sexta-feira, então pra nós foi de extremo valor todo esse trabalho, foi bom demais, a gente teve sim retorno, a gente teve sim sucesso, a gente espera que toda vida que a gente promover algo, algum evento, não só bingo, mas outros eventos, a comunidade esteja lá, apoiando a gente, dando aquele apoio, dando aquela força, dando aquele calor que a gente teve sábado no bingo, ok Rosângela ?

LOC 2: Ok, João. Taí o recado que o João passou pra gente, como foi o bingo, e breve terá outros e outros, que a gente pode realizar com o apoio da Rádio Comunitária e dos nossos frequentadores da feira. Então, bom pra você que tá passando aí, que nos escuta pela primeira vez e não sabe o que está acontecendo, nós estamos fazendo um programa, nós somos as mulheres da sócioeconomia solidária que estamos ali na feirinha, todos os sábados, na Pracinha da Justiça. Nós estamos fazendo o terceiro programa *A Força da Mulher Solidária*. E nesse programa a gente passa dicas, informações, divulgações sobre o nosso trabalho, receitas e muito mais. Fique ligado com a gente, faça como a dona Maria do Carmo que deu uma dica pra gente, então nos ajude também a fazer esse programa. Hoje eu queria passar para vocês um bolo de cenoura. Se você já sabe fazer, tudo bem, mas pra você que não sabe ainda, eu vou te dar um tempinho para pegar um lápis, uma caneta, um caderno e anotar, viu ? Então dou um tempinho aí enquanto eu vou passando um convite pra vocês. Então sexta-feira a gente vai estar na feira, na pracinha da justiça, vai ter a feirinha normal. Então compareça lá nessa sexta-feira, né. A sexta-feira passada foi muito boa, todo mundo participou, foi muito alegre, então lá vai o nosso bolinho de cenoura, anote, é fácil. Então vai lá: três cenouras picadas, 1 xícara de chá de óleo, 1 xícara de açúcar, 4 ovos, 2 xícaras de farinha de trigo, 1 colher de sopa de fermento em pó e margarina e farinha de trigo para untar. Você vai pegar os ingredientes, vai bater a cenoura no liquidificador, o óleo, o açúcar, os ovos, por cinco minutos até ficar “hemogênea”. Retire e misture a farinha e o fermento, despeje em uma forma redonda untada e enfarinhada e leve ao forno já pré aquecido por 30 minutos ou até que enfando o palito ele

saia limpo; retire e deixe esfriar. Então faça também esse bolinho, é muito gostoso, eu já fiz, já vendi na feira, todo mundo gostou.

LOC 2 : Então a gente vai ficar por aqui, vamos finalizar, não esqueça que sexta-feira vai ter a feirinha na praça da justiça, normal, então compareça. A gente fica por aqui, uma boa noite, até quarta-feira e fique com Deus.

TEC Música Maria, Maria

d) Programa 4

TEC Música Maria, Maria

LOC 1: Bom, como eu tinha anunciado antes, toda quarta-feira a gente tem o programa *A Força da Mulher Solidária* em nossa programação. A gente vai dar início ao *A Força da Mulher Solidária*. A nossa amiga Rosângela já está aqui e vai dar o seu boa noite para nossa comunidade e vai começar esse belo programa de todas as quartas-feiras, que começa às sete e trinta até às 8 horas no máximo, dependendo das informações, ele vai até às 8 horas. Boa noite amiga Rosângela, comece aí o seu programa.

LOC 2: Boa noite, João. Um boa noite para todos e todas, todas as colegas, eu sou Rosângela, como ele já apresentou e estou toda quarta-feira aqui apresentando esse programa, *A Força da Mulher Solidária*. Como toda quarta-feira eu digo, mas tem que falar, estou aqui na Rádio Comunitária Edson Queiroz que está dando esse apoio. Você que gosta de uma receita, hoje eu vou passar uma receitinha básica de pipoca achocolatada. Gosta de pipoca? Eu também gosto! Pipoca achocolatada. Pense! Se você gosta, você pega um lápis, um caderno que depois eu vou passar.

LOC 2: Hoje você vai conhecer um pouco da nossa luta de mulheres que envolve homens também. A Rede Cearense de Sócioeconomia Solidária foi criada em 2001 tendo como resultado o desenvolvimento popular com ampla participação de entidades comunitárias. Atualmente a Rede é uma organização não governamental e funciona de forma autogestionária e tem como missão difundir e fortalecer a cultura da sócioeconomia solidária, tendo como exemplo a nossa luta, a nossa feira na praça da Justiça, que é para você entender melhor. Tem objetivo não só de vendas, aquela nossa feira tem objetivo não

só de vendas, mas de desenvolvimento local com a ampliação de oportunidades de trabalho e renda. As ações de formação com referencial de políticas públicas e no combate à inclusão social, com respeito às diferenças ideológicas e religiosas, é um conhecimento fundamental que a gente tem nas reuniões fora; a gente vê lá o conhecimento da mulher e também o respeito à natureza. Nós temos os eventos fora, como os seminários, os encontros de formação, capacitação, plenárias... Inclusive agora tá tendo um curso de formadores de sócioeconomia solidária e desenvolvimento sustentável, mas é só para produtores e produtoras dos grupos solidários, de sócioeconomia e também para os técnicos das ONGs que animam os processos de organização em economia solidária, né ? Tem vários apoios também, tem a Rede Cearense que futuramente você conhece mais, todas as quartas-feiras eu vou passando cada pedacinho porque é muito longo, aí não dá para passar tudo de uma vez. O Instituto Florestan Fernandes, que a maioria das pessoas conhece, tem como apoio Desenvolvimento Econômico, Fortaleza Bela,. CUT Ceará, UFC, o Governo Federal, então ele também apóia em alguns cursos fora, como esse de capacitação, de formação e de formadores. Então não é só o vender lá na praça, a gente tem um longo trabalho com eles. E todos os anos a gente tem o feirão solidário. Esse feirão solidário, ele abrange todos os conhecimentos de socioeconomia, não é só vendas, tem vários eventos lá. Se você conheceu um pouco agora do nosso trabalho, na próxima quarta eu passarei mais um pouco...Agora nós vamos com a receita.

LOC 2: Tá preparada aí para a receita? Hein ? Então eu vou começar a passar. Pipoca com chocolate. São 08 xícaras de pipoca, uma xícara e meia de coco ralado, duas xícaras de açúcar, meia xícara de mel, meia xícara de água, meia xícara de chá de chocolate; é, pode ser Nescau ou chocolate picado, né ? Aí tem que ter essência de baunilha e uma colher e meia de sopa de margarina e margarina para untar a forma, né? Então você vai misturar a pipoquinha com o coco ralado e já vai colocar na forma untada, olha como é fácil. Leve ao fogo o açúcar, o mel e água e mexa até dissolver, depois você coloca o chocolate e cozinhe, deixe cozinhar bem até obter um ponto de bala mole. Então você vai retirar do fogo. Adicione a baunilha, a manteiga e despeje em cima das pipocas que estavam na forma e deixe esfriar; não vai mais ao forno, fica uma delícia e se você não pegou bem essa receita, não tem problema, pode nos procurar que não somos desconhecidas e a gente pode passar novamente.

LOC 2: Quero fazer uma perguntinha pra vocês. Quem já pegou o seu título eleitoral ? Ainda não foi pegar ? Eu vou lhe dizer, é os serviços prestados aqui no bairro. Então, a Unifor ela pegou para entregar aqui para o pessoal do Edson Queiroz, né? Do bairro Edson Queiroz. Então a Unifor fez esse favor de pegar esses títulos para a gente não ter que ir lá para o TER que encerraria hoje; mas a Unifor está entregando os títulos eleitorais até sábado. Então se você não foi pegar o seu título ainda, vá pegar, porque dessa vez no “reverendo” a gente ainda vota com a identidade, mas nas eleições do ano que vem, a gente tem que ter o título na mão. Então vá lá fazer a sua troca, né? Lá também tem vários tipos de atendimento como identidade, tirar fotos, documentos, CPF, advogado, e muito mais. Só você indo lá e conferindo. Tem também um trabalho com as mulheres da associação que estão fazendo velas e vendendo lá os seus próprios produtos, né, na própria Unifor. Então vá lá visitar, conhecer, né? Então fique com Deus, gostou da apresentação? É. Nós temos ouvintes “acisos”: seu Valdimiro, aí na casa da dona Cilene é um “ouvintíssimo assim aciso”, né ? Então quando chega na hora ele vai logo dizendo: - Mulher, olha o programa!

Então faça como seu Valdimiro, fique com a gente toda quarta-feira, dê a sua opinião, a sua sugestão, se você não entendeu a gente pode tirar dúvidas. Faça com a gente esse programa, que é muito bom. E então toda quarta-feira a gente pode esclarecer alguma coisa, você pode também trazer algumas dicas; fique com a gente, fique com Deus também, até quarta-feira; eu só venho agora 19 de outubro, porque quarta-feira agora, 12, é feriado e eu não vou poder vir. Então tchau, fique com Deus, um abraço.

LOC 1: Então tá a nossa amiga Rosângela, com o programa *A Força da Mulher Solidária*, com a participação aí do grupo de sócioeconomia aí junto com a nossa emissora, fazendo esse trabalho de formação, trazendo essa cultura que é uma cultura muito educativa, muito informativa. Então tá para você que está na nossa sintonia: nosso boa noite. E a Rosângela falou aí do evento que está acontecendo na Unifor, o Mundo Unifor, onde está sendo oferecido vários serviços sociais: tá tirando documentos, tá entregando seu título, enfim, visita lá, presta lá sua visita; visita os trabalhos prestados aqui dentro da nossa comunidade. Então nosso boa noite aí, a gente continua com a nossa programação normal até às 9 da noite. Na outra quarta não tem, como ela falou, na outra com certeza a gente tá de volta com o programa *A Força da Mulher Solidária*.

4.5.1 Reflexões sobre as coisas ditas nos programas *A Força da Mulher Solidária*

O programa *A Força da Mulher Solidária* foi gradativamente ganhando importância para o grupo. Podemos fazer tal afirmação, inclusive, por meio da forma como o grupo de mulheres que fazia o programa foi se organizando para dar conta dessa tarefa de modo cada vez mais burilado. O tempo utilizado na consecução do programa e na sua preparação foi aumentando, bem como se urdindo na sua própria exigência de organização.

Assim é que vimos os programas ganhando consistência à medida que foram sendo produzidos e também à proporção que ocuparam mais tempo na grade da programação da emissora. A primeira experiência foi rápida, a equipe mesmo se disse fazendo um *ensaio prévio*; não tínhamos ainda a noção completa de como é fazer um programa de rádio ao vivo e o que tinha sido previsto para ter duração de 30 minutos, no primeiro dia, teve algo em torno de quatro minutos de duração.

Isso não foi considerado pelo grupo como um fracasso ou funcionou como desestímulo. Pelo contrário. Como eles disseram na reunião avaliativa do programa; *foi possível perceber a importância de uma organização prévia, de um planejamento coordenado...* Outra comentou: *A gente viu a importância da apresentadora ter na mão algumas alternativas, como dicas de saúde, orientações para os cuidados com as crianças, informes sobre economia solidária - para ilustrar o programa.* Essas recomendações também foram feitas por um dos diretores da rádio que opera os equipamentos durante a transmissão do programa e que também é um dos grandes incentivadores das mulheres, o qual sublinhou: *isso de se preparar com alternativas dá mais dinâmica ao processo, e ajuda no caso de uma das entrevistadas não comparecer ao programa.*

Após o primeiro programa, uma longa conversa se seguiu, ali mesmo no estúdio. Orientações sobre “como fazer” o programa de rádio foram sendo apresentadas, a troca de saberes ali experimentada, fazendo emergir as identidades sociais dos sujeitos (no contexto de seus grupos sociais, como o da socioeconomia, por exemplo), engendradas a partir da experiência da comunicação, mais especificamente no âmbito do rádio.

Como já observava Martín-Barbero, em seus estudos sobre os meios e as mediações, “o rádio preenche o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais de construção de sentido” (1997). E isso acontece porque a oralidade evocada pelo rádio não implica relação com o analfabetismo, mas faz emergir uma sintonia entre comunicadores e ouvintes justamente porque “a fala” aí elaborada encontra aceitação por parte do público, pois independentemente da questão ideológica, “o rádio fala o idioma das classes populares”, diria Martín-Barbero.

A dialogia vivenciada entre os dois moradores do bairro do Dendê acerca dos processos de como fazer um programa de rádio remete às reflexões de Freire, quando ressalta que “o mundo é o mediatizador dos sujeitos da educação” (1998). Também Martín-Barbero defende a noção de que “resgatar o sentido comum é resgatar esse viver cotidiano como espaço de produção de conhecimento e como espaço de produção e troca de sensibilidade”.(1997).

Reparemos que a narração recupera a todo instante o que é vivido no bairro, o que está sendo palmilhado no cotidiano da vivência grupal solidária: o bingo na Pracinha da Justiça, como vimos, foi contado com detalhes e também explicitado seu objetivo para a continuidade das tarefas coletivas da rádio em parceria com as do grupo de Socioeconomia.

Walter Benjamin observava que, na Modernidade, há um esgarçamento entre a prática social dos sujeitos e o sentido produzido nessas práticas. Por haver quebrado uma anterior unidade de prática e sentido, Benjamin (1993) diz que há certo comprometimento na possibilidade da transmissão da experiência coletiva; nessa ordem de explicações, ele garante que “as experiências estão deixando de ser comunicáveis.”

Poderíamos supor que, quando as mulheres observam que a socioeconomia vivida pelo grupo tem objetivo não só de vendas, aquela nossa feira tem objetivo não só de vendas, mas de desenvolvimento local com a ampliação de oportunidades de trabalho e renda, elas estariam tentando retomar essa unidade de prática de sentido a que Benjamin se referia? Observemos que o grupo de mulheres vai articulando os seus motivos práticos com as referências políticas de resistência que passam a assumir concretamente. Observemos na própria fala das mulheres essa articulação:

Apresentadora: As ações de formação com referencial de políticas públicas e no combate à inclusão social, com respeito às diferenças ideológicas e religiosas, é um tipo de conhecimento fundamental que a gente tem nas reuniões fora; a gente vê lá o conhecimento da mulher e também o respeito à natureza. (*A Força da Mulher Solidária*, n.4).

Reiteramos: as mulheres do grupo de socioeconomia que fazem o programa *A Força da Mulher Solidária*, em seu fazer radiofônico, estão exercitando novas identidades sociais - falam sobre as experiências de homens e mulheres, pais e mães, trabalhadores e trabalhadoras do bairro e sobre sua ação entre eles. Já não são somente moradores e moradoras do Dendê ou trabalhadores que vivenciam o individualismo exacerbado pela indústria cultural, mas comunicadores que tornam visíveis suas atuações e narram suas

aprendizagens sociais no rádio do bairro – o que significa também que selam o percurso de produção de sentidos que anuncia a produção de sujeitos em construção.

A forma como acontece essa vivência expressiva do programa de rádio possibilita a manifestação desta multiplicidade de identidades em elaboração, que em outros espaços sociais não seria possível, porque está ali uma voz se mesclando junto a outras, em uma polifonia instauradora de novos sentidos para a prática grupal.

A Força da Mulher Solidária não fala apenas de um grupo, mas principalmente de um lugar. O Dendê não é apenas um local de morada, mas de construção de sentido, onde a vida se tece na articulação entre os moradores e a dinâmica social vivida na trama social. Ao se afirmar que *toda quarta-feira a gente vai convidar uma pessoa que faz movimento no bairro*, está expressa a compreensão de Martín-Barbero (1997) para quem o bairro, o cotidiano, revela “uma outra dimensão fundamental do popular.”

Em outro momento do programa, a apresentadora traz a entrevistada do dia como uma das nossas mais novas empreendedoras. O nome é bonito, mas é isso mesmo que nós somos. Assumir-se empreendedora confere à apresentadora e a todas as mulheres do grupo uma nova identidade. Reconhecer-se em uma nova posição dentro da dinâmica econômico-social em que vive faz romper claramente com o papel muitas vezes destinado às mulheres da periferia - o de “desocupadas”, “desempregadas”, “sem renda”, e que pode ser interpretado como “incapazes”, “incompetentes”, “despreparadas”, “sem instrução”, “sem qualificação”. A fala que expressa o nome é bonito, mas é isso mesmo que nós somos evoca um sentido de ruptura, como se dissessem: “a beleza do nome confere a nós também uma beleza”; talvez se possa também inferir: “porque somos bonitas, também o que fazemos o é” - empreendedoras em Socioeconomia Solidária fazem algo que se lhes aproxima do que é belo.

Anteriormente, no programa Momento de Saúde, nas falas sobre higiene, ministradas pelas alunas da UNIFOR, quando da consecução dos programas de saúde, vimos uma concepção hegemônica que associa pobreza com sujeira. Certamente, esse tipo de asserção referida no programa *Momento Saúde* sobre higiene confere a esses sujeitos do Dendê uma postíça identidade que os reduz a “pobres são sujos” – esse funcionamento radiofônico acentuando o espaço das práticas cotidianas como “lugar de interiorização muda da desigualdade social” (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Diversa atitude, ao nosso ver, tem a entrevistada do programa “A Força da Mulher”, quando assinala:

Entrevistada: Eu procurei o grupo porque estava precisando divulgar o meu trabalho de artesanato, de biscuit. Foi uma coisa muito boa que aconteceu comigo, pra minha vida, porque antes eu também não tinha renda e agora estou tendo retorno de tudo isso. Eu não visio só dinheiro, mas sim a amizade das companheiras também. (*A Força da Mulher Solidária*, programa n.1).

Parece-nos que a entrevistada, ao falar na “amizade das companheiras” como algo fundamental, que não reduz sua atuação na socioeconomia a um “vender coisas”, apercebe-se de que há um modo reificador das subjetividades a se realizar nas práticas sociais de consumo e venda e, também, que não somente a posse de objetos está em jogo nessa sua atuação. Quando Martín-Barbero garante que o consumo (e também a venda, acrescentamos) não é apenas reprodução de forças, mas lugar de produção de sentidos, está a nos remeter à idéia de que são subjetividades que estão a ser tocadas no “lugar de luta” que é o campo sógnico da rádio. Dessa forma, é que Martín-Barbero toma como objeto de reflexão a relação dos grupos populares com o consumo, trabalhada por Canclini:

O espaço de reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas [...] desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, o habitat e a consciência do possível para cada vida, do alcançável e do inantigível. Mas também enquanto lugar da impugnação desses limites e expressão dos desejos, subversão de códigos e movimentos da pulsão e do gozo. O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos *usos* que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 290).

O sentido de que a ação do grupo de mulheres do bairro vai além da comercialização dos produtos produzidos por elas, também é revelado pelo diretor da rádio, ao fazer a despedida do programa de estréia, nos seguintes termos:

LOC 1 Taí nosso boa noite aí para esse grupo de mulheres solidárias que todo sábado estão ali na feirinha, na Pracinha da Justiça, trazendo essa opção de lazer para nossa comunidade e trazendo essa cultura de produção local, essa cultura de uma nova economia, economia da mulher solidária, é grupo de economia solidária parece que vai mudar de nome, vai ser grupo de mulheres solidárias. (*A Força da Mulher Solidária*, n. 1).

O reconhecimento de que a feira é também uma opção de lazer para o bairro é bem evidente na fala do diretor da rádio, e mesmo para um conjunto significativo de pessoas da comunidade. Aos sábados, a Praça da Justiça fica tomada de pessoas do bairro - jovens, crianças e famílias inteiras, que para lá se deslocam ao final da missa e de suas atividades em casa; muita gente ali vai conversar, comprar algo de jantar para a família, fazer um lanche e

vivenciar trocas. A “feirinha”, como é chamada carinhosamente, parece já fazer parte da rotina da vida do Dendê.

No programa da semana seguinte, a apresentadora fala com maior segurança e mais tranquilidade ao microfone. Faz uma longa saudação aos ouvintes: *Boa noite companheira, mulheres de força, mulheres de raça, essa música é feita somente para nós, essa música linda que fala da força, que fala da raça da mulher*, diz referindo-se à música *Maria, Maria*, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Parece que se reconhecer “mulher de raça e de força” é também uma maneira de legitimar a sua ação na comunidade, que é tipificada, especialmente, na relação desse sentido dado às suas atividades fora do lar, junto aos maridos. Mesmo com a presença cada vez mais intensa da mulher no mercado de trabalho, em muitas famílias das classes populares o trabalho no âmbito doméstico é essencialmente tarefa feminina. Quando no mercado de trabalho, geralmente, as mulheres das classes populares obedecem a uma jornada de 40 horas semanais. A participação em atividades com caráter sociopolítico e cultural, como são tomadas a iniciativa do rádio e a militância na Socioeconomia Solidária, parece demandar explicações que legitimem esse tipo de atuação junto aos maridos e ao grupo comunitário maior.

Na experiência das mulheres do Dendê, há relatos a apontarem que, no primeiro momento, os maridos reagiram com as freqüentes ausências de casa. Mesmo cinco anos depois, ainda há marido que reclama quando a feira termina depois das 22h ou quando as atividades do grupo se intensificam. Houve o caso de uma delas, porém, que o marido passou a integrar o grupo para acompanhar a esposa nas atividades de que ela participa.

Na fala da apresentadora do programa é muito forte a busca pela integração com toda a comunidade e o estímulo à participação no programa.

Esse novo programa, você também pode participar. É sim. Como? Dê sua sugestão sobre o programa, o que você acha que deveria ter, então você também pode participar. Se você tem uma receita da sua mãe, da sua avó, e quer divulgá-la, conte com a gente, a gente pode divulgar essa receita, pois é com o apoio da Rádio Comunitária Edson Queiroz que a gente pode aqui trocar idéias, é sim. (Apresentadora, programa n.2)

A forma como a apresentadora se expressa é extremamente coloquial, como se realmente estivesse convidando uma amiga querida ou alguém muito próximo para participar do programa. A fala espontânea e alegre denota um “estar-à-vontade” com o que está fazendo.

É interessante a forma como dialoga com o ouvinte. Diz ela que é possível participar do programa e ao mesmo tempo situa-se no lugar do outro, ao perguntar “como?”,

como se estivesse fazendo um diálogo mental com quem está ouvindo o programa. A expressão “é sim”, usada com frequência, também caracteriza o espírito coloquial e espontâneo do programa, ao mesmo tempo em que implica um reforço à afirmação de que o programa é, de fato, um espaço para troca de idéias.

A proposta de diálogo é para além do programa, da rádio: *Então, gente, gostaram aí do bolo caramelado? Não se esqueçam de fazer, hein? E vá dizer pra gente, né, na feirinha se fez, se deu certo, qualquer coisa, qualquer erro.* A apresentadora sabe que fala para pessoas iguais a ela, moradores do bairro, que identificam na receita do bolo de mandioca caramelado uma iguaria servida com frequência na feira e que agrada muitos paladares; e também que há uma proximidade de verdade, não sendo um discurso que se organiza para simular uma aproximação.

A fala da apresentadora incorpora o que Balsebre defende ser necessário para a linguagem do rádio: o encontro entre o semântico e o estético na mensagem sonora. O autor atribui ao semântico o sentido mais direto da mensagem e ao estético o segundo nível de significação, carregado de “valores emocionais ou sensoriais” (2005) e que tem mais influência sobre nossa sensibilidade do que sobre a nossa racionalidade. É justamente nesse aspecto que o programa *A Força da Mulher Solidária* se distancia do que é feito no *Momento Saúde*, onde a mensagem está ancorada basicamente no nível semântico e dialoga pouco ou quase nada com a oralidade presente na vida e na cultura do Dendê.

Para Linhares (2003), a linguagem vai além da reelaboração da realidade pois é, ao mesmo tempo, constituidora e constituinte da elaboração de sentidos, engendrados a partir dela. “A linguagem não é um veículo inodoro, insípido, transparente, que como uma substância invisível não deixa marcas”, assegura.

Após a receita culinária dada pelas mulheres, no programa de rádio, a reflexão sobre a importância de manter a praça limpa e arrumada e a convocação para o cuidado coletivo do espaço:

Eu queria falar também sobre o lixo. Gente, o lixo não pode ficar naquela praça porque ela tá limpa, ela tá bonita, tá arrumadinha. Então vamos manter a praça limpa. Colabore com a gente. No final da feira a gente sempre faz aquela limpeza e se você colaborar a gente diminui o nosso trabalho, né? Então se você vê alguma criança colocar no chão, peça para colocar na lixeira ou então você coloque na lixeira. Trabalhando junto a gente pode vencer e colocar tudo, o lixo no lixo, né, porque lugar de lixo é na lixeira. (Apresentadora, programa n.2)

É interessante perceber que o programa não segue um formato preestabelecido. Há a música característica *Maria, Maria*, usada na abertura e encerramento do programa, mas

não há preocupação com uma estrutura fixa, que se repita a cada edição, tampouco com a duração dos programas. O diretor da rádio que opera os equipamentos participa do programa, ora na condição de co-apresentador (Programa 3), ora no estado de entrevistado (Programa 3) e essa falta de uma grade que aprisione o programa talvez seja uma das suas maiores riquezas.

Na abertura do terceiro programa, a apresentadora faz referência à dica de uma ouvinte.

Boa noite [...] Estou falando ao vivo aqui da Rádio Comunitária Edson Queiroz. Hoje vou abrir o programa com uma dica de uma ouvinte que me abordou. Ela diz que se a sua geladeira está com cheiro ruim e está precisando lavar, não vá esfregar com Qboa, nem desinfetante. Ela diz que é só colocando um copo d'água com uma pedra de carvão dentro da geladeira que sai o cheiro ruim. [...] E você também que tem a sua sugestão, participe com a gente, não fique de fora. Se tiver alguma dica, passe pra gente que com certeza a gente irá valorizar você. (Apresentadora, programa n.3).

No programa 3, o diretor da emissora foi entrevistado sobre a realização do bingo organizado por ele em benefício da Rádio Comunitária. O bingo foi realizado no dia da feira de Economia Solidária e reuniu dezenas de pessoas da comunidade. Sobre o objetivo do bingo ele esclarece:

Nós temos os apoiadores culturais, os mercadinhos, os comerciantes que estão aí acreditando no nosso trabalho, anuncia na nossa emissora e dá aquela força, mas só esse dinheiro não dá para gente expandir a rádio, pensar em botar mais caixas, comprar fio, então a gente vem tentando através desse bingo, criar um fundo, uma poupança, assim um dinheirinho extra pra gente ir comprando mais fio, comprando material pra gente ir fazendo mais caixas e colocando em determinados pontos, que até mesmo pessoas, ouvintes da nossa emissora cobra da gente. (Depoimento do diretor da rádio, Programa n.3)

A mobilização para o bingo envolveu a equipe da rádio e também o grupo de Economia Solidária, que concordou em realizar o bingo no dia feira e também ajudou a vender as cartelas; os times de futebol também ajudaram na venda. Ações como essa demonstram que a rádio é respeitada e querida pela comunidade.

A gente já avaliou e não tem nenhum bingo dentro da nossa comunidade igual esse que a gente faz junto com a socioeconomia. Esse é um trabalho exclusivo. Gente de fora até já falou que não tem igual. Então isso pra nós é de extremo valor, que a gente tá vendo que as pessoas valorizam a rádio, acreditam. (Idem).

E, após a entrevista, a apresentadora retoma, chamando a atenção do ouvinte:

Então, bom pra você que tá passando aí, que nos escuta pela primeira vez e não sabe o que está acontecendo, nós estamos fazendo um programa, nós somos as mulheres

da socioeconomia solidária que estamos ali na feirinha, todos os sábados na Pracinha da Justiça. Nós estamos fazendo o terceiro programa *A Força da Mulher Solidária* e nesse programa a gente passa dicas, informações, divulgações sobre o nosso trabalho, receitas e muito mais. (Apresentadora, Programa n.3).

A linguagem utilizada pela apresentadora para propor essa conversa com o ouvinte remete ao que Ong (1998) considera “oralidade primária”, mesmo que nessa situação não haja um completo desconhecimento da escrita³⁷, mas, por outro lado, a apresentadora ao “falar” se propõe a também ocupar o lugar do outro no processo da comunicação. Diz Ong:

A comunicação humana, verbal ou não, difere do modelo do “meio” de uma forma essencial pelo fato de requerer uma resposta prevista, a fim de que possa ocorrer. No modelo do meio, a mensagem é transportada da posição do remetente para a do receptor. Na comunicação humana real, o remetente deve estar não apenas na posição de remetente, mas também na do receptor antes que ele possa enviar algo. (ONG, 1998, p. 196).

A expectativa da comunicação estabelecida pela apresentadora é que o ouvinte, tal qual ela mesma, ocupe um “espaço de fala” na proposta de diálogo que a sua fala encena. Ela não se dirige a um conjunto imaginário de ouvintes, sem cara, cor ou voz; ela sugere uma conversa entre sujeitos: vizinhos, moradores do bairro, companheiras da Socioeconomia Solidária. Algumas vezes ela a chega a dar nome a essa audiência, sabendo exatamente com quem está falando, como no Programa 4: *É, nós temos ouvintes “acisos”³⁸, seu Valdimiro, aí na casa da dona Cilene é um ouvintérrimo assim “aciso”, né?*

E a forma como se dirige ela a essa audiência pressupõe a proposta de diálogo. Contrariando o modelo funcionalista de comunicação que estabelece “funções” para emissor e receptor, Bakhtin argumenta que esse modelo não corresponde ao “todo real da comunicação” (1992):

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. (BAKHTIN, 1992, p. 290).

Esse diálogo que locutor e ouvinte estabelecem, ainda que muitas vezes silencioso, está na natureza própria do fazer radiofônico, que, com sua linguagem, propõe “reconstituir e recriar o mundo real” (BALSEBRE, 2005), partindo do princípio ainda de que

³⁷ Ong caracteriza “oralidade primária a das pessoas que desconhecem completamente a escrita”.

³⁸ Refere-se a assíduo

“a linguagem é uma forma de ação e de integração entre os indivíduos em seu meio social” (PIRES, 1997).

No programa número 04, a apresentadora incorpora um discurso diferente do que até então predominou nas edições anteriores, cuja ênfase estava em uma fala que privilegiava a “oralidade primária” (ONG). Nesta edição de *A Força da Mulher Solidária*, o tom coloquial da linguagem se mescla com uma fala mais rebuscada, quando apresenta um histórico da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária.

A Rede Cearense de Socioeconomia Solidária foi criada em 2001 tendo como resultado o desenvolvimento popular com ampla participação de entidades comunitárias. Atualmente a Rede é uma organização não governamental e funciona de forma autogestionária e tem como missão difundir e fortalecer a cultura da socioeconomia solidária, tendo como exemplo a nossa luta, a nossa feira na Praça da Justiça, que é para você entender melhor. (Apresentadora, Programa n.4)

A apresentadora parece ter consciência da mudança de tom no discurso, e enfatiza: *que é para você entender melhor* - ao usar o exemplo da feira realizada no bairro como para deixar claro o que se quer dizer.

A linguagem usada tem marcas muito próprias de uma narrativa escrita: *todas as quartas-feiras eu vou passando cada pedacinho porque é muito longo, aí não dá para passar tudo de uma vez* - explica a apresentadora, que também, neste caso, faz uso de expressões pouco comuns ao universo da comunidade do Dendê, como “forma autogestionária”, por exemplo.

Por outro lado, a sua fala tenta apresentar a complexidade que envolve o processo da economia solidária, não reduzindo a atividade à realização da feira, como explicita: *Então não é só vender lá na praça, a gente tem um longo trabalho com eles. E todos os anos a gente tem o feirão solidário, esse feirão solidário, ele abrange todos os conhecimentos da socioeconomia, não é só vendas, tem vários eventos lá.*

A apresentadora parece dar-se conta de que a atuação do grupo pode ser reduzida à realização de uma “simples feira semanal” ao reforçar a noção de que o movimento se constitui de outras lutas e de outras articulações nem sempre tão visíveis à comunidade, como a realização da feira. Constitui-se assim, no dizer de Canclini, um processo de hibridação.

Como a hibridação funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas? Às vezes, isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas freqüentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. (CANCLINI, 2003, p. XXII).

Estudioso dos efeitos que o consumo assume na contemporaneidade, Canclini defende o argumento de que é preciso ampliar o sentido de consumo para além de “simples gastos inúteis e irracionais” (1999). Este outro sentido confere ao consumo um espaço de reflexão de como, atualmente, as sociedades organizam sua racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica (1999).

Um dos momentos mais significativos de *A Força da Mulher Solidária* está na transmissão das receitas culinárias. Esse quadro contou com a participação de uma convidada (Programa 2) e nos demais programas foi a própria apresentadora que passou a receita. No programa 4, a receita divulgada foi de pipoca achocolatada.

Nos programas destinados ao público feminino, seja no rádio ou na televisão, quadros com receitas têm sempre um lugar garantido. Chama, porém, a atenção especificamente no programa de rádio do Dendê é que o sentido de ensinar como fazer um prato doce ou salgado não é meramente o do entretenimento, como se pode dizer dos demais programas. Informar uma receita aqui é essencialmente um momento de elaboração de identidades e, portanto, de sujeitos, já que essa é uma prática muito comum entre pessoas amigas, que se conhecem e se ajudam. É nesse papel que a apresentadora se expressa: [...] *fica uma delícia e se você não pegou bem essa receita, não tem problema, pode nos procurar que não somos desconhecidas e a gente pode passar novamente.*

Não ser “desconhecida” pressupõe uma proximidade com quem se está falando, e mais: estar na rádio não faz da apresentadora alguém “diferente” das pessoas da comunidade. Estar na rádio não implica necessariamente outra identidade. A apresentadora continua sendo, ali, a “mulher da feira da Economia Solidária”.

Antes de encerrar o programa, a apresentadora menciona a entrega dos títulos eleitorais na Universidade de Fortaleza para a participação no Referendo sobre Desarmamento e outros serviços oferecidos à comunidade por ocasião do *Mundo Unifor*, evento que reúne a cada ano atividades de pesquisa, extensão e de prestação de serviços. Assim, o programa também assume caráter de utilidade pública, considerando que divulga informações além dos temas referentes à Economia Solidária ou ao grupo do Dendê.

Então se você não foi pegar o seu título ainda, vá pegar, porque dessa vez no “reverendo” a gente ainda vota com a identidade, mas nas eleições do ano que vem, a gente tem que ter o título na mão. Então vá lá fazer a sua troca, né? (Apresentadora, Programa n.4).

Pode-se perceber nos programas analisados uma clara intenção de situar a comunidade no âmbito das ações de Economia Solidária e deixá-la a par de tudo o que

acontece, como se estivesse a dizer: “este é um assunto de todos do Dendê”. Para justificar tal pensamento, tomamos como empréstimo a expressão de Habermas, “responsabilização solidária”:

O mesmo respeito para todos e cada um não se estende àqueles que são congêneres, mas à pessoa do outro ou dos outros em sua alteridade. A responsabilização solidária pelo outro com um dos nossos se refere ao “nós” flexível numa comunidade que resiste a tudo o que é substancial e que amplia constantemente suas fronteiras porosas. [...] Inclusão não significa aqui confinamento dentro do próprio e fechamento diante do alheio. Antes, a “inclusão do outro” significa que as fronteiras da comunidade estão abertas a todos – também e justamente àqueles que são estranhos um ao outro. (HABERMAS, 2002, p. 8).

É sensível também como a linguagem adotada no programa revela o lugar de fala da apresentadora e da audiência: caminham lado a lado, em busca de um diálogo constante e de um aprendizado mútuo.

Mesmo não sendo o propósito desta reflexão estabelecer comparações entre o *Momento Saúde* e *A Força da Mulher Solidária*, apresenta-se necessário fazer alguns comentários acerca dos dois programas.

Primeiro é importante situar o fato de ambos serem veiculados pela Rádio Comunitária Edson Queiroz. O papel que a emissora desempenha na comunidade tem reconhecimento no próprio bairro, haja vista a realização de um programa esportivo com a cobertura das partidas por ocasião dos torneios envolvendo os times locais e também o sucesso de vendas de cartelas para o bingo feito em benefício da rádio, para situar a emissora em um contexto mais geral. É importante ressaltar, ainda, que os comerciantes locais apostaram na rádio desde o início e contribuem mensalmente, em troca da veiculação de anúncios comerciais (*spots*), com uma quantia para ajudar na manutenção da Rádio Comunitária Edson Queiroz.

A atividade esportiva no Dendê mobiliza muitas pessoas. São cerca de 50 agremiações de futebol, se somados os times “calçados”, “descalços” e os de salão. Fazer um programa esportivo para acompanhar todas as atividades desenvolvidas por tantos clubes requer muito esforço, porquanto há uma audiência qualificada atenta e a rádio é o único veículo de comunicação local com as condições de dar visibilidade aos times.

Ter um meio de comunicação local é um privilégio para uma comunidade de mais de vinte mil habitantes e cujos moradores estão espalhados nas mais diversas áreas do bairro, muitas sem fáceis condições de acesso. Esse foi um dos fatores a fazer com que os

profissionais do Núcleo de Assistência Médica Integrada, NAMI buscassem na rádio um espaço sistemático para a difusão de informações.

Mesmo com motivações diversas, os grupos da Economia Solidária e dos estudantes de Enfermagem estão semanalmente nos microfones da emissora, falando para todo o Dendê. Isto, para o grupo de mulheres da Economia Solidária parece constituir-se em um exercício de busca do diálogo com a comunidade, afirmando suas identidades como de pessoas do bairro - no caso do *Momento Saúde* a iniciativa está mais no nível da experimentação de futuros profissionais da área de Enfermagem na difusão de informações sobre os assuntos referentes a esse campo de saber. Naturalmente também é uma forma de potencializar as ações desenvolvidas pelo NAMI na comunidade, ou seja, é uma ação claramente exterior ao universo do Dendê, que ressalta uma visão “de fora” reificadora das pessoas dali.

Enquanto uma experiência se afirma como daquele lugar, seja pela forma como fala para o grupo de vizinhos e sobre o que fala, a outra nega esse lugar – pelo silenciamento das vozes que o representam – e legitima a sua exterioridade e aí expressa a sua diferença como grupo social que está ali contingencialmente fazendo da comunidade do Dendê seu *objeto*. Ao se “absolutizar” a condição de “coitados”, “carentes” ou “necessitados”, dos moradores da comunidade do Dendê, se perde de vista sua potência como sujeitos.

Esse papel atribuído à comunidade pela inserção dos acadêmicos de Enfermagem não encontra correspondência no bairro sobre o qual se comenta no *A Força da Mulher Solidária*. O programa revela um outro Dendê: atravessado por contradições, mas vivo, impulsionado pela “força e pela garra” de homens e mulheres que resistem, a despeito de tantas dificuldades; alegre, criativo, lutador, híbrido, portanto. Enquanto a experiência do grupo de mulheres se organiza como um espaço de emergência de sujeitos, primeiro delas mesmas e depois do conjunto de ouvintes, o outro imputa a quem escuta um papel secundário, o de que “quem não fala obedece”, como diz o ditado popular. Reduzir o Dendê a um lugar de “não-sujeitos” e, portanto, *objeto* para um “de fora” que o reifica, que não é visto com corpo, não tem rosto, nem fala é uma forma de não validar o universo das classes populares, é não reconhecer as “tramas simbólicas”, como diria Martín-Barbero, onde os sujeitos se reconhecem e em que todo sujeito é um sujeito para outro e é ao mesmo tempo sujeito para si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar algumas considerações para rematar este trabalho, ocorre-nos pensar que na verdade estamos a concluir um ciclo; muito pessoal, é verdade. Um período iniciado ainda na escolha para estudar comunicação e erigido a cada dia nos muitos trabalhos de comunicação popular realizados, na percepção de que “outro mundo é possível” e que este se forja no cotidiano de homens e mulheres, mundo afora, com a esperança. Sentimo-nos, citando *ipsis verbis* São Paulo (2 Tm 4.6-8.17-18), combatendo “o bom combate”, a boa luta, que às vezes machuca, cansa, mas principalmente fortalece. Fortalece convicções, a fé, as idéias, um jeito de ser e estar no mundo.

Comparamos esta pesquisa ao exercício de fiar. Tornar mais fino o fio que tece a vida, o cotidiano das gentes do Dendê: suas falas, lutas, sujeitos. Tal qual uma tecelã, sentimo-nos no ofício de tecer outra teia de significações e sentidos para a vida que se urde neste bairro da periferia de Fortaleza. *A Escuta Popular da Rádio Comunitária do Edson Queiroz* - estudo introdutório sobre a produção do sujeito no espaço da periferia não é somente uma dissertação de mestrado, resultado de muitas leituras, estudo, aprendizagens e trocas de saberes, mas principalmente é o arremate de um momento da nossa vida. Lembramo-nos de Galeano, quando, no *Livro dos Abraços*, sentencia.

Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Pra mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo. (GALEANO, 1991, p. 123).

É mesmo esse desejo de novas descobertas e novas possibilidades para o nosso fazer cotidiano que nos lança no desafio da pesquisa. Não temos a inocência de achar que este é um “trabalho pronto”, mas guardamos a convicção de esse é o meu possível. E isso, sem qualquer vaidade, dá uma enorme sensação de alívio.

Temos também a clareza de como se cresce e amadurece, vivenciando a pesquisa de campo, o contato com o outro, o confronto entre a realidade e a leitura, o embate interno entre antigas e novas idéias que se mesclam e se transformam.

As angústias e dúvidas experimentadas, hoje parecem pequenas e insignificantes. Como diz a epígrafe deste trabalho: “Na vida há tempo para tudo, para plantar e para colher”. É este o nosso tempo.

Identificar a maneira como ocorre a produção de sujeitos, a partir da mediação da cultura e cotidiano, em um bairro periférico, tendo como lugar o ambiente da Rádio Comunitária, foi enorme desafio. A compreensão da importância dos sujeitos na comunicação vai ser recuperada, podemos dizer, a partir dos estudos de recepção, porque vai haver um diálogo entre comunicação e cultura. Para Sousa (1995, p.26), “[...] Esse receptor é melhor percebido no mundo da cultura em produção, mais popular, em que a própria comunicação se encontra, daí surgindo novas chances para o encontro do sujeito.”

Esse movimento também foi possível porque houve um reencontro dos estudos de comunicação com a sociedade latino-americana, um “olhar para si”, na compreensão de Martín-Barbero.

Este trabalho é uma experiência concreta com o exercício do diálogo – comunidade e autores, ambiente acadêmico e cultural do mundo de vida. Para retomar alguns eixos estruturantes da nossa fala optaríamos por Martín-Barbero e Freire, por suas vozes estarem de modo mais proeminente no texto analítico, onde é adquirida mais densidade.

Dizemos, pois, que nossa visão deve muito às proposições de Martín-Barbero, para quem pensar o sujeito da comunicação é refletir o sujeito da vida. A comunicação sucede pela troca, pelos intercâmbios de informação, mas também de sentidos produzidos, partilhados. Deslocar a esfera da ênfase dos circuitos de comunicação para a dos processos de subjetivação, no contexto da rádio comunitária – essa, a perspectiva escolhida. O desdobramento ganho na pesquisa: perceber o político no seio da cultura e ver a cultura não como epifenômeno, mas como articulação de vida e cotidiano, poder e sensibilidade.

Paulo Freire, exprimia o conceito da dialogia nos processos educativos, alcança balizar a todo o tempo nossa perspectiva para os contextos plurais de produção do conhecimento e linguagens como percursos de humanização, essa vocação ontológica de humanizar-se. As idéias dos dois pensadores – Freire e Martín-Barbero - convergem para dar uma base ao entrecruzamento de dois planos discursivos: o da comunicação e o da educação.

O aspecto educativo nos põe diante da pergunta permanente: a que modelo de humano estamos conduzindo e a que devir coletivo ou horizontes de socialidade estamos apontando? É como se perguntássemos: quando lidamos com os meios e as mediações, aonde nos levam nossas palavras – que Outro estamos a colocar dentro do Outro?

A análise do Programa *Momento Saúde*, resultado do estudo de recepção com o grupo de mulheres do Dendê identifica uma ausência das vozes da comunidade – silenciamentos, nos espaços de produção de conhecimentos que são os propostos pelo programa. Como pensar um programa de rádio para uma comunidade periférica em que não haja um diálogo mais explícito com a cultura e a vida dessa gente?

É possível identificar, ainda, como os discursos sobre saúde assumem um caráter impositivo e autoritário e que em nada dialogam com a cultura da audiência a que se destinam. O *como* acontecem estes silenciamentos foi sendo devassado. Ficava impossível, então, não ser propositiva, nossa intervenção: assim, também ela poderia ser lida como um novo tipo de silêncio – daí o programa *A Força da Mulher Solidária*.

Dessa reflexão nasce, a partir da experiência da escuta coletiva com o grupo de mulheres, outro espaço de fala da comunidade na Rádio Comunitária Edson Queiroz - o programa *A Força da Mulher Solidária*.

A elaboração do programa, bem como a escuta de quatro edições de *A Força da Mulher Solidária*, fazem emergir outro Dendê, distinto do que é revelado pelo programa das estudantes de Enfermagem. Vimos como a resistência se tece por meio da cultura e como é ela entretecida da reflexão também sobre o poder, o político.

A constituição dos sujeitos no espaço da periferia acontece quando as mulheres ocupam o microfone da Rádio Comunitária Edson Queiroz para falar consigo mesmas e com os outros, em um exercício dialogal com a realidade delas e com suas vidas. Assumirem-se “empreendedoras”, “de força, de garra, de luta”; fazer algo que vai além da comercialização de produtos na feirinha confere a elas outra identidade distinta da visão reducionista de “mulheres da periferia”. Elas assumem o que Martín-Barbero nomeia de “maternidade social”, que se organiza no seio das classes populares e confere uma nova grandeza à ação das mulheres no bairro.

Reiteramos: este trabalho não estaria completo sem o exercício deste programa. Como disse Gonçalves, a recepção abre muitas portas e janelas, e é impossível passar por todas, mas também não seria possível participar por um longo período da vida das mulheres do Dendê, fazer a pesquisa, e ir embora sem estimulá-las a praticar a comunicação longe do sentido de “remessa em um único sentido”, como conceituava Williams.

Mover-se do lugar de ouvintes para o de produtoras de conteúdos conferiu a essas mulheres outro lugar de fala na comunidade e também na vida; essa dupla via que munia nossa visão pôs de modo mais claro para nós o modo como se produz subjetividade, ao se laborar processos de comunicação.

E mais: possibilitou à Rádio Comunitária Edson Queiroz constituir um diálogo mais sólido com outros grupos da comunidade, tal qual acontece com o programa esportivo. Experiência e criação no exercício de “autoralidade” das mulheres foi se deslanchando: nessa esteira se revelaram outras vozes, novas histórias, renovadas experiências, que ora se mesclaram, se esgarçaram e se fortaleceram, mas possibilitaram perceber que, ao tomarmos determinado caminho, comunicação é educação. Também por tornar mais perto da mão os possíveis - que Paulo Freire nomeou de “inédito viável”. E porque, nesse trajeto, há um aspecto propositivo que se tece como direção do agregado social. Vamos?

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**. Introdução ao Jogo e a suas regras. 8. ed.. São Paulo: Loyola, 2004.

AMORIM, Rizioneide S. **A economia solidária, um passo além da informalidade: a experiência do Dendê – Fortaleza – Ceará**, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

ANDRADE, J.T. (org.). **Pesquisa O Adolescente do Dendê** – comunidade, comportamento e sexualidade. Fortaleza: UNIFOR, 1992.

ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. Opulência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Revista electronica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, v. VII, n. 128(030), ago. 2003.

ARDOÍNO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos: EdUFSCAR, 1998. p. 24 - 41.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau**. São Paulo: Annablume, 1999.

BAHKTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BALSEBRE, Armand. A Linguagem Radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Insular, 2005. cap. 29 , p. 327-336.

BARROSO, Grasiela Teixeira; VIEIRA, Neiva Francenely C.; VARELA, Zulene Maria de V.(orgs.) **Educação em Saúde no contexto da promoção humana**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103 – 119.

_____. O Narrador: observações acerca da obra de Nicolau Lescov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197 - 221.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte:UFMG, 1998.

BLOIS, Marlene. **Rádio Educativo no Brasil: uma história em construção**. In: XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte, 2001.

BRAGA, Elza; BARREIRA, Irllys. **A política da escassez – lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1991.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Hacker, 2001.

BOGDAN, Robert C.;BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular – Leituras Operárias**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

BUSS, Paulo Marchiori. Saúde e Qualidade de Vida. In: COSTA, Nilson do Rosário; RIBEIRO, José Mendes (org.) **Política de Saúde e Inovação Institucional: Uma Agenda para os Anos 90**. Rio de Janeiro: ENSP, 1996. p.173-188.

CATRIB, Ana Maria Fontenelle et al. Promoção da Saúde: saber fazer em construção. In: BARROSO, Grasiela Teixeira; VIEIRA, Neiva Francenely C.; VARELA, Zulene Maria de V. (orgs.) **Educação em Saúde no Contexto da Promoção Humana**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. p. 39-46.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas – Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COGO, Denise Maria. **No ar...uma rádio comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

ESCOTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no ar – o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FERREIRA, Antônio José Alves, **Cartilha Comemorativa dos 35 anos do Bairro Edson Queiroz**. Fortaleza: Entidade Comunitária de Cultura, Esporte e Desenvolvimento do Bairro Edson Queiroz (ECCED), 2005.

FERREIRA, Jaqueline. O Corpo Sígnico. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs). **Saúde e Doença – um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. cap. 08 , p. 101 - 112.

FRANÇA, Vera Regina Veiga ; SIMÕES, Paula Guimarães. Rádio Favela: Um outro lugar de fala. In:_____. **Imagens do Brasil – modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 221 – 241.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, Isaurora C. M. Projeto de Pesquisa da Periferia ao palco: o projeto Edisca e a dança pela cidadania. In: GONDIM, Linda M. P.(org.) **Pesquisa em Ciências Sociais – o projeto da dissertação do mestrado**. Fortaleza, EDUFC, 1999. cap. 03 , p. 39-57.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12.ed. Rio de Janeiro:Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GONÇALVES, Maria Ronízia. **Rádio no Beco: Cotidiano e Linguagem**. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

GUARESCHI, N.M.F; Bruschi, M.E. (orgs.) **Psicologia Social nos Estudos Culturais – Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GUATTARI, Félix. In: MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres: a reforma agrária no ar**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Prefácio, p. 09 - 13.

GUIMARÃES, César; VAZ, Paulo Bernardo; FRANÇA Silva, Regina Helena (orgs). **Imagens do Brasil – Modos de Ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HABERMAS, Jurgen. **Pensamento Pós-Metafísico: Estudos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **A Inclusão do Outro – Estudos de Teoria Política**. São Paulo: Loyola, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana.** Barcelona: Peninsula, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil em Síntese.**
Disponível em: < www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/> Acesso em: 27 fev. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios.** Brasília, 2001.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios.** Brasília, 2000.

_____. **Pesquisa sobre Indicadores Sociais Mínimos.** Brasília, 1999.

LIMA, Venício Artur de. **Comunicação e Cultura:** as Idéias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, Nonato e PINHEIRO, Andréa. **Rádio e desenvolvimento infantil: Análise de estratégias de comunicação e educação para a cidadania.** In. XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte, 2001.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O Tortuoso e Doce Caminho da Sensibilidade.** Um Estudo sobre Arte e Educação. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de;BORELLI, Sílvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a Telenovela – Mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Summus, 2002.

MACLEISH, Robert. **Produção de Rádio.** Um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres:** a reforma agrária no ar. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, M. W. (org.) **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. cap. 2, p.39-68.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para Elaboração de Monografias e Dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papirus, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio-** no Movimento dos Sentidos. Campinas: UNICAMP, 1993.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Declaração de Alma-ata**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm>. Acesso em: 27 fev. 2006.

OROZCO, Guillermo Gómez. Travesías de la recepción en América Latina. In: **Recepción y mediaciones** – casos de investigación em América Latina. Buenos Aires: Norma, 2002. cap. 01, p. 15 - 23.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática**, 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

PEREIRA, Simone Luci. **Sons, vozes e corpos na comunicação: contribuições de Paul Zumthor ao estudo das mídias sonoras**. In. XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais...Belo Horizonte, 2003.

PESQUISA Nacional de Saneamento Básico. **Revista Atualização Médica**, jan. 2000. Disponível em: <www.ram.uol.com.br/materias.asp?id=503>. Acesso em: 27 fev. 2006.

PIRES, Vera Lúcia. Relações de Gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.32, n.1, p.103-124, 1997.

QUADROS, Marta Campo. **Era uma vez, há muito tempo...o rádio- oralidade e tecnologia no cotidiano globalizado.** In. XXIII CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 2000, Campo Grande. Anais...Campo Grande, 2000.

RABELO, Desiree Cipriano. Da Linguagem às Mediações. In: MELO, José Marques de; DIAS, Paulo da Rocha (Orgs). **Comunicação, Cultura, Mediações** – O percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999. p. 75 - 97.

RUÓTOLO, Antônio Carlos. Audiência e recepção: perspectivas. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 30, p. 157 - 170 , 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa.**São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências.** 10. ed. Porto: Afrontamento, 1998.

SILVA, Júlia Lúcia Albano. **Rádio:** oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablumme, 1999.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: _____. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. cap. 01 , p. 13 -38.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1988.

TULIO, Demitri. “Passou da ‘fronteira’, morre!” **O Povo**, Fortaleza, mai. 2005. p. 15 -17

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. Núcleo de Atendimento Médico Integrado. **Dados coletados pelo NAMI.** Fortaleza, 2002.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação popular e a atenção à saúde da família.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Educação Popular nos serviços de saúde.** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A Medicina e o Pobre.** São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. A priorização da família nas políticas de saúde. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v.23, n.53, p. 06 - 19 , set/dez.1999.

VASSALLO LOPES, Maria Immacolata. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção e teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

VEM aí a Regional VII. **O Povo**, Fortaleza, p. 19 - 23 fev. 2006.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apasionados**. Quito: Amarc/Aler, 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cultura e Sociedade 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

ZALUAR, Alba. **A Máquina e a Revolta** – As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.

APÊNDICE A – Indicadores da Área Amarela

a) Área Amarela

TABELA 2 – Área Amarela - Indicadores de sexo, renda e escolaridade

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	768	48,1
	Feminino	828	51,9
Renda Familiar	Menos de um salário mínimo	47	14,8
	Entre um e dois salários mínimos	179	56,3
	Mais de dois salários mínimos	91	28,6
	Não tem renda	1	0,3
Escolaridade	Alfabetizado	1271	79,6
	Não alfabetizado	325	20,4

Fonte: elaboração própria

TABELA 3 - Área Amarela - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Taipa não revestida	1	0,3
	Taipa revestida	2	0,6
	Tijolo	322	99,1
Abastecimento de água	Água mineral	1	0,3
	Poço	15	4,7
	Rede Geral	306	95,0
Tratamento de água	Clorada	35	13,2
	Fervida	7	2,6
	Filtrada	223	84,2
Destino de fezes e urina	Céu aberto	13	4,1
	Fossa negra	26	8,2
	Sistema de esgoto	230	72,3
Destino do lixo	Céu aberto	3	0,9
	Coleta pública	320	99,1

Fonte: elaboração própria.

TABELA 4 - Área Amarela - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)	
Em caso de doença, procura	CIES	1	0,3	
	Farmácia	1	0,3	
	Hospital	77	24,0	
	Hospital e unidade de saúde	37	11,5	
	NAMI	205	63,9	
Doença referida	Alcoolismo	29	8,9	
	Alergia	2	0,6	
	Artrite	1	0,3	
	Asma	33	10,1	
	AVC	1	0,3	
	Cardíaco	4	1,2	
	Chagas	1	0,3	
	Deficiente auditivo	1	0,3	
	Deficiente físico	15	4,6	
	Desnutrição	3	0,9	
	<i>Diabetes Mellitus</i>	32	9,8	
	Doença mental	15	4,6	
	Drogas	2	0,6	
	Epilepsia	4	1,2	
	Hanseníase	2	0,6	
	Doença referida	Hipertensão	98	30,0
Neurológico		1	0,3	
Tabagismo		80	24,5	
Tuberculose		2	0,6	
Úlcera		1	0,3	
Plano de saúde		Hapvida	2	66,7
		Unimed	1	33,3
Causa de óbito		Acidente	1	14,3
	Assassinato	1	14,3	
	Cirrose	1	14,3	
	Complicações cirúrgicas	1	14,3	

	Número absoluto	Percentual (%)	
Causa de óbito	Infarto	1	14,3
	Morte natural	2	28,6

Fonte: elaboração própria.

TABELA 5 - Área Amarela - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.

	Número absoluto	Percentual (%)	
Meios de comunicação	Jornal	3	0,9
	Rádio	36	11,3
	Rádio e televisão	105	32,8
	Televisão	176	55,0
Participação em grupos comunitários	Associação	7	6,7
	Cooperativa	2	1,9
	Esporte	2	1,9
	Grupo religioso	94	89,5

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE B – Indicadores da Área Vermelha

b) Área Vermelha

TABELA 6 - Área Vermelha - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	904	46,9
	Feminino	1025	53,1
Renda familiar	Menos de um salário mínimo	59	15,7
	Entre um e dois salários mínimos	182	48,5
	Mais de dois salários mínimos	134	35,7
Escolaridade	Alfabetizado	1541	79,9
	Não alfabetizado	388	20,1

Fonte: elaboração própria.

TABELA 7 - Área Vermelha - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina:

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de Casa	Tijolo	389	100,0
Abastecimento de água	Água mineral	1	0,3
	Poço	2	0,5
Abastecimento de água	Outros	5	1,3
	Clorada	52	13,3
Tratamento de água	Fervida	9	2,3
	Filtrada	275	70,3
	Sem tratamento	55	14,1
Destino de fezes e urina	Céu aberto	23	5,9
	Fossa negra	37	9,6
	Fossa séptica	250	64,6
	Sistema de esgoto	77	19,9
Destino do lixo	Céu aberto	48	12,3
	Coleta pública	341	87,4
	Enterrado	1	0,3

Fonte: elaboração própria.

TABELA 8 - Área Vermelha - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)
Em caso de doença, procura	Benzedeira	1	0,3
	CIES	2	0,5
	Farmácia	3	0,8
	Hospital	57	14,8
	Hospital e unidade de saúde	50	13,0
	NAMI	273	70,7
Doença referida	Alcoolismo	63	12,4
	Alergia	5	1,0
	Asma	57	11,2
	AVC	1	0,2
	Câncer	2	0,4
Doença referida		Número absoluto	Percentual (%)
	Cardíaco	6	1,2
	Chagas	2	0,4
	Colesterol alto	3	0,6
	Deficiência física	11	2,2
	Deficiente auditivo	2	0,4
	Depressão	1	0,2
	Desnutrição	5	1,0
	<i>Diabetes Mellitus</i>	40	7,8
	Doença mental	17	3,3
	Drogas	7	1,2
	Epilepsia	1	0,2
	Gastrite	1	0,2
	Hanseníase	1	0,2
	Hepatite	132	25,9
	Hipertensão	2	0,4
	Lupos eritematoso	1	0,2
	Mioma	2	0,4
	Neurológico	1	0,2
	Osteoporose	139	27,3

	Tabagismo	2	0,4
	Tireóide	5	1,0
	Tuberculose	1	0,2
Plano de saúde	Hapvida	1	12,5
	C. S. São Raimundo	4	50,0
	Unimed	3	37,5
Causa de óbito	Assassinato	1	6,3
	<i>Diabetes Mellitus</i>	1	6,3
	Infarto	5	31,3
	Morte natural	7	43,8
	Natimorto	1	6,3
	Trombose	1	6,3

Fonte: elaboração própria.

TABELA 9 - Área Vermelha - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias

		Número absoluto	Percentual (%)
Meio de comunicação	Rádio	34	12,5
	Rádio e televisão	167	61,2
	Telefone	1	0,4
	Televisão	71	26,0
Participação em grupos comunitários	Associação	4	2,7
	Grupo Cabelos Brancos	3	2,0
	Grupo Religioso	142	95,3

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE C – Indicadores da Área Laranja

c) Área Laranja

TABELA 10 - Área Laranja - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	1102	46,9
	Feminino	1247	53,1
Renda Familiar	Menos de um salário mínimo	91	20,7
	Entre um e dois salários mínimos	243	55,4
	Mais de dois salários mínimos	103	23,5
	Não tem renda	2	0,5
Escolaridade	Alfabetizado	1786	76,0
	Não alfabetizado	563	24,0

Fonte: elaboração própria

TABELA 11 - Área Laranja - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Tijolo	456	100,0
Abastecimento de água	Água mineral	1	0,2
	Poço	1	0,2
	Rede geral	444	98,4
	Outros	5	1,1
Tratamento de água		Número absoluto	Percentual (%)
	Clorada	66	14,5
	Fervida	15	3,3
	Filtrada	284	62,6
	Sem tratamento	89	19,6
Destino de fezes e urina	Céu aberto	24	5,3
	Fossa negra	6	1,3
	Fossa séptica	372	81,9
	Sistema de esgoto	52	11,5
Destino do lixo	Céu aberto	5	1,1
	Coleta pública	449	98,5
	Enterrado	1	0,2

Queimado	1	0,2
----------	---	-----

Fonte: elaboração própria.

TABELA 12 - Área Laranja - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)	
Em caso de doença, procura	CIES	1	0,2	
	Hospital	37	8,1	
	Hospital e unidade de saúde	21	4,6	
	NAMI	396	87,0	
Doença referida	Aids	2	0,4	
	Alcoolismo	57	11,0	
	Alergia	1	0,2	
	Asma	76	14,7	
	AVC	3	0,6	
	Câncer	1	0,2	
	Cardíaco	10	1,9	
	Chagas	1	0,2	
	Colesterol alto	1	0,2	
	Deficiência física	21	4,1	
	Deficiência renal	2	0,4	
	Doença referida	Deficiência auditiva	2	0,4
		Desnutrição	11	2,1
		<i>Diabetes Mellitus</i>	27	5,2
		Doença mental	16	3,1
Drogas		1	0,2	
DST		1	0,2	
Epilepsia		6	1,2	
Gastrite		2	0,4	
Hipertensão		131	25,4	
Pneumonia		1	0,2	
Tabagismo		138	26,7	

	Tuberculose	4	0,8
	Úlcera	1	0,2
Plano de saúde	---	---	---
	Câncer	1	7,1
	Eclâmpsia	1	7,1
Causa de óbito	Infarto	8	57,1
	Morte natural	2	14,3
	Não informou	1	7,1
	Outros	1	7,1

Fonte: elaboração própria.

TABELA 13 - Área Laranja - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias

		Número absoluto	Percentual (%)
	Rádio	108	24,6
Meio de comunicação	Rádio e televisão	118	26,9
	Televisão	213	48,5
Participação em grupos comunitários	Associação	32	23,5
	Cooperativa	4	2,9
	Esporte	2	1,5
	Grupo Cabelos Brancos	1	0,7
		Número absoluto	Percentual (%)
	Grupo religioso	97	71,3

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE D – Indicadores da Área Verde

d) Área Verde

TABELA 14 - Área Verde - Indicadores de sexo, renda e escolaridade

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	1091	48,2
	Feminino	1174	51,8
Renda familiar	Menos de um salário mínimo	91	20,0
	Entre um e dois salários mínimos	250	54,8
	Mais de dois salários mínimos	114	25,0
	Não tem renda	1	0,2
Escolaridade	Alfabetizado	1729	76,3
	Não alfabetizado	536	23,7

Fonte: elaboração própria

TABELA 15 - Área Verde - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Madeira aproveitada	1	0,2
	Taipa revestida	1	0,2
	Tijolo	475	99,6
Abastecimento de água	Água mineral	2	0,4
	Poço	6	1,3
	Rede geral	464	97,5
Abastecimento de água	Outros	4	0,8
	Clorada	74	15,5
Tratamento de água	Fervida	22	4,6
	Filtrada	289	60,6
	Sem tratamento	92	19,3
		Número absoluto	Percentual (%)
Destino de fezes e urina	Céu aberto	22	4,7
	Fossa negra	48	10,1
	Fossa séptica	345	72,9

	Sistema de esgoto	58	12,3
	Céu aberto	10	2,1
Destino do lixo	Coleta pública	466	97,5
	Queimado	2	0,4

Fonte: elaboração própria.

TABELA 16 - Área Verde - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)	
Em caso de doença, procura	Benzedeira	1	0,2	
	Farmácia	6	1,3	
	Hospital	58	12,3	
	Hospital e unidade de saúde	76	16,1	
	CIES	2	0,4	
	NAMI	330	69,8	
Doença referida	Alcoolismo	79	12,5	
	Alergia	1	0,2	
	Asma	86	13,6	
	AVC	5	0,8	
	Câncer	1	0,2	
	Cardíaco	5	0,8	
	Colesterol alto	3	0,5	
	Deficiência física	14	2,2	
	Deficiência renal	3	0,5	
	Deficiência auditiva	6	0,9	
	Deficiência visual	1	0,2	
	Depressão	1	0,2	
	Dermatite	1	0,2	
	Desnutrição	10	1,6	
	Doença referida		Número absoluto	Percentual (%)
		<i>Diabetes Mellitus</i>	40	6,3
	Doença mental	14	2,2	
	Drogas	2	0,3	

	DST	1	0,2
	Epilepsia	10	1,6
	Gastrite	1	0,2
	Hipertensão	137	21,6
	Osteoporose	1	0,2
	Pneumonia	1	0,2
	Síndrome de Down	1	0,2
	Tabagismo	199	31,4
	Tuberculose	10	1,6
Plano de saúde	Aguanambi Saúde	3	14,3
	Hapvida	4	19,0
	Unimed	14	66,7
Causa de óbito	Aborto	1	4,8
	Assassinato	1	4,8
	Atropelamento	3	14,3
	Câncer	8	38,1
	Cirrose	2	9,5
	Complicações cirúrgicas	1	4,8
	Doenças de Chagas	4	19,0
	Infarto	1	4,8

Fonte: elaboração própria.

TABELA 17 - Área Verde - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.

		Número absoluto	Percentual (%)
Meio de comunicação	Rádio	59	13,2
	Rádio e televisão	163	36,4
	Telefone	2	0,4
	Televisão	224	50,0
Participação em grupos comunitários		Número absoluto	Percentual (%)
	Associação	39	28,1
	Cooperativa	4	2,9
	Dança	1	0,7

Esporte	1	0,7
Grupo Cabelos Brancos	7	5,0
Grupo religioso	87	62,6

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE E – Indicadores da Área Azul

e) Área Azul

TABELA 18 - Área Azul - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	945	47,5
	Feminino	1043	52,5
Renda familiar	Menos de um salário mínimo	47	11,9
	Entre um e dois salários mínimos	191	48,5
	Mais de dois salários mínimos	153	38,8
	Não tem renda	3	0,8
Escolaridade	Alfabetizado	1622	80,3
	Não alfabetizado	377	18,7

Fonte: elaboração própria.

TABELA 19 - Área Azul - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Tijolo	403	100,0
	Poço	5	1,2
Abastecimento de água	Rede geral	395	98,5
	Outros	1	0,2
Tratamento de água	Clorada	42	12,2
	Fervida	8	2,3
	Filtrada	295	85,5
Destino de fezes e urina		Número absoluto	Percentual (%)
	Céu aberto	13	3,2
	Fossa negra	31	7,7
	Fossa séptica	310	76,5
	Sistema de esgoto	51	12,6
Destino do lixo	Céu aberto	13	3,2
	Coleta pública	389	96,8

Fonte: elaboração própria.

TABELA 20 - Área Azul - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)	
Em caso de doença, procura	CIES	2	0,5	
	Farmácia	3	,8	
	Hospital ou unidade de saúde	46	11,5	
	Hospital	74	18,5	
	NAMI	274	68,7	
Doença referida	Alcoolismo	71	12,6	
	Alergia	4	0,7	
	Artrite	1	0,2	
	Asma	79	14,0	
	AVC	1	0,2	
	Câncer	1	0,2	
	Cardíaco	8	1,4	
	Chagas	1	0,2	
	Colesterol alto	2	0,4	
	Deficiência física	16	2,8	
	Deficiência renal	8	1,4	
	Deficiência auditiva	3	0,5	
	Depressão	1	0,2	
	Dermatite	1	0,2	
	Desnutrição	1	0,2	
	<i>Diabetes Mellitus</i>	49	8,7	
	Doença referida		Número absoluto	Percentual (%)
		Doença mental	15	2,7
		Drogas	1	0,2
		Epilepsia	8	1,4
Gastrite		2	0,4	
Hanseníase		3	0,5	
Hipertensão		150	26,5	
Neurológico		1	0,2	
Tabagismo		138	24,4	
Plano de saúde	Aguanambi Saúde	2	12,5	

	Correios	3	18,8
	Hapvida	3	18,8
	Unimed	8	50,0
Causa de óbito	Aids	1	7,7
	Câncer	2	15,4
	Infarto	3	23,1
	Morte natural	2	15,4
	Natimorto	1	7,7
	Outros	2	15,4
	Pneumonia	2	15,4

Fonte: elaboração própria.

TABELA 21 - Área Azul - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.

		Número absoluto	Percentual (%)
Meio de comunicação	Rádio	59	13,2
	Rádio e televisão	163	36,4
	Telefone	2	0,4
	Televisão	224	50,0
Participação em grupos comunitários	Associação	39	28,1
	Cooperativa	4	2,9
	Dança	1	0,7
Participação em grupos comunitários		Número absoluto	Percentual (%)
	Esporte	1	0,7
	Grupo Cabelos Brancos	7	5,0
	Grupo religioso	87	62,6

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE F – Indicadores da Área Marrom

f) Área Marrom

TABELA 22 - Área Marrom - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	423	49,4
	Feminino	434	50,6
Renda familiar	Menos de um salário mínimo	76	43,2
	Entre um e dois salários mínimos	90	51,1
	Mais de dois salários mínimos	8	4,5
	Não tem renda	2	1,1
Escolaridade	Alfabetizado	594	69,3
	Não alfabetizado	263	30,7

Fonte: elaboração própria.

TABELA 23 - Área Marrom - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Madeira	10	5,4
	Madeira aproveitada	9	4,8
	Taipa não revestida	20	10,8
	Taipa revestida	12	6,5
	Tijolo	135	72,6
Abastecimento de água	Poço	8	4,3
	Rede geral	171	92,4
	Outros	6	3,2
Tratamento de água	Clorada	45	23,9
	Fervida	7	3,7
Tratamento de água		Número absoluto	Percentual (%)
	Filtrada	91	48,4
	Sem tratamento	45	23,9
Destino de fezes e urina	Céu aberto	124	66,7
	Fossa negra	13	7,0
	Fossa séptica	32	17,2

	Sistema de esgoto	17	9,1
	Céu aberto	68	36,0
Destino do lixo	Coleta pública	115	60,8
	Enterrado	1	0,5
	Queimado	5	2,6

Fonte: elaboração própria.

TABELA 24 - Área Marrom - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)
Em caso de doença, procura	Benzedeira	1	0,5
	CIES	2	1,1
	Hospital	17	9,1
	NAMI	152	81,7
	Unidade de saúde	14	7,5
Doença referida	Aids	1	0,3
	Alcoolismo	43	14,4
	Alergia	5	1,7
	Artrite	1	0,3
	Asma	58	19,4
	Câncer	1	0,3
	Cardíaco	7	2,3
	Deficiência física	4	1,3
	Deficiência renal	3	1,0
	Deficiência auditiva	1	0,3
	Depressão	1	0,3
	Dermatite	9	3,0
	Doença referida		Número absoluto
	Desnutrição	11	3,7
	<i>Diabetes Mellitus</i>	7	2,3
	Doença mental	12	4,0
	DST	1	0,3
	Epilepsia	7	2,3

	Hanseníase	1	0,3
	Hepatite	2	0,7
	Hipertensão	32	10,7
	Tabagismo	88	29,4
	Tireóide	1	0,3
	Tuberculose	3	1,0
Plano de saúde	Unimed	1	100,0
Causa de óbito	Assassinato	2	20,0
	Desnutrição	1	10,0
	Infarto	2	20,0
	Leucemia	2	20,0
	Morte natural	1	10,0
	Trombose	2	20,0

Fonte: elaboração própria.

TABELA 25 - Área Marrom - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.

		Número absoluto	Percentual (%)
Meio de comunicação	Radio	30	18,0
	Rádio e televisão	70	41,9
	Telefone	1	0,6
	Televisão	66	39,5
Participação em grupos comunitários	Associação	13	26,0
	Cooperativa	2	4,0
	Grêmio estudantil	1	2,0
	Grupo religioso	34	68,0

Fonte: elaboração própria

APÊNDICE G – Indicadores da Área Lilás

g) Área Lilás

TABELA 26 - Área Lilás - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	214	49,9
	Feminino	215	50,1
Renda Familiar	Menos de um salário mínimo	10	11,4
	Entre um e dois salários mínimos	47	53,4
	Mais de dois salários mínimos	31	35,2
Escolaridade	Alfabetizado	365	85,1
	Não alfabetizado	64	14,9

Fonte: elaboração própria.

TABELA 27 - Área Lilás - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Madeira	1	1,1
	Taipa revestida	2	2,2
	Tijolo	88	96,7
Abastecimento de água	Poço	7	7,8
	Rede Geral	83	92,2
Tratamento de água	Clorada	16	17,6
	Fervida	2	2,2
	Filtrada	67	73,6
	Sem tratamento	6	6,6
Destino de fezes e urina	Céu aberto	6	6,7
	Fossa negra	3	3,3
	Fossa séptica	63	70,0
	Sistema de esgoto	18	20,0
Destino do lixo	Céu aberto	3	3,3
	Coleta pública	82	90,1
	Queimado	6	6,6

Fonte: elaboração própria.

TABELA 28 - Área Lilás - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)
Em caso de doença, procura	Farmácia	4	4,4
	Hospital	32	35,2
	Hospital e unidade de saúde	16	17,6
	NAMI	39	42,9
Doença referida	Alcoolismo	8	7,4
	Epilepsia	3	2,8
	Hipertensão	27	25,0
	Lupus eritematoso	1	0,9
	Osteoporose	1	0,9
	Tabagismo	23	21,3
	Tuberculose	3	2,8
	Asma	16	14,8
	Cardíaco	1	0,9
	Colesterol alto	1	0,9
	Deficiência física	7	6,5
	Deficiência auditiva	2	1,9
	Desnutrição	1	0,9
	<i>Diabetes Mellitus</i>	11	10,2
	Doença mental	3	2,8
	Plano de saúde	SAMC	3
UNIMED		4	57,1
Causa de óbito	Afogamento	1	12,5
	Aids	1	12,5
	Apendicite	1	12,5
	Câncer	1	12,5
	Infarto	3	37,5
	Pneumonia	1	12,5

Fonte: elaboração própria.

TABELA 29 - Área Lilás - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias.

		Número absoluto	Percentual (%)
	Rádio	14	15,6
Meio de comunicação	Rádio e televisão	33	36,7
	Televisão	43	47,8
Participação em grupos comunitários	Cooperativa	2	6,7
	Grupo religioso	28	93,3

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE H– Indicadores da Área Pink

h) Área Pink

TABELA 30 - Área Pink - Indicadores de sexo, renda e escolaridade.

		Número absoluto	Percentual (%)
Sexo	Masculino	188	51,5
	Feminino	177	48,5
Renda familiar	Menos de um salário mínimo	42	48,8
	Entre um e dois salários mínimos	32	37,2
	Mais de dois salários mínimos	3	3,5
	Não tem renda	9	10,5
Escolaridade	Alfabetizado	262	71,8
	Não alfabetizado	103	28,2

Fonte: elaboração própria.

TABELA 31 - Área Pink - Tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água, destino do lixo, de fezes e urina.

		Número absoluto	Percentual (%)
Tipo de casa	Madeira	29	32,6
	Madeira aproveitada	18	20,2
	Taipa não revestida	10	11,2
	Taipa revestida	2	2,2
	Tijolo	30	33,7
Abastecimento de água		Número absoluto	Percentual (%)
	Poço	49	55,1
	Rede geral	31	34,8
	Outros	9	10,1
Tratamento de água	Clorada	12	13,3
	Fervida	5	5,6
	Filtrada	46	51,1
	Sem tratamento	27	30,0
Destino de fezes e urina	Céu aberto	42	47,7
	Fossa negra	14	15,9
	Fossa séptica	29	33,0

	Sistema de esgoto	3	3,4
Destino do lixo	Céu aberto	61	67,0
	Coleta pública	30	33,0

Fonte: elaboração própria.

TABELA 32 - Área Pink - Indicadores de cuidados com a saúde.

		Número absoluto	Percentual (%)	
Em caso de doença, procura	Hospital	10	11,2	
	Hospital e unidade de saúde	9	10,1	
	NAMI	70	78,7	
Doença referida	Alcoolismo	16	14,3	
	Artrite	1	0,9	
	Asma	29	25,9	
	Câncer	1	0,9	
	Cardíaco	2	1,8	
	Deficiência física	2	1,8	
	Dermatite	1	0,9	
	Desnutrição	3	2,7	
	<i>Diabetes Mellitus</i>	3	2,7	
	Doença mental	3	2,7	
	Drogas	1	0,9	
		Número absoluto	Percentual (%)	
	Doença referida	DST	1	0,9
		Gastrite	1	0,9
Hipertensão		12	10,7	
Pneumonia		6	5,4	
Tabagismo		27	24,1	
Tireóide		1	0,9	
Tuberculose		2	1,8	
Causa de óbito	Pneumonia	1	50,0	
	Não informada	1	50,0	

Fonte: elaboração própria.

TABELA 33 - Área Pink - Meios de comunicação e participação em atividades comunitárias

		Número absoluto	Percentual (%)
	Rádio	19	24,1
Meio de comunicação	Rádio e televisão	37	46,8
	Televisão	23	29,1
Participação em grupos comunitários	Associação	11	29,7
	Grupo religioso	26	70,3

Fonte: elaboração própria.